

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO – ESAT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES –PPGLA**

Karina Santos da Silva

**ESTUDO COMPARATIVO DO SISTEMA SONORO DAS GRAMÁTICAS DE
FERNÃO DE OLIVEIRA E JOÃO DE BARROS E SUA COLABORAÇÃO
PARA A FORMULAÇÃO DA GRAMÁTICA NORMATIVA DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

**MANAUS –AM
2020**

Karina Santos da Silva

**ESTUDO COMPARATIVO DO SISTEMA SONORO DAS GRAMÁTICAS DE
FERNÃO DE OLIVEIRA E JOÃO DE BARROS E SUA COLABORAÇÃO
PARA A FORMULAÇÃO DA GRAMÁTICA NORMATIVA DA LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito final para obtenção do
título de Mestre em Letras e Artes do
Programa de Pós-Graduação em
Letras e Artes da Universidade do
Estado do Amazonas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Renato
R. de Jesus.

**MANAUS-AM
2020**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S586e da Silva, Karina Santos
Estudo comparativo do sistema sonoro das gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros e sua colaboração para a formulação da gramática normativa da Língua Portuguesa / Karina Santos da Silva. Manaus : [s.n], 2020.
91 f.: color.; 30 cm.

Dissertação - PGSS - Letras e Artes (Mestrado) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2020.
Inclui bibliografia
Orientador: Jesus, Carlos R. R. de

1. Gramática. 2. Fernão de Oliveira. 3. João de Barros. 4. Sistema Vocálico. 5. Sistema Consonantal.
I. Jesus, Carlos R. R. de (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Estudo comparativo do sistema sonoro das gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros e sua colaboração para a formulação da gramática normativa da Língua Portuguesa

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Renato R. de Jesus

Prof. Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira

Prof. Dr. Valteir Martins

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família que, desde o período de seleção do mestrado, me apoiou e acreditou que eu poderia chegar mais longe do que eu imaginava.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Eurismar, minha irmã Kamila e ao meu pai, Ademar (*In memoriam*), que, apesar de tudo, acreditaram no meu esforço e não deixaram de me apoiar durante a caminhada das disciplinas e elaboração desta pesquisa;

Ao Patrick Keven, meu namorado, que me deu forças e teve paciência com os meus surtos, sem contar que aguentou me ouvir falar dessa pesquisa que se tornou parte de mim;

A todas as pessoas próximas a mim, sejam elas amigos ou conhecidos, que acreditaram em mim mais do que eu que conseguiria ingressar no mestrado por mérito e esforço;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Renato R. de Jesus, que teve paciência de me ajudar e me orientar e poder fazer esse produto de estudo de 24 meses ser real e ser apresentado;

A FAPEAM, que fomentou esta pesquisa com o fornecimento de recursos para que ela fosse realizada;

A toda equipe do PPGLA-UEA, minha eterna gratidão pelo apoio e carinho que tiveram comigo durante toda a caminhada do mestrado.

RESUMO

Os estudos sobre a língua portuguesa foram desenvolvidos com base nos relatos existentes desde os tempos antigos. Em 1536, Fernão de Oliveira publicou a primeira gramática, intitulada *Grammatica da Lingoagem Portugueza*, e, quatro anos após, em 1540, João de Barros publicou a *Gramatica da linguagem Portuguesa*, sendo consideradas as primeiras gramáticas da nossa língua. A presente pesquisa tem como objetivo principal a comparação da forma como o sistema sonoro do português arcaico era apresentado nas primeiras gramáticas da língua portuguesa, escritas por Fernão de Oliveira e João de Barros, considerados percussores dos estudos da língua no século XVI, além de mostrar um recorte temporal de como era a abordagem sobre as primeiras noções de sistema sonoro desde a Antiguidade clássica até o período do Renascimento, onde aparecem os primeiros indícios de nossa língua. Juntamente com a descrição e comparação das duas gramáticas quinhentistas, propõe-se uma verificação de que se possa encontrar evidências dos estudos quinhentistas presentes nos dias atuais, nas gramáticas de Rocha Lima, Cunha e Cintra, Napoleão de Almeida e Bechara, mostrando que elementos do passado ainda são vistos no presente.

Palavras-Chave: Gramática; Fernão de Oliveira; João de Barros; Sistema Vocálico; Sistema Consonantal.

ABSTRACT

The studies about Portuguese language were developed based on the existing reports since ancient times. In 1536, Fernão de Oliveira published the first grammar, entitled *Grammatica da Lingoagem Portugueza*, and, four years later, in 1540, João de Barros published Portuguese grammar, being considered the first grammars of our language. The present research has as main objective the comparison of the way the sound system of the old Portuguese was presented in the first grammars of the Portuguese language, written by Fernão de Oliveira and João de Barros, considered as precursors of the studies of the language in the XVI century, besides showing a time frame of what the approach to the first notions of sound system was like from classical antiquity to the Renaissance period, where the first signs of our language appear. Along with the description and comparison of the two 16th century grammars, it is proposed a verification that evidence of the 16th century studies present in the grammars of Rocha Lima, Cunha and Cintra, Napoleão de Almeida and Bechara can be found, showing that elements of the past are still seen in the present.

Keywords: Grammar; Fernão de Oliveira; João de Barros; vowel system; consonant system.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| Capítulo 1- A gramática através dos tempos: um panorama histórico | 13 |
| 1.1 O que é gramática?..... | 14 |
| 1.1.1 Processo de gramatização: aspectos gerais..... | 15 |
| 1.2 Contextualização da gramática: um recorte histórico..... | 17 |
| 1.2.1 Antiguidade clássica grega | 19 |
| 1.2.2 Antiguidade Romana | 27 |
| 1.2.3 Idade Média | 31 |
| 1.2.4 Renascimento à Idade Contemporânea: as referências gramaticais da atualidade..... | 32 |
| Capítulo 2: Fernão de Oliveira e João de Barros: O marco inicial da gramatização da Língua Portuguesa | 37 |
| 2.1 Fernão de Oliveira | 37 |
| 2.1.1 A Grammatica da Lingoagem Portugueza..... | 39 |
| 2.1.2. As fontes de Fernão de Oliveira: gregos e latinos..... | 40 |
| 2.2 João de Barros | 44 |
| 2.2.1 A Grammatica da Linguagem Portuguesa de João de Barros | 45 |
| 2.2.2 As fontes de João de Barros | 47 |
| 2.3 Os sistemas <i>vocálico e consonantal</i> das GLPs de Fernão de Oliveira e João de Barros..... | 48 |
| 2.3.1 A GLP de Fernão de Oliveira | 49 |
| 2.3.2 A GLP de João de Barros | 56 |
| Capítulo 3 – Revisitando o passado: As características do sistema sonoro do português arcaico na gramática normativa contemporânea..... | 59 |
| 3.1 Norma linguística: Breve consideração..... | 59 |
| 3.2 Características das GLPs de Fernão de Oliveira e João de Barros | 61 |
| 3.3 A representação do sistema sonoro da língua portuguesa contemporânea .. | 65 |
| 3.3.1 Cunha e Cintra e a “Breve gramática do português contemporâneo” (2006)..... | 66 |
| 3.3.2 Evanildo Bechara e a “Moderna Gramática Portuguesa” (2009)..... | 70 |
| 3.3.3 Napoleão de Almeida e a “Gramática Metódica da Língua Portuguesa” (2009) | 74 |
| 3.4 Rocha Lima e a “Gramática Normativa da Língua Portuguesa” (2011)..... | 79 |
| 3.4 Convergências e divergências gerais..... | 83 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 86 |
| REFERÊNCIAS | 89 |

INTRODUÇÃO

Quando estudamos sobre a formação de uma língua, como a língua portuguesa por exemplo, podemos relacionar sua estrutura a estudos anteriores ao nosso tempo, como os estudos das línguas grega e latina, que foram base para a fundamentação estrutural de diversas línguas. Entre os séculos XIII e XVI, considerado o período de surgimento do Português Arcaico (MATTOS E SILVA, 2013), podemos apontar a evolução de palavras de origem latina para formar os primeiros esboços da nova língua românica que estava surgindo. Essas evidências passaram a ser reconhecidas por documentações históricas escritas à mão no português arcaico até sofrerem as mudanças estruturais para resultar no português moderno que conhecemos, como afirma Mattos e Silva (2015, p. 21). Outras evidências também foram consideradas parte do surgimento do português, como as antigas cantigas trovadorescas escritas por Cancioneiros medievais portugueses, o Testamento de Afonso II e a Notícia do Torto, datada das primeiras décadas do século XIII.

Com a publicação das gramáticas de Fernão de Oliveira (1507-1581) e de João de Barros (1496-1570) no século XVI, estudos sobre os aspectos morfológicos, sintáticos e fonológicos da língua portuguesa foram surgindo, pois nesse período, a língua portuguesa ainda era expressa em seu perfil arcaico, como observa Gonçalves e Belchor (2017, p. 17). A *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, escrita por Fernão de Oliveira, doravante GLPFO, é voltada para uma visão assistemática da língua portuguesa, isto é, uma abordagem etimológica da língua, caracterizada principalmente pela explicação descritiva do conteúdo (BUESCU, 1978, p. 14). Já a *Gramatica da Língua Portuguesa*, escrita por João de Barros, doravante GLPJB, segue uma visão mais sistematizada em relação a gramática anterior, a respeito da qual Buescu (1978, p. 13) afirma que sua revisão quanto à sua abordagem gramatical é de caráter sistemático-comparativo, já que trata tanto da língua portuguesa quanto faz menção às línguas grega, latina e espanhola em forma de comentários.

As GLPs de Fernão de Oliveira e de João de Barros trazem a estrutura de uma gramática normativa¹, contendo as primeiras definições de regras que conhecemos atualmente, seguindo uma linha sequencial: fonética e fonologia (sistema sonoro); morfologia e sintaxe (dições); semântica e lexicografia (ortografia e figuras). Sobre o

¹ Conjunto de preceitos que marca principalmente a linguagem dita “de prestígio”, segundo nos diz Faraco e Zilles (2017, p. 12), aplicados num manual categorizado voltado para o estudo de uma língua.

estudo do sistema sonoro, foco deste trabalho, a gramática de Fernão de Oliveira é considerada uma obra inovadora, pois segundo Leite (2007, p. 117), faz significativa descrição da língua portuguesa do século XVI, seguindo de forma mais detalhada o modelo descritivo latino. Já a gramática de João de Barros é classificada como obra heterogênea por ser composta não só de assuntos relacionados à língua portuguesa, mas também de assuntos religiosos para educar seus leitores. Por possuir categorias gramaticais semelhantes às dos dias atuais, a GLPJB traz definições que, para a época, eram claras quanto às partes do discurso, juntamente com exemplos de sua aplicação, que facilitavam a compreensão de quem a lia.

Desse modo, objetivamos estudar as primeiras gramáticas da língua portuguesa, enfatizando a abordagem sobre o sistema sonoro, apontamentos sobre a teoria do processo de gramatização pontuada por Aurox (1992) para fundamentar panorama histórico sobre o sistema sonoro das línguas clássicas, como o grego e o latim, até o surgimento do português, explorado no século XVI por Fernão de Oliveira (GLPFO, 1536) e João de Barros (GLPJB, 1540) até os dias atuais, sendo finalizado com uma segunda análise em quatro gramáticas contemporâneas de autorias de Cunha e Cintra, Evanildo Bechara, Napoleão de Almeida e Rocha Lima.

A presente pesquisa segue o caráter quantitativo, relacionado à questão da incidência de semelhança entre as abordagens sobre o sistema sonoro do século XVI e do século XXI, abarcando metodologicamente os procedimentos teóricos, bibliográficos e interpretativos para o seu desenvolvimento para responder aos seguintes questionamentos: O que de fato permaneceu das estruturas das primeiras gramáticas da língua portuguesa nas gramáticas desenvolvidas na atualidade? Qual a relevância da estruturação das gramáticas publicadas por Fernão de Oliveira e João de Barros no séc. XVI que contribuíram para os gramáticos comporem suas obras em relação ao sistema sonoro do português? É possível ver a mesma estruturação das gramáticas antigas nas atuais em relação ao sistema sonoro da língua portuguesa?

Estruturalmente, este trabalho é composto por três capítulos: No capítulo um, mostraremos um panorama histórico da gramática em seu desenvolvimento ao logo dos períodos históricos, dando ênfase sobre o que seria o sistema sonoro das principais línguas faladas, como o Latim e o Grego, pelo olhar dos principais gramáticos de cada época, além de tratar sobre o processo de gramatização das línguas. No capítulo dois, poderemos ver e conhecer mais sobre os primeiros gramáticos da língua portuguesa, Fernão de Oliveira e João de Barros, que no século XVI publicaram as primeiras

gramáticas da língua portuguesa, além de conhecermos um pouco sobre essas obras e, principalmente, como o sistema sonoro português era descrito por ambos. Por último, no capítulo três, veremos a mudança diacrônica nas estruturas fonológicas juntamente com a exposição das estruturas do sistema sonoro do português atual, resultado de uma análise comparativa da disposição do sistema sonoro nas gramáticas dos autores quinhentistas do século XVI, em que poderemos ver a permanência de estruturas quinhentistas ainda presentes nos dias atuais, além das transformações sofridas por elas com a expansão dos estudos linguísticos.

Capítulo 1- A gramática através dos tempos: um panorama histórico

A gramática é um sistema de noções mediante aos fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, separando o que é gramatical (norma padrão) do não gramatical (linguagem coloquial) (FRANCHI, 2006, p. 22). Definir gramática é poder expressar inúmeras interpretações sobre ela, podendo chegar a um ponto comum: sua função de organizar as noções linguísticas discursivas (partes do discurso) para se conhecer e entender suas funções e aplicabilidade.

Segundo Junqueira (2003, p. 19), a finalidade do estudo de gramática, nos dias atuais, é baseada no objetivo que norteou o estudo da gramática tradicional na Antiguidade clássica – disciplinar o uso da língua, por meio da valorização de apenas uma de suas variedades, no caso, a modalidade escrita padrão dos escritores consagrados.

Nas sociedades antigas, como a grega e a romana, os primeiros fundamentos sobre os estudos linguísticos foram formulados com base nos estudos retóricos. Por meio desse embasamento, ocorreu o surgimento de condições favoráveis para o estudo da gramatização da língua, a partir do desenvolvimento da escrita (JUNQUEIRA, 2003, p. 47).

Junqueira ainda destaca que, segundo Suassuna (2001, p. 22), a gramatização no Ocidente começou em virtude da “natureza filosófica” de seus estudos, dando origem a gramática no sentido epistemológico e estrutural que se mantém até hoje. O pensamento grego sobre o que é a gramática, segundo Neves (2002), passa então a ter o papel de descrever as funções das partes do discurso para que elas sejam compreendidas por quem tivesse acesso ao manual.

Desse modo, passamos a traçar um panorama histórico sobre a gramática, sua estrutura desde os primeiros estudos até os dias atuais, mostrando sua transformação ao longo dos séculos, com destaque para a disposição sobre o sistema sonoro das línguas clássicas até o português do século XVI, pois, tanto as gramáticas antigas quanto as mais recentes não se libertaram da ideia de ser a gramática um instrumento de bem falar e escrever, pois esta condição ainda é considerada uma das grandes fragilidades do ensino de gramática.

1.1 O que é gramática?

Existem várias formas de se definir gramática a partir do que conhecemos sobre ela, porém devemos saber diferenciá-las. Franchi et al. (2006, p. 11) diz que há diferenciação de “gramática” e “saber gramática”, devido a ocorrer conclusões errôneas sobre tais termos. A concepção de gramática é baseada somente na estruturação normativa, além de considerar a linguagem formal como principal forma de se expressar graficamente a fala. O autor ainda destaca que, em relação ao “saber gramática”, não significa apenas conhecer as regras e aplicar, mas poder ver a condição de beleza do texto. A partir dessas concepções, podemos definir gramática como “um conjunto sistemático de normas para falar bem, com base em descrição normativa, permitindo associar a cada expressão dessa língua uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, podendo separar o que gramática do saber gramatical” (FRANCHI et al. , 2006, pp. 11- 33).

A gramática pode se apresentar em quatro vertentes: descritiva, normativa, gerativa e funcional. Para definir gramática descritiva, Perini (2006, p. 23) diz que ela é um sistema de regras, unidades e estruturas que o indivíduo que já tem programado em sua memória de modo que use a língua, fazendo da gramática parte do nosso conhecimento de mundo. Para definir gramática normativa, Martelotta (2009, p.45), conceitua como aquela que busca a padronização da língua, estabelecendo as normas do falar e escrever corretamente.

Já para definir gramática gerativa, Vital (1996, p. 69) diz que ela se ocupa, privilegiadamente, da sintaxe das línguas, mas ela não era seu objeto de estudo. A sintaxe das línguas é apenas um meio para se descrever uma entidade teórica chamada de Gramática Universal. Por último, para definir gramática funcional, Neves (2018, p.15) diz que ela é uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que buscam em sua totalidade engajar-se em uma teoria global da interação social.

Com isso, consideramos como função geral da gramática a de abarcar um conjunto de regras e princípios de construção e transformação de expressões de uma língua natural que correlacionam seu sentido e possibilita interpretação, conforme diz Franchi et al. (2006, p. 99). Contudo, para podermos entender melhor sobre gramática, sobretudo sobre a gramática normativa, precisamos conhecer seu processo de formação, denominado Gramatização, que será abordado no tópico a seguir.

1.1.1 Processo de gramatização: aspectos gerais

Para entendermos sobre gramática, devemos conhecer sobre os processos de “metalinguagem” e “gramatização”. Koerner (1978 apud AUROUX, 1992, p. 11) retrata a metalinguagem como parte essencial para os estudos sobre Gramatização. O autor define metalinguagem como “linguagem que serve para descrever ou falar sobre uma outra linguagem natural ou artificial”, que, por meio desse conceito, podemos relacionar o saber linguístico com fatores naturais e artificiais da linguagem: ele pode ser múltiplo e principiar naturalmente na consciência do homem falante, como também pode ser epilinguístico, não se sobressaindo na representação antes de ser metalinguístico, isto é, representando e construindo com a ajuda de uma metalinguagem – elementos autonômicos e nomes para os signos.

Partindo da noção de metalinguagem, Auroux (1992, p. 16) diz que o processo de gramatização ocorre desde os primórdios dos estudos científicos, no qual aconteceu a Primeira Revolução Técnico-Linguística: o advento da escrita. Esse processo se iniciou no período tardo-antigo (século V d.C.) até a Idade Média, transitando para a chamada Segunda Revolução Técnico-Linguística - *Gramatização Massiva* -, que foi o momento que, com a implantação da imprensa, foi possível reproduzir cópias das gramáticas em grande escala.

Auroux define gramatização como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (1992, p. 65). A definição dada pelo autor ganha sentido ao serem expostos pontos que passam a fundamentar o princípio do processo, como os processos de analogia e anomalia², por exemplo. Um exemplo disso é o conceito de letra, que, para Auroux (1992, p. 65) está ligado ao conceito de fonema, por ter a mesma nomenclatura utilizada para ambos os casos, porém o uso do termo fonema aparece apenas nos estudos feitos no século XIX, além da afirmação dada sobre a epifonologia³ exigida pela escrita.

² Utilizamos para fins conceituais as definições de analogia e anomalia de Ferdinand de Saussure e Marcia Caçado. Analogia, segundo Saussure (2012, p. 217), é uma forma feita a partir de outra, seguindo uma regra determinada. Já anomalia, para Caçado (2005) é descrita como sendo boas sentenças sintaticamente, mas claramente incoerentes ou totalmente sem sentido, que não geram nenhum tipo de acarretamento (verdades).

³Auroux (1992, p. 65) define o termo como uma fonética funcional não tematizada, no sentido de que se precisaria de mais evidências para que pudesse ser uma caracterização concreta.

A estrutura gramatical, segundo Auroux (1992, p. 66), contém:

- I. Uma categorização de unidades;
- II. Exemplos;
- III. Regras mais ou menos explícitas para construir enunciados.

A partir dessa estruturação, a questão do “paradigma complexo”,⁴ segundo Waldrop (1992), é exposta para explicar a forma como o esquema pedagógico das línguas é expressa nas gramáticas greco-latinas, além da estrutura das primeiras versões das gramáticas normativas, conforme conhecemos nos nossos dias. Esse paradigma complexo tem a equivalência ao que seria um conjunto de regras que têm suas funções autônomas. Auroux (1992, p. 66) diz que o conteúdo da gramática se estrutura em:

- a) Ortografia / Fonética;
- b) Partes do Discurso;
- c) Morfologia;
- d) Sintaxe;
- e) Figuras de Construção.

Auroux ainda diz que a constituição de um *corpus* de exemplos é um elemento decisivo para o processo de gramatização, pois, de um lado, ele é um núcleo normativo e de outro, constructos teóricos que provém de citações e traduções de corpus já existentes (AUROUX, 1992, p. 67). Além disso, o autor diz que as categorizações das unidades supõem duas coisas: termos teóricos e fragmentação da cadeia falada. Sobre a primeira categoria, o autor diz que as partes do discurso (morfologia, semântica, funcional e metalinguística), suas definições e propriedades, às vezes tomam função de termos teóricos. Sobre a segunda categoria, o autor diz que ela já é uma representação teórica da língua e não é independente da categorização.

Desse modo, o processo de gramatização passa a ater-se as formas de registro das línguas europeias vernáculas e “não Indo-Europeias”, por meio de gramáticas, dicionários e formas documentais utilizadas para catalogar as línguas faladas (glossários, listas de vocábulos, etc.). Com a ascensão da descrição normativa das línguas, podemos dizer que o estudo de dois dialetos ocorre quase paralelamente, conforme diz Auroux (1992, p. 73), com a existência do duplo aspecto analítico de uma

⁴Utilizamos a definição de M. Mitchel Wardrop (1992). O paradigma da complexidade preocupa-se com o comportamento dos sistemas dinâmicos, ou seja, aqueles que mudam com o tempo, e propõe uma visão holística desses sistemas.

gramática de língua vernácula em comparação com um outro dialeto, como houve com o latim e o inglês, por exemplo.

Além disso, Auroux (1992, p. 84) diz que o processo de gramatização é de caráter contrastivo, pois dota as diferentes línguas em posição de observação frente a frente. A reiteração do procedimento contrastivo passa a conduzir observações sobre semelhanças e divergências das línguas, associando propriamente que elas não estão em todo o lugar, como o gênero e a forma verbal, por exemplo. O valor de veracidade de informações em relação à categorização válida, sem restrição para cada língua, pode parecer natural ao procurar asserções que são válidas para uma língua em si mesma. Na visão não-contrastiva, sua consignação deve ser absoluta, relativa ao contexto da asserção, isto é, as categorias abordadas nas gramáticas devem ser rigorosamente idênticas em toda e qualquer língua concernida, ocasionando a identificação das propriedades componentes e o desaparecimento do contexto implícito.

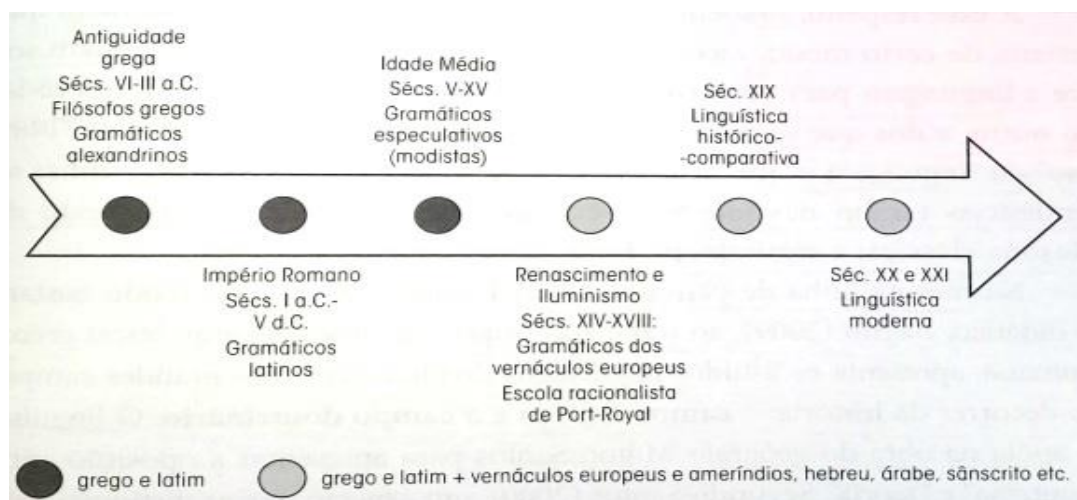
1.2 Contextualização da gramática: um recorte histórico

Os estudos sobre uma determinada língua, como a língua portuguesa por exemplo, têm como base os estudos desenvolvidos desde a Antiguidade Clássica. Vieira (2018, p. 16) diz que os primeiros estudos de gramática vêm dos primórdios da civilização Hindu da Índia Antiga, em que a reflexão sobre linguagem e língua foi abordada por estudiosos da época, destacando Panini (520 – 460 a. C.), gramático Hindu que fundamentou os primeiros conceitos gramaticais, principalmente conceitos sobre letras e sons do sânscrito, dialeto falado pelos hindus que levou o gramático a analisar textos religiosos para montar uma estrutura fonética para a língua, principalmente as estruturas voltadas para a sílaba, considerada pelo gramático a menor unidade fonológica da língua.

Depois de Panini, os estudos sobre gramatização da língua apareceram com mais evidência no período da Antiguidade clássica grega, seguido da Antiguidade romana, Idade Média, período do Renascimento/ Iluminismo até os estudos contemporâneos, com as inovações linguísticas aparecendo ao longo do tempo.

Na figura abaixo, utilizada por Vieira (2018, p. 19), podemos ver um panorama histórico a respeito dos estudos linguísticos sobre a gramática, no qual o ponto de partida é sinalizado pelos estudos propagados na Antiguidade clássica até a idade contemporânea, definindo o chamado *Desdobramento Linear*.

Figura 1: Perspectiva do desdobramento linear.



Fonte: Vieira, 2018.

Vieira (2018, p. 36) mostra (na tabela abaixo) as perspectivas da ramificação das mútuas referências teóricas ao longo dos séculos, dividindo-as por período e seus principais estudiosos, seguindo a definição de *paradigma tradicional de gramatização* (PTG)⁵:

TABELA 1: Principais contribuintes para os estudos gramaticais

| <i>Período</i> | <i>Principais Estudiosos</i> |
|------------------------|--|
| Séculos VI-III a.C | Filósofos Gregos: Sofistas, Platão, Aristóteles; Estoicos. |
| Séculos III a.C –I d.C | Gramáticos Alexandrinos: Aristarco, Dionísio, Apolônio, Herondiano. |
| Séculos II a.C- VI d.C | Gramáticos Latinos: Varrão, Sacerdos, Donato, Corísio, Diomendes, Macróbio Prisciano. |
| Séculos V- XIV d.C | Gramáticos Medievais: Agostinho, Isidoro de Sevilha, Pedro Helio, Alexandre de Viledieu. |
| Séculos XII – XIV d.C | Gramáticos especulativos medievais (modistas); |
| Século XV – XIX d.C | Gramáticos das línguas europeias modernas: Elio António de Nebrija. Fernão de Oliveira, João de Barros, Amaro de Roboredo, Bento |

⁵Conforme Vieira (2015), o PTG abrange toda a filiação doutrinária greco-romana de instrumentalização de uma língua por meio de dicionários e gramáticas ao longo da história dos estudos gramaticais no Ocidente, de forma que essa doutrina seja de fato a marca de tradicionalismo teórico.

| | |
|--------------------|--|
| | Pereira, Contador de Argote, Reis Lobato, Soares Barbosa, Frei Caneca, Oliveira Condurú, Pe. Massa, Adolpho Coelho, Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Carneiro Ribeiro. |
| Século XVII d.C | Gramáticos racionalistas de Port-Royal |
| Séculos XIX d.C | Linguistas Históricos-Comparativos |
| Séculos XX-XXI d.C | Gramáticos normativos contemporâneos: Eduardo Carlos Pereira, Firmino Costa, Said Ali, Napoleão Mendes de Almeida, Rocha Lima, Artur de Almeida Tôrres, Gladstone Chaves de Melo, Domingos Paschoal Cegalla, Cunha e Cintra, Evanildo Bechara. |

Fonte: Vieira, 2018.

Portanto, ter a noção temporal da evolução da gramática nos permite entender como o processo gramatical aconteceu para chegar aos moldes dos dias atuais, desde as primeiras noções de sistema sonoro na Antiguidade clássica às noções complexas do século XXI.

1.2.1 Antiguidade clássica grega

Vieira (2018, p. 17), baseado em Coseriu (2000), diz que os primeiros estudos feitos com foco no sistema organizacional da gramática haviam surgido na Antiguidade grega, prolongando-se até a Idade Média, onde o estudo das estruturas e categorias linguísticas, suas descrições e determinados estados que a língua se apresenta começaram a surgir, iniciando assim o estudo das línguas para a sua normatização no contexto gramatical.

Lobato (1986) diz que o estudo gramatical na Antiguidade clássica grega é organizado em três períodos sequenciais:

- I. Período dos filósofos pré-socráticos e dos primeiros rétores, sobretudo com os ensinamentos de Sócrates, Platão e Aristóteles, quando a filosofia se ocupa fundamentalmente com a origem do mundo e as causas das transformações na natureza, além dos estudos sobre ética, política, etc.;
- II. Período Estoico, que apresenta a filosofia como um modo de vida e que a melhor interpretação da filosofia de um indivíduo não era o que uma pessoa diz, mas como essa pessoa se comporta;

III. Período Alexandrino, que desenvolveu as áreas de literatura, filosofia, medicina e demais ciências, incluindo o surgimento dos chamados Neoplatonistas.

Leite (2007, p. 36) também aponta etapas dos estudos acerca da gramática, por meio dos estudos formulados pelos filósofos gregos Platão, Aristóteles e os estoicos.

I – Platão trata do enunciado e da proposição e utiliza o sistema de “Tema e Rema” (sujeito e complemento), para que se pudesse definir as partes do discurso;

II – Aristóteles trata do estudo das palavras e suas relações de acordo com o sentido a elas atrelado;

III – Definição das categorias gramaticais por Aristóteles (teoria das partes do discurso): nome, verbo, junção e membro articulatório;

IV – Os estoicos, a partir dos estudos de Aristóteles, definem as partes do discurso (classes gramaticais) que conhecemos na atualidade: nome próprio (ónoma)⁶, nome comum (apelativo, verbo [rhêma]), conjunção (sundesmos), articulação (asthron), advérbio, preposição, pronome e artigos, além de diferenciar anomalia e analogia.

O período clássico grego foi marcado pela ascensão dos estudos filosóficos e, da mesma forma, os estudos gramaticais começaram a ganhar seu espaço. Neves (2002, p. 26) explica a colaboração dos filósofos gregos quanto aos estudos da linguagem, mostrando que eles não estudaram a linguagem somente como uma finalidade, mas também a forma como a língua era considerada pista concreta para desvendar a atividade da linguagem em relação à expressão do pensamento. Para os filósofos gregos, a linguagem era instrumento não só da comunicação, mas uma ferramenta que pudesse transmitir argumentos em discursos de natureza retórica.

A estruturação da escrita grega tinha pouca visibilidade em relação aos estudos sobre a linguagem, já que o discurso falado era a forma de se adquirir conhecimento, que, segundo Leite (2007, p. 37), priorizava a oratória, vinculada à compreensão da linguagem. Os estudiosos gregos focaram nas explicações de dicotomias como: forma e significado das palavras (relação natural e relação arbitrária); natureza da linguagem (criação da natureza e resultado de uma convenção); analogia e anomalia dos fenômenos linguísticos (JUNQUEIRA, 2003, p.50), todas atribuindo paradigmas relacionados ao estudo da linguagem como material vivo.

⁶ Corresponde a substantivo na nomenclatura atual.

Leite (2007, p. 38) diz que a reflexão filosófica sobre a linguagem tem como base os estudos feitos por Heráclito de Éfeso (540 a.C. – 470 a.C.) em sua tese sobre a “inseparabilidade do ser e do pensamento” e, posteriormente, continuada por Parmênides de Eleia (530 a.C – 460 a.C.) com a relação homem/pensamento. Seguindo essa reflexão, Sócrates (469 a.C. – 399 a.C.) colaborou com os estudos sobre a língua com a representação da origem de uma postulação filosófica que tinha como base os pensamentos de filósofos da época: a apresentação da ideia de *conceito* como exigência do *caráter significativo do discurso*, devido às ideias se mostravam pelo discurso. Platão (428 a.C.– 348 a.C.) trata da linguagem no contexto dos estudos sobre enunciação, em que o enunciado era separado da ideia a ser falada. A tese de Platão sobre enunciação era de que havia uma verdade e ela não era inerente a língua, porém era exposta pelo enunciado. O elemento *enunciado* era a unidade de análise do filósofo, por ser o elemento de transmissão de informação, já que a *enunciação* era o ato de fala em si (LEITE, 2007, p. 38).

Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) fundamenta a teoria da *dissociação da palavra com o sentido por ela veiculado*, ao contrário de Platão, com a ideia de discutir a relação entre significante e significado (LEITE, 2007, p. 40). Além disso, o filósofo ainda trata da não ocorrência da correspondência biunívoca entre significado e significante em relação a existência de palavras com o mesmo significado (sinônimos), com a mesma base com sentido diferenciado (homônimos) e com mesma base, mas com terminação diferenciada e significado diferenciado (parônimos), apresentada em seu texto *Da Interpretação (Organon, I, pp. 43-45)*. Sobre o enunciado, o filósofo aponta a *palavra* como objeto principal de análise, pois, a partir dela, podemos perceber a qualidade da relação entre significado e significante, no contexto de noção de correção do enunciado, que lhe permitia ter a clareza e qualidade do enunciado, que foi exposto primeiramente em sua obra *Poética*, e posteriormente, mais explorada nas concepções relacionadas ao orador e auditório, na *Retórica*.

É importante mencionar que os rétores gregos tratam sobre os estudos da linguagem desde o fim do século VI a.C., relacionando o ato de falar com os tipos de discurso. Os tipos de discurso eram apresentados pelos rétores como: discurso deliberativo, voltado para assembleias; discurso epidítico, voltado para oratórias de eventos e o discurso judiciário ou forense, voltado para os julgamentos. A partir do conhecimento sobre os tipos de discurso, Codax e Tísias, considerados por Reboul (2004) como possíveis implementadores da retórica como disciplina, coletaram dados e

os aperfeiçoaram para se ensinar métodos de persuasão onde um acusado se defendia diante de um júri, com o objetivo de convencer o auditório. Com isso, os discursos falados durante a Antiguidade foram ganhando espaço e a “arte de persuadir” foi se expandindo com o interesse das pessoas quererem aprender a falar em público, utilizando-se de argumentações convincentes, pois o argumento falado era mais persuasivo na fala do que na escrita (LEITE, 2007, p. 41).

Leite (2007, p. 42) diz que cento e cinquenta anos após as primeiras exposições da retórica, foram se acumulando inúmeras “receitas de persuasão”, como a *Retórica a Alexandre* de possível autoria de Anaxímenes, antecessora da Retórica, de Aristóteles. A autora ainda explica que os ensinamentos da retórica não visavam criar uma legislação sobre a língua, pois a instabilidade entre fala e escrita não constituía uma problemática. Já no contexto gramatical seria diferente, pois os critérios de correção seriam decalcados das fundamentações da retórica. Sendo assim, o objetivo da gramática seria o de regulamentar a fala e a escrita de uma língua, sob o contexto específico da Retórica como disciplina.

Seguindo a linha cronológica, os estoicos, durante o século III a.C., foram os primeiros a reconhecerem os estudos voltados para a língua como um ramo autônomo da Filosofia. Zenão de Cítio (333 a.C. – 263 a.C.) foi o fundador do estoicismo na Antiguidade grega e seus estudos eram voltados para a etimologia, pronúncia e, principalmente, para a gramática, voltada para as classes gramaticais e paradigmas flexionais, conforme diz Vieira (2018, p. 24). Lobato ressalta o fato de os estoicos terem se dedicado aos estudos gramaticais, porém se mencionavam pouco: Interessados na língua em si mesma: como filósofos, a língua era para eles, antes de mais nada, a expressão do pensamento e dos sentimentos e é nessa perspectiva que era investigada. Essa é uma característica que os estoicos compartilharam com os estudiosos do período anterior: todos desenvolveram o estudo sobre a língua no âmbito de pesquisas filosóficas ou lógicas. (LOBATO, 1986, p. 78).

Os estoicos têm seus estudos voltados para a dicotomia entre forma e significado. Para eles, o significado possui constituição através do conhecimento que se tem da língua. Os estoicos carregaram uma significativa contribuição aos estudos linguísticos, como a distinção entre logos e léxico. Uma vez que se definiu o léxico como enunciado significativo que se manifestava pelo logos, este foi definido, por Diógenes de Babilônia (século II a.C.), como “um enunciado significativo dirigido pelo pensamento”, e para Diógenes, a massa física do logos era a voz (*phōné*), que não faz referência a significado. Além da dicotomia forma e significado, os estoicos também trataram de distinguir anomalia e analogia, conforme apresenta Procópio; Brasil Soares (2010, p. 245).

Resumiremos o trabalho dos analogistas assim:

As regularidades que os analogistas procuravam eram as dos paradigmas formais, nos quais as palavras da mesma categoria gramatical tinham idênticas terminações morfológicas e a mesma estrutura prosódica; buscavam também descobrir regularidades de relação entre forma e significado, segundo as quais as palavras comparáveis morfológicamente deviam ter significados comparáveis (“análogos”) e vice-versa.

E os anomalistas, em sua grande maioria estoica, contrapunham-se aos analogistas tentando:

reformular os paradigmas irregulares do grego em proveito da regularidade analógica (processo que de certo modo aconteceu espontaneamente na passagem do ático clássico, através da Koiné e do grego bizantino, para o estado de língua atual). As formas Zeós, Zeí, Zéa, etc. Foram propostos para os casos oblíquos de Zeús, em lugar das formas reais, porém anômalas, Zenós, etc. Tais atitudes foram atacadas por Sexto Empírico, escritor do século II d.C.(...) Empírico desafiou seus contemporâneos, acusando-os de fabricar estranhas formas “analógicas”, tais como Kýonos, em vez de Kýon (cachorro).

A sistematização da gramática veio a partir da compilação do que a maioria dos estudiosos da linguagem apresentavam em seus textos, fazendo com que suas regras estabelecidas fossem repassadas por todos que desejassem aprender a usar a língua grega de forma correta, tanto oral quanto escrita (LEITE, 2007, p. 43).

Na civilização alexandrina, o manual por eles desenvolvido foi considerado a pioneira de todas as gramáticas ocidentais, fazendo com que os gramáticos alexandrinos passassem a ser os sucessores dos filósofos gregos (VIEIRA 2018, p.24), por operarem através de reflexões sobre a linguagem. Leite (2007, p. 44) destaca que o intuito da criação da gramática foi de preservar a cultura helênica, relacionando a ligação da gênese da gramática com a criação da Biblioteca de Alexandria. Os alexandrinos, segundo Vieira (2018, p. 46), se dedicaram também a catalogar o acervo da biblioteca, além de reconstruir, por meio de estudos feitos nos fragmentos existentes das obras, os textos dos principais autores da Grécia Clássica.

Ainda segundo Leite (2007), a gramática alexandrina está configurada tanto para a crítica literária, por parte dos filólogos, quanto para o ensino, pelos gramáticos. Na Antiguidade, filólogos e gramáticos possuíam espaços distintos, resultando na descrição de usos particulares de ambos os espaços, fazendo com que os gramáticos alexandrinos revissem seus pensamentos quanto ao ensino e concepção de língua e linguagem. Podemos destacar como representantes desse período, os gramáticos Dionísio, o Trácio (170 a.C. – 90 a.C.) e Apolônio Díscolo (Séc. II a.C. – S/D).

Dionísio, o Trácio, gramático alexandrino, é autor da *Tékhnē Grammatikē*, que, no Ocidente, foi editada em 1715 pela primeira vez. Vieira (2018, p. 48) diz que as *tékhnai* eram um gênero da escrita que relacionava as definições das diversas áreas do

conhecimento, não necessariamente o gramatical e dava-lhes exemplificações. A partir do segundo século antes de Cristo, conforme trata Chapanski (2003, p. 4), as *tékhnai* abordavam conteúdos gramaticais e se tornaram um modelo de manual para o estudo das letras, da literatura, da leitura, da metrificação, além das estruturas linguísticas a serem utilizadas no desenvolvimento de habilidades no âmbito da Retórica, por exemplo. A gramática de Dionísio seguia a base das *tékhnai* já existentes na Antiguidade clássica, tendo como grande representante das *tékhnai*, Homero, com sua obra sobre a linguagem advinda da filosofia grega (VIEIRA, 2018, p. 49).

Neves (2005) caracteriza a gramática de Dionísio da seguinte forma:

A *grammatiké* dos filósofos não é, pois, a gramática no sentido comum tradicional. A *grammatiké* que corresponde ao que comumente se chama gramática é instrumento de cultivo e preservação de valores: é obra típica da cultura helenística. Na sua definição, Dionísio lucidamente dá a natureza dessa disciplina: ela é prática, não especulativa. Não é uma disciplina filosófica, pois nasce justamente porque se fixam domínios autônomos com limites precisos e assim se fixa, fora do âmbito filosófico, um domínio totalmente linguístico. É claro que a gramática não poderia negar o espírito grego que presidiu a seu nascimento. Assim, a própria prescrição que a caracteriza, enquanto se explica pela necessidade de preservação da língua grega pura numa época de referências culturais estranhas, também faz lembrar a devoção tipicamente grega à virtude (*areté*). Essa devoção, que teve sua parte na arte retórica, também a tem no empenho no julgamento (*krísis*) dos poetas, que leva à constituição de uma arte gramatical. Afinal, esta é uma construção do espírito grego mantido vivo e há de ter as mesmas características plásticas desse espírito. (NEVES, 2005, p. 74)

Vieira destaca que Dionísio considerava o estudo sobre a língua como “conhecimento empírico do comumente dito nas obras dos poetas e prosadores” (VIEIRA 2018, p. 49), de forma que o autor se expressa ao fazer uma menção análoga aos estudos de Donato (séc. IV d.C.) e Prisciano (séc. VI d.C.), do qual Dionísio era apenas um pensador. Neves ainda se refere à gramática de Dionísio como a primeira que fincou a gramática como disciplina prática.

A *Tékhnē Grammatikē*, de Dionísio, era dividida da seguinte forma: I - os elementos (*στοιχεία*), tratando sobre a doutrina dos sons; "II - as partes do discurso (*τιμήματα του λόγου*)", tratando propriamente das partes do discurso (nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção); III – os acessórios (*εξαρτήματα*), que apresenta sete categorias gramaticais: gênero, número, caso, tempo, modo, voz e pessoa.

Podemos destacar que, em sua *tékhnē*, Dionísio não chegou a desenvolver a sintaxe da língua grega, sendo este tópico desenvolvido plenamente por Apolônio Díscolo, séculos depois. Ao tratar do sistema sonoro grego, Dionísio o desenvolve no tópico ΠΕΡΙ ΣΤΟΙΧΕΙΟΥ (*Do elemento sequenciado*), onde se descreve a formação do

alfabeto, conforme traduz Chapanski⁷ (2003, p. 22), além de definir a quantidade de representações gráficas em 24 letras. O gramático alexandrino também define a quantidade de vogais: sete representações vocálicas, que se distinguem em duas vogais longas, duas breves e três vogais dícronas que se alternam entre longas e breves, além de enumerar vogais prepositivas e pospositivas formadoras de ditongos.

Sistema Vocálico⁸

| | |
|----------------------------|------------------------|
| <i>Representações</i> | α, ε, η, ι, ο, υ, ω |
| <i>Vogais longas</i> | η, ω |
| <i>Vogais breves</i> | ε, ο |
| <i>Vogais dícronas</i> | α, ι, υ |
| <i>Vogais prepositivas</i> | α, ε, η, ο, ω |
| <i>Vogais pospositivas</i> | ι, υ |
| <i>Ditongos</i> | αι, αυ, ει, ευ, οι, ου |

Fonte: Chapanski (2003)

Já sobre as consoantes, Dionísio as enumera em dezessete, das quais oito são semivogais, por terem menor vocalização em relação as vogais; nove consoantes áfonas⁹, por resultarem de som vocalizado deficitário; três simples; três ásperas e três médias, devido a serem mais ásperas que simples ou mais simples que ásperas; três consoantes duplas e quatro consoantes invariáveis, devido a não ocorrência de mudança quando posicionadas na declinação e no tempo futuro dos verbos, além de serem denominadas de consoantes líquidas (CHAPANSKI, 2003, p. 23-24).

Sistema Consonantal

| | |
|-------------------------------|---|
| <i>Representações</i> | β, γ, δ, ζ, θ, κ, λ, μ, ν, χ, π, ρ, φ, τ, φ, ξ, ψ |
| <i>Semivogais</i> | ζ, χ, ψ, λ, μ, ν, ρ, φ |
| <i>Consoantes áfonas</i> | β, γ, δ, κ, π, τ, θ, φ, ξ |
| <i>Consoante simples</i> | κ, π, τ |
| <i>Consoantes ásperas</i> | θ, φ, ξ |
| <i>Consoantes médias</i> | β, γ, δ |
| <i>Consoantes duplas</i> | ζ, χ, ψ |
| <i>Consoantes invariáveis</i> | λ, μ, ν, ρ |

Fonte: Chapanski (2003)

⁷ Para a abordagem da obra de Dionísio, sobretudo da parte que cabe ao sistema sonoro, usa-se a tradução feita por Gissele Chapanski (2003).

⁸ Usa-se as notações gráficas do alfabeto grego dispostas em Martinho (2007).

⁹ Aqui o termo áfono, em português, além de ser quase uma transliteração do grego aphonos, quer dizer sem voz, exatamente como no trecho de Dionísio. Mudo teria sentido semelhante, aderiria à tradição, mas desperdiçaria uma valiosa aproximação (CHAPANSKI, 2003, p.52).

Apolônio Díscolo, que viveu em meados do século II d.C., pode ser destacado como o primeiro gramático a tratar especificamente dos estudos da sintaxe. Seu trabalho voltado para os estudos da língua se divide em: *Do pronome*, *Das conjunções*, *Dos advérbios* e *Da sintaxe das partes do discurso*. Apolônio acreditava que sentido e função das palavras na frase determinavam a sua classe (NEVES, 2002, p. 62) e que não havia aspecto sinonímico perfeito, que exceções não serviam para generalizações e reconhecia a analogia, porém, via que o uso fazia surgir anomalias. A visão do sistema sonoro grego de Apolônio Díscolo é semelhante à de Dionísio: 24 letras, divididas em: sete representações vocálicas que seguem a mesma divisão: duas vogais longas, duas breves, vogais dícrônicas que se alternam entre longas e breves, vogais prepositivas e pospositivas formadoras de ditongos. Sobre as consoantes, enumera-se em dezessete, das quais oito são semivogais; nove consoantes áfonas; três simples; três ásperas e três médias; três consoantes duplas e quatro consoantes invariáveis.

Sistema Vocálico

| | |
|----------------------------|------------------------|
| <i>Representações</i> | α, ε, η, ι, ο, υ, ω |
| <i>Vogais longas</i> | η, ω |
| <i>Vogais breves</i> | ε, ο |
| <i>Vogais dícrônicas</i> | α, ι, υ |
| <i>Vogais prepositivas</i> | α, ε, η, ο, ω |
| <i>Vogais pospositivas</i> | ι, υ |
| <i>Ditongos</i> | αι, αυ, ει, ευ, οι, ου |

Fonte: Chapanski (2003)

Sistema Consonantal

| | |
|-------------------------------|---|
| <i>Representações</i> | β, γ, δ, ζ, θ, κ, λ, μ, ν, χ, π, ρ, φ, τ, φ, ξ, ψ |
| <i>Semivogais</i> | ζ, χ, ψ, λ, μ, ν, ρ, φ |
| <i>Consoantes áfonas</i> | β, γ, δ, κ, π, τ, θ, φ, ξ |
| <i>Consoante simples</i> | κ, π, τ |
| <i>Consoantes ásperas</i> | θ, φ, ξ |
| <i>Consoantes médias</i> | β, γ, δ |
| <i>Consoantes duplas</i> | ζ, χ, ψ |
| <i>Consoantes invariáveis</i> | λ, μ, ν, ρ |

Fonte: Chapanski (2003)

Com isso, a partir das notações feitas por Dionísio e Apolônio, podemos ver uma formação de base para as próximas gramáticas que fossem desenvolvidas ao longo dos séculos, como as gramáticas da Antiguidade romana, seguidas das gramáticas da Idade média, moderna e contemporânea.

1.2.2 Antiguidade Romana

Os estudos sobre a gramática da língua latina no período da Antiguidade romana se baseiam no que já havia sido apresentado na Antiguidade grega, por parte da identidade romana. Vieira (2018, p. 67) destaca que a Grécia era controlada pelos romanos e que, segundo Robins (1979 apud VIEIRA, 2018, p. 67), o reconhecimento dos trabalhos de gramáticos alexandrinos pelo Ocidente, como Dionísio, o Trácio e Apolônio Díscolo, se deu por meio da tradução do grego para o latim, a língua do Império Romano.

Perini (2004 apud VIEIRA, 2018, p. 67) diz que, quando a Grécia foi incorporada ao domínio romano, seus novos comandantes adotaram o modelo gramatical alexandrino e sua concepção normativa para as suas *Artes Grammaticae*. A *Arte Grammatica* era um tratado sobre a língua em relação aos aspectos etimológicos e morfológicos, além da pretensão de se refletir e propagar os elementos comuns a poetas e prosadores latinos, da mesma maneira que a *tékhnē* de Dionísio. Vieira (2018, p. 68) considera o pilar da gramática latina os estudos de Marco Terêncio Varrão (116 a.C – 27 a.C.), Élio Donato (320 d.C. – 380 d.C.) e Prisciano de Cesareia (480 d.C. – 430 d.C.), autores das principais obras gramaticais latinas.

Marco Terêncio Varrão, segundo Valenza (2010, p. 3), nasceu em Reate, cidade situada região do Lácio, em 116 a.C., e morreu em 27 a.C. Varrão escreveu *De língua latina*, em 25 volumes cujos livros V, VI, VII (estudos sobre etimologia), VIII, IX e X (estudos sobre morfologia) são ainda existentes. Além da etimologia e morfologia, a gramática de Varrão possuía estudos descritivos da fonologia e sintaxe da língua latina, com referência dos estudos oriundos dos estoicos e alexandrinos (VIEIRA, 2018, p. 68).

Depois de Varrão, Élio Donato escreveu sua *Arte Grammatica*, considerada a obra mais influente dos estudos gramaticais. Dezotti (2011) explica que a gramática de Donato é dividida em *Arte Minor* e *Arte Maior*, e foi tida como um pilar essencial dos estudos gramaticais desde a Antiguidade até o fim do Renascimento, servindo de modelo para posteriores gramáticas de línguas vernáculas que viessem a surgir. Além

dessa divisão, Dezotti (2011, p. 15) ainda destaca pontos da gramática de Donato que deixam claros os focos de cada capítulo escrito pelo gramático latino:

1) um tratado inicial sobre as partes da oração, que se apresenta de forma catequética (em perguntas e respostas) e compreende oito capítulos que versam respectivamente sobre o nome, o pronome, o verbo, o advérbio, o particípio, a conjunção, a preposição, a interjeição;

2) um tratado elementar com seis capítulos sobre voz, letra, sílaba, pé métrico, acento e pontuação;

3) um segundo tratado sobre as partes da oração, apresentando precisamente os mesmos capítulos que constituíam o primeiro tratado, cuja matéria é agora descrita com maior abrangência de detalhes, de forma expositiva;

4) um tratado de seis capítulos sobre os vícios da oração (barbarismo, solecismo, outros) e as virtudes (metaplasmo, figuras, tropos), doutrina que parece depender amplamente do conteúdo dos dois tratados anteriores (tratados sobre o sistema sonoro e as partes do discurso), na medida em que tanto vícios quanto virtudes se dividem basicamente em alterações no nível das letras, sílabas e acentos de um lado, e em variações no emprego das partes da oração de outro.

Na *Ars Grammatica* de Donato, segundo Vieira (2018, p. 72), as classes gramaticais são mais evidentes quanto à apresentação no corpo da obra, seguindo modelos antecessores de Varrão e Dionísio, além do caráter ensaístico que a gramática traz. O autor ainda destaca que a *Ars* é “a que mais se aproxima daquilo que entendemos sobre gramática tradicional do que suas antecessoras nos dias atuais” (VIEIRA 2018, p. 73).

Em relação ao sistema sonoro latino, Elio Donato traz na *Arte Maior*¹⁰: *De uoce* (*Sobre a voz*), *De littera* (*Sobre a letra*), *De syllaba* (*Sobre a sílaba*), *De pedibus* (*Sobre os pés*), *De posituris* (*Sobre os tons*). Destacam-se aqui apenas os dois primeiros pontos da *Arte Maior*, que tratam das características iniciais do Latim, observadas em seu alfabeto. O gramático parte da definição de voz, definindo-a como uma saída de ar percutida, que traz consigo vibrações das cordas vocais que ocasionam a ocorrência de sonoridade, isto é, a saída de sons a partir do choque entre cordas vocais e o ar pela boca, conforme mostra Dezotti (2011, p. 130).

¹⁰ Tradução desta abordagem sobre a gramática de Donato é a de Dezotti (2011).

Ao definir *letra* como “menor parte articulada”, Donato faz a distinção entre vogais e consoantes, enumerando em cinco as vogais: **a, e, i, o, u**, e apresentando suas funções: **i** e **u** com características de consoantes quando estão juntas ou quando se associam com as demais vogais, além de receberem a nomenclatura de *vogais intermediárias*. A vogal **u** em determinadas circunstâncias não tinha função de vogal e nem de consoante, apenas desempenhava uma marcação em palavras, como em *quoniam*. Já a vogal **i** é negada a sua duplicação na mesma sílaba. Donato, assim como Dioniso e Apolônio, classifica as vogais em altas e baixas, de acordo com o som emitido ao serem pronunciadas.

Sobre as consoantes, Donato (apud DEZOTTI, 2011, p. 130) pontua a existência das consoantes com função de semivogais, sendo elas em número de sete: **f, l, m, n, r, s, x**, em que a letra **x** é classificada como semivogal dupla; as consoantes **l, m, n, r** são líquidas, onde: **l** e **r** fazem sílaba comum; **s** posicionada em metro, perde valor de consoante; **f** se antepõe às líquidas **l** e **r**, tornando-se um segmento mudo qualquer. Em relação às consoantes mudas, o gramático latino define como “aquelas que nem podem ser pronunciadas sozinhas nem fazem sílaba sozinhas”, apresentam-se em nove representações: **b, c, d, g, h, k, p, q, t**, onde: **k** e **q** diante de **a** devesse ocorrer anteposição em **k** quando diferenciada com **c** e, quando seguida de **u**, se grafar com **q**. A consoante **h**, para Donato, é a representação de consoante aspirada, já que não possui traços de sonoridade. Quanto a **y** e **z**, são consoantes gregas adotadas para complementar o alfabeto latino, em que **y** vale como vogal e **z** como consoante. Constata-se por meio dos estudos do gramático latino que o alfabeto latino tem 23 representações gráficas, 17 letras com sons únicos, uma letra com função de aspiração, uma letra com dupla sonorização, duas letras supérfluas e duas letras emprestadas do alfabeto grego.

Sistema Consonantal

| <i>Consoantes</i> | |
|----------------------------|---------------------------|
| <i>Semivogais</i> | f, l, m, n, r, s |
| <i>Consoantes líquidas</i> | l, m, n, r |
| <i>Consoante mudas</i> | b, c, d, g, h, k, p, q, t |

Fonte: Dezotti, 2011

Prisciano de Cesaréia é o terceiro gramático no período da Antiguidade romana a se dedicar aos estudos gramaticais com a obra *Institutiones grammaticae*. A obra é composta por 18 livros, totalizando quase mil páginas ao todo em sua primeira edição. Faraco (2008 apud VIEIRA, 2018, p. 76), diz que Prisciano teve a habilidade de articular os ensinamentos da Antiguidade grega para seus sucessores. Além de Prisciano, demais estudiosos dizem que o gramático não teve originalidade, quando comparado com as obras de Varrão e Donato.

A gramática de Prisciano, segundo Robbins (1979 apud VIEIRA 2018, p. 76) é considerada uma das grandes representantes da gramática latina. O gramático tenta desenvolver descrições sistemáticas sobre fonologia, morfologia e sintaxe em sua gramática, se valendo de tradução literal dos ensinamentos gregos. Prisciano também tenta definir o que é a gramática, ainda que influenciado pelos estudos alexandrinos, mantendo uma linha tradicional do conceito dado por Dionísio em sua *tékhnē*.

O primeiro ponto sobre o sistema sonoro latino que Prisciano enumera é o tópico *uoce* (sobre a voz), que trata da descrição de emissão de sons e diz que a variação de som emitido na fala se alterna de acordo com a entonação usada. A partir dessa interpretação, o gramático latino enumera o que seriam hoje as características vocais: articulada, inarticulada, literária e não-literária. Define articulada como uma característica vista em oradores, inarticulada como característica da fala coloquial, literária para os poetas e não-literária para os “não poetas”.

Na seção *De littera*, Prisciano conceitua letra como a menor parte da representação vocal de forma grafada. Dessa definição, o gramático parte para a distinção do que seriam as vogais e consoantes do alfabeto latino. Enumera em 23 as representações gráficas do alfabeto, expõe ocorrência de aspiração entre segmentos opostos, como **p** e **b**, além de abordar a queda da letra **r** no termo “*gravatur*”, onde o **r** final da palavra cai, prolongando-se o traço sonoro da vogal **u** e a não ocorrência da queda do **r** na mesma palavra quando o falante de fato pronuncia a palavra, fazendo o som do **r** vir a aparecer.

Sobre as vogais, Prisciano se atém às explanações de Donato, quando as distingue em vogais altas e baixas, uma vez que afirma que são cinco as representações gráficas das vogais: **a**, **e**, **i**, **o**, **u**, além de abordar sobre processo de ditongação e, sobre a descrição das características das consoantes, o autor também repete as anotações de Donato em sua gramática, fazendo total referência ao gramático que o antecedeu, tratando das divisões entre consoantes líquidas, semivogais, duplas, aspiradas, únicas e

empréstimos do alfabeto grego. Prisciano incluiu nas anotações sobre *De Littera* as descrições de algumas consoantes, caso de tritongação e hiato e outros fenômenos que são explorados em sílabas, unindo, assim, ambos os conteúdos em uma única seção.

1.2.3 Idade Média

O período da Idade Média marca a evolução dos estudos gramaticais, mantendo a estrutura normativa e ordenação prática desde a antiguidade. A língua latina ainda permanecia em sua hegemonia, juntamente com a ascensão da Igreja Católica Romana. Talvez por isso, os gramáticos medievais permaneceram com a estruturação e os estudos já desenvolvidos na Antiguidade. Vieira (2018, p. 79) diz que os estudos medievais de gramática latina tiveram caráter retrospectivo, limitando-se a reconhecer os padrões do passado. Mounin (1970) aponta Alexandre de Villedieu e Isidoro de Sevilha como os principais autores de gramáticas medievais que preservaram a base latina. Vieira (2018, 80) diz que Alexandre de Villedieu (1175 – 1240), autor de *Doctrinale Puerorum*, considera que sua gramática foi um manual puramente pedagógico, baseado no latim medieval, embora seguindo, em linhas gerais, a gramática de Prisciano.

A obra *Etymologiae*¹¹, de Isidoro de Sevilha (560-636), composta por 448 capítulos organizados em vinte livros, foi uma obra monumental dos estudos gramaticais da língua latina, além de ser considerada precursora da tradução dos saberes seculares gramaticais. A coletânea abarcava várias áreas do conhecimento, sendo os quatro primeiros livros dedicados à filosofia, medicina e as chamadas “sete artes liberais”: a gramática, retórica, dialética, aritmética, música, geometria e astronomia. O livro I, denominado *De grammatica*, deixa para trás o estilo de *arte grammatica* canônica, como era a de Donato, pois, ali, o autor trará das classes gramaticais, de forma mais específica e distribuída, seguindo os apontamentos de Donato e sua gramática.

Nessa seção, Isidoro de Sevilha faz apontamentos sobre o sistema sonoro latino com base nos estudos de Prisciano, nos quais, além de defini-las, mostra a divisão das letras em vogais e consoantes. Define as vogais como “letras que são liberadas de diferentes maneiras através da abertura do aparelho fonador, sem qualquer contato, além de fazerem um ‘som vocal’ sozinha e podem compor sílabas sem consoantes

¹¹ Para fundamentar os apontamentos sobre a gramática de Isidoro de Sevilha, utiliza-se a tradução feita por Barney, et al. (2006), da Universidade de Cambridge.

adjacentes”. Em relação às consoantes, ele as define como “letras produzidas por vários movimentos da língua ou por meio de compressão dos lábios, além de não produzirem som por si próprios, apenas por acompanhamento de uma vogal adjacente”. Isidoro divide as consoantes em semivogais e mudas, definindo a primeira categoria como “aquelas que tem parte sonora equivalente a uma vogal” e a segunda categoria como “aquelas que, sem acompanhamento de vogais, têm inatividade de som”.

Isidoro de Sevilha, assim como os gramáticos latinos que o antecederam, apontou a existência de dezessete representações válidas de letras para o alfabeto latino: **A, B, C, D, E, F, G, I, L, M, N, O, P, R, S, T** e **U**, devido às peculiaridades das vogais e consoantes explanadas, apresentadas de forma resumida nas pontuações abaixo:

- I. **i** e **u** podem ser tanto vogais como semivogais (**i** em comparação a **y** que possui mesma sonorização), como em *ianus e uates*;
- II. **v** é considerada sinal de aspiração, como em *qvis*
- III. **i** perde a função de consoante quando precedida de **q**, como em *uirqo*
- IV. Apresenta as oposições entre **l** e **r**, **m** e **n**, como em *fragor, flatus, Mnestheus*;
- V. Reafirma a posição de **h** como representação de aspiração;
- VI. O som de **k** é a mesma para **c** e **q**, além de considerar **q** como consoante supérflua, como em *Kalendae*

1.2.4 Renascimento à Idade Contemporânea: as referências gramaticais da atualidade

Ao fim da Idade Média, alguns dos dialetos europeus passaram a ser considerados línguas vernáculas, padronizando-se e categorizando-se ao patamar de língua normatizada de suas nações modernizadas. Desde o século V, a Antiguidade romana via o latim perdendo sua posição de língua vernácula para novos dialetos que se derivavam dela, chamados de *línguas romance*, iniciando um processo de diglossia¹², nos grupos sociais de cada civilização, isto é, cada grupo sociolinguístico se valia do conhecimento de uma língua romance fazendo-a materna e usual, ao mesmo tempo que dominava a língua latina (VIEIRA, 2018, p. 89).

¹²Diglossia significa situação de bilinguismo e, segundo Linhares e Alencar (2016), tem origem grega. Em grego, tem a forma διγλωσσία, a qual apresenta dois componentes: o prefixo δι-, por δις-, que quer dizer “duas vezes”, e a raiz γλωσσ-, que quer dizer “língua”.

A expansão das gramáticas se deu com o advento da imprensa, quando as publicações puderam ser reproduzidas em larga escala, para que todos ou a grande maioria das pessoas, pudessem ter acesso e à normatização da língua, como ilustra Buescu:

A imprensa, introduzida em Roma na 2ª metade do século XV, abre, naturalmente, uma época nova. Começa, pois, a fazer-se sentir o desejo de reproduzir textos que falassem uma linguagem acessível a um público infinitamente mais vasto. (BUESCU, 1978, p. 12)

Com o aprimoramento da imprensa, pontuada por Vieira (2018, p. 98), a reprodução das gramáticas se deu da seguinte maneira: para que novas obras de gramáticos vernáculos pudessem ser acessíveis, fatores externos foram colaborativos para a expansão da cópia em massa desses manuais, proporcionando o acesso a elas por quem se interessasse em estudar as regras de sua língua. São estes os fatores:

- I. Crescimento da população letrada na Europa;
- II. Importância das demais atividades exercidas socialmente, como o comércio, que passaram a reclamar por escrita, formando uma esfera estranha à Igreja Católica;
- III. A Reforma Protestante que definiu o acesso direto e universal aos textos sagrados.

Com o avanço nas publicações de gramáticas normativas no intuito de propagar os ensinamentos latinos, o período do Renascimento europeu também foi berço de grandes obras gramaticais de base latina para o ensinamento em diversas civilizações, além de ser reconhecido pelas grandes navegações, mercantilismo e a expansão para o chamado “Novo Mundo”.

Buescu (1978) caracteriza Dante Alighieri (1265-1321), no Renascimento, como pioneiro dos estudos sobre a linguagem com a obra *De vulgari eloquentia*, que apresenta a gramática como ciência de observação da linguagem, que deixaria de ser necessariamente latina e passava a incidir sobre as realidades das línguas vernáculos no século XIV. Nessa obra, Dante discute sobre catorze falares da Península Itálica que seriam importantes para suas poesias. O autor italiano defendia ser a gramática uma espécie de segunda língua, adquirida por meio de estudo formal e não por socialização espontânea, como era visto com as línguas vernáculos, sujeita a intempéries de variação e mudança linguística (VIEIRA 2018, p. 96).

Durante o século XV,

assiste-se, portanto, a um progressivo movimento de imposição do uso do vernáculo, em concorrência com o latim, nos níveis literário, científico e administrativo. Provisões e decretos visam à paulatina, mas definitiva substituição do latim pelas línguas vernáculas ou vulgares. Generalizam-se as traduções, com privilégio para Cícero, Tito Lívio, Virgílio, Horácio e Plínio (BUESCU, 1978, p. 14).

Para justificar a perda de espaço do latim como língua principal e abrindo os caminhos para as línguas derivadas, as línguas romance, gramáticas como Élio António de Nebrija (1492), Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540), gramáticos de Port-Royal (1660) ilustram como as novas línguas derivadas do latim ganharam seu espaço, sem desmerecer sua antecessora e principal fonte estrutural, como veremos a seguir.

A *Gramática de la Lengua Castellana*¹³, de Élio António de Nebrija (1441 - 1522) foi publicada em 1492. O autor que já era considerado por muitos, o pioneiro dos estudos renascentistas modernos, tinha o intuito de manter prioritário o estudo castelhano em sua obra. A gramática de Nebrija segue a linha dos antigos, com as categorias gramaticais, suas exemplificações e formas de aplicação das regras. A divisão das seções – metódica e histórica – permite que o leitor de sua obra possa aprender tanto as artes gramaticais quanto a história da língua, a qual foi considerada descendente direta do grego e do latim.

A abordagem sobre o sistema sonoro da língua castelhana ocorre no tópico denominado *Capítulo terceiro de como as letras foram faladas para representar as vozes* e *Capítulo quarto das letras e pronúncias da língua latina*, onde Nebrija faz apontamentos sobre as letras e suas estruturações. Porém é no *Capítulo cinco das letras e pronúncias da língua castelhana* que o gramático descreve o sistema sonoro do castelhano. No capítulo três, Nebrija (2019 [1492], p. 22) afirma que a representação das letras resultava na forma de como os falantes achavam que seria a representação de como falavam. O gramático, assim como todos os anteriores já citados, apresenta a composição da boca, porém com a enumeração das partes: língua, dentes, lábios, garganta, glote, pulmões, palato mole, etc., citando Aristóteles e Quintiliano para justificar suas colocações. No capítulo quatro, Nebrija resgata o sistema sonoro latino, apresentado por Quintiliano, que afirmava que havia vinte e três letras do alfabeto: sendo oito vogais e dezoito consoantes, porém desconsiderava-se as letras **h**, **x** e **y**, além

¹³As abordagens sobre o sistema sonoro foram retiradas da edição atual da gramática de Nebrija datada de 2019.

de descrever características já pontuadas na gramática de Isidoro de Sevilha, por exemplo.

No capítulo cinco, que é dedicado ao sistema sonoro da língua castelhana, Nebrija pontua que há vinte e três letras que foram emprestadas do latim, classificadas por “nível de serventia”, isto é, apenas doze letras lhe serviam para explicar sobre o sistema sonoro castelhano: **a, b, d, e, f, m, o, p, r, s, t, z** teriam serventia por elas próprias; **c, g, i, l, n, u** teriam serventia sozinhas e acompanhadas; **h, q, k, x, y** teriam serventia apenas acompanhadas, sempre afirmando que essas distinções são de ocorrências relacionadas à fala sendo representada na escrita. No decorrer do capítulo, o gramático castelhano se detém na descrição minuciosa de cada letra e sua respectiva função, fazendo assim a apresentação total do sistema sonoro da língua castelhana.

Buescu (1978) cita gramáticos como Fernão de Oliveira (1507 –1580/1), João de Barros (1496 – 1570) e Duarte Nunes de Leão (1530 – 1608), a partir do século XVI, considerados contemporâneos que cultuam a normatização das línguas descendentes do latim, como a língua portuguesa, defendida por eles. Fernão de Oliveira e João de Barros, tratam da gramática da língua portuguesa de duas formas: uma mais detalhada, de caráter epistemológico, apresentada por em *Grammatica da Lingoagem Portugueza* (GLPFO, 1536), enquanto a *Gramatica da Linguagem Portugueza* (GLPJB, 1540), com as categorizações distintas e exemplificações para os leitores entenderem cada caso, segue a tradição da Antiguidade Clássica, baseada na estrutura da gramática de Nebrija. Em 1606, Nunes de Leão publicou *Origem da Língua Portuguesa*, seguindo a mesma caracterização de João de Barros.

Além desses gramáticos, foi publicada a *Gramática de Port-Royal* em 1660, escrita por dois monges franceses, Antoine Arnauld (1612 – 1694) e Claude Lancelot (1615 – 1695), com fundamento no racionalismo francês, mostrado na obra de René Descartes, *Discurso sobre o método* (1637). Surgem, então, as tentativas de elaboração da gramática filosófica, a partir do princípio de que a língua é a expressão do pensamento e que o pensamento é governado pelas mesmas leis em todos os seres humanos, daí conclui-se que deveria a língua refletir essas mesmas leis, sendo possível, pois, a elaboração de uma gramática geral, comum a todas as línguas, conforme diz Vieira (2018, p. 126). A *Gramática de Port-Royal* é considerada um marco no histórico de constituição das gramáticas europeias, principalmente na normatização da língua francesa.

Nessa gramática, explicita-se a noção de signo como meio, através do qual os homens expressam seus pensamentos. Na relação pensamento/linguagem, os gramáticos de Port-Royal elaboraram teorias, pelas quais essa relação era dada por princípios gerais, que se estenderiam a todas as línguas (SILVA, 2007, p. 6). Assim, os gramáticos de Port-Royal afirmaram que, através das operações do espírito, o homem concebia, julgava e raciocinava. Tais operações serviam ao aspecto interno da linguagem e, a partir delas, os homens utilizavam-se dos sons e das vozes, ou seja, do aspecto externo da linguagem, para expressar o resultado daquelas operações (SILVA, 2007, p.6).

Em suma, neste capítulo, pudemos ter noção de um panorama histórico sobre os estudos sobre gramática ao longo dos séculos, desde as ideias filosóficas sobre a linguagem na Antiguidade clássica até chegar aos termos mais elaborados, podendo ser vistos nas gramáticas desenvolvidas nos séculos próximos aos nossos dias, desenvolvendo assim uma base teórica para a formulação das gramáticas dos dias atuais, como poderemos ver em Cunha e Cintra (2006), Evanildo Bechara (2009), Napoleão de Almeida (2009) e Rocha Lima (2011), autores que terão suas gramáticas exploradas no capítulo terceiro desta dissertação.

Capítulo 2: Fernão de Oliveira e João de Barros: O marco inicial da gramatização da Língua Portuguesa

O processo de gramatização de uma língua ocorre a partir de seus componentes e suas funcionalidades, resultando nas regras que a fundamentam. No capítulo anterior, tratamos sobre o processo de gramatização, fundamentado por Aurox (1992), além de traçarmos uma contextualização histórica da gramática, desde a Antiguidade clássica grega até os dias atuais, onde apresentamos brevemente o sistema sonoro descrito por alguns gramáticos importantes de cada período. Nesse capítulo, aprofundaremos sobre os primeiros gramáticos da língua portuguesa: Fernão de Oliveira e João de Barros.

Os primeiros esboços da gramatização da língua portuguesa surgiram no século XVI, com Fernão de Oliveira (1507-1581) e João de Barros (1496-1570). Alguns anos após a publicação da obra de Fernão de Oliveira, João de Barros publicou sua versão da gramática da língua portuguesa com influência indireta de Fernão de Oliveira e influências de gramáticos anteriores, como Élio António de Nebrija.

Tanto Fernão de Oliveira quanto João de Barros procuraram expressar em suas gramáticas tanto as partes do discurso que caracterizam a língua portuguesa como a inclusão de ensinamentos religiosos, como seções voltadas ao catecismo, por exemplo, já que o Catolicismo era a religião predominante daquela época e ambos autores tinham a vivência religiosa. Além disso, também chegaram a publicar obras que colaboraram para a cartografia, história e elementos de engenharia naval.

2.1 Fernão de Oliveira

Fernão de Oliveira foi um padre dominicano nascido em Aveiro e que viveu no período de 1507 a 1580(1)¹⁴ e, segundo Leite (2007), teve uma vida conturbada. Aos 13 anos ingressou no Convento dos Dominicanos em Évora e, aos 25, resolveu abandonar a instituição para se exilar na Espanha. No período em que se encontrava recluso, Fernão de Oliveira desenvolveu sua obra, *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, e ensinava D. Fernando D'Almada, a quem homenageia no prólogo da gramática e, após isso, lecionou na cidade de Lisboa para os filhos de João de Barros.

¹⁴ Para alguns autores, o ano da morte de Fernão de Oliveira é 1580, para outros, 1581 (ano mais referendado).

Entre 1540 e 1543, foi à Itália a pedido de D. João III, em uma missão secreta, para tratar de casos político-religiosos. Voltou a Portugal ainda em 1543, quando passou por tempos ruins: foi abandonado por parte de seus amigos, foi perseguido pela ordem dominicana por conta de seu temperamento incontrolável (LEITE, 2007. p. 84). Em 1545, usando o pseudônimo de Martinho, ingressou numa esquadra francesa, foi a para Londres onde passou a frequentar a corte de Henrique VIII; em 1547 foi denunciado pela inquisição e ficou preso até 1552; em 1554 foi nomeado revisor na Universidade de Coimbra, onde também foi professor de retórica.

Leite (2007) diz que Fernão de Oliveira foi um homem culto, que mantinha seu foco para os estudos das letras e da navegação, que além da gramática escrita por ele, também publicou outras obras como “Arte da guerra e do Mar” (1554), “Livro da fábrica das Naus” (publicado por Henrique Lopes de Mendonça, em 1898), “Arte da Navegação (*Ars Nautica*)” (s/d, escrito em Latim), “História de Portugal” (s/d).

Segundo Torres e Assunção (2000, p.14), Fernão de Oliveira foi discípulo de André de Resende entre 1521 a 1527. Coseriu (2000, p. 57) considera Fernão de Oliveira o primeiro gramático da língua portuguesa, por conta da originalidade de abordagem e a forma como discorre sobre as descrições linguísticas do dialeto português.

Fernão de Oliveira, segundo Leite (2007, p. 117), se utilizou de ensinamentos dos mais antigos estudiosos da língua, sobretudo das línguas latina e grega, como Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.), Marco Fábio Quintiliano (30-98 d.C., aproximadamente) e o orador Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.). Além desses estudiosos antigos, Coseriu (2000 *apud* Leite, 2007) diz que o gramático quinhentista também se baseou em estudos feitos por Élio António de Nebrija, em 1492, que fala da descrição do castelhano.

A *Grammática da Lingoagem Portuguesa*, escrita por Fernão de Oliveira, é considerada uma obra inovadora segundo Leite (2007, p. 117), pois faz significativa descrição da língua portuguesa do século XVI, à luz da fonética, fonologia e morfologia, seguindo o modelo descritivo latino. Coseriu diz que Fernão de Oliveira seria também um sociolinguista, já que o gramático fundamentou sua obra com base em observação da fala de camponeses e de nobres e da variação linguística que ocorria. Ainda sobre isso, o autor cita as palavras do gramático sobre sua obra, em que “a gramática não lhes serviria para ensinar a língua, apenas permitiria o conhecimento mais aprofundado da língua utilizada por seus falantes” (COSERIU, 2000 *apud* LEITE,

2007, p. 100, versão nossa). O que foi considerado como “linguagem culta” para Fernão de Oliveira foi a formalidade contida na fala dos nobres, pois pelo fator “acúmulo de cultura”, aqueles que possuíam mais educação e tinham vocabulário de prestígio possuíam a chamada “norma formal”. Já quem não tinha o vocabulário formal, tinham a “norma coloquial” que era composta pelas expressões usadas no dia a dia.

Sobre o aspecto fonético/fonológico e morfológico, a GLPFO, segundo Coseriu (2000), também trata superficialmente da questão ortográfica, passando a constituir uma nova forma de descrição: a descrição fonético-ortográfica, que passou a ser um dos motivos de historiadores da língua levantarem a hipótese de que Fernão de Oliveira teria saído da cidade de Évora em 1532 para a cidade de Toledo, na Espanha, para redigir a GLP.

2.1.1 A Grammatica da Lingoagem Portugeza

Fernão de Oliveira traz como característica principal o aspecto descritivo da língua portuguesa, em caracterização arcaica, que ainda transitava pelas raízes do latim, a partir de seus estudos iniciais a respeito da forma com que nobres e camponeses falavam no dia a dia. Segundo Vieira (2018, p. 109), Fernão de Oliveira apresenta uma concepção realista e representacionista de linguagem, conforme sentenças destacadas pelo próprio gramático: “a linguagem é figura de entendimento”; “das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas”; “falar é pronunciarmos o que entendemos” (VIEIRA, 2018, p. 109). Em alguns capítulos de sua GLP, o gramático quinhentista ressalta a idolatria da nobreza portuguesa e a história de Portugal como justificativa na elaboração de sua obra.

Com o intuito de proporcionar um manual descritivo para a nova identidade linguística que era o português arcaico, o gramático estrutura sua gramática em 50 capítulos, em que a maior parte se tratava dos estudos das letras, sons e sílabas, que, segundo Vieira (2018), são o foco principal de Fernão de Oliveira em sua GLP.

A GLPFO é uma gramática de estrutura de descritiva, tendo evidência desde sua introdução. O gramático quinhentista traz abordagens sobre o estudo das línguas gregas e latinas, base dos seus estudos para a formulação de sua gramática e, a partir das

descrições histórias apresentadas, parte para o princípio de conceito de *letra e figura*¹⁵, definidas no capítulo sexto da GLPFO: “Letra he figura de voz. estas dividimos em cõsoantes e vogaes. As vogaes tem em sy voz: e as consoantes não se junto cõ as vogaes” (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536. p.17).

Coseriu (2000, p. 35-36) ressalta que há momentos que a nomenclatura *letra* aparece como representação do som e momentos em que se refere à grafia propriamente dita. Fernão de Oliveira também fala sobre essa distinção de significados dados à letra no decorrer de sua gramática, transferindo-os para termos mais adequados como “figura e sinal” (referente à estrutura gráfica) e “unidade fônica” (referente ao som da letra), conforme explica Leite (2007, p. 120).

Dentro desse aspecto, Fernão de Oliveira passa a mostrar definições e explicações acerca das concepções fonético-fonológicas, tratando das peculiaridades do que seria então o sistema sonoro da Língua Portuguesa, com base nos estudos da Antiguidade clássica grega e romana, conforme já dito anteriormente.

O arcabouço teórico da GLPFO é dividido em três partes: “letras”, “vozes” e “sílabas”. A primeira parte dedica-se a descrição da grafia, pronúncia e outros aspectos das letras, seguindo para a explicação sobre os sons das letras. A segunda parte consiste na descrição e organização da estrutura silábica do português, em que Bisol (2009) destaca a originalidade de Fernão de Oliveira na questão da estruturação e afirma que a estruturação do gramático era a mais utilizada entre os séculos XVI e XX, na tradição gramatical luso-brasileira. Na terceira parte, apresenta o estudo morfológico das chamadas “dições” (palavras), conforme explica Vieira (2018, p. 111), os quais compreendem as classes de palavras, processo de formação, derivação, flexão e acento.

2.1.2. As fontes de Fernão de Oliveira: gregos e latinos

Fernão de Oliveira faz uso das abordagens dos estudiosos greco-latinos para dar sustentação teórica a seus estudos sobre as letras e os sons, além dos estudos do léxico e da morfologia. Em sua gramática, Fernão de Oliveira faz uma contextualização histórica das referências greco-latinas, passando pela contextualização histórica da Itália, onde cita diversos teóricos. Finalizando essa descrição, cita Portugal como forma de enaltecer

¹⁵ “A letra é figura da voz. Estas [as letras] dividimos em consoantes e vogais. As vogais têm som por si próprias e as consoantes têm som apenas acompanhadas de vogais.” (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 11, versão nossa)

suas raízes, descrevendo o país a partir do período pós-guerra, sob o comando de D. João III, considerado naquele período um rei pacifista.

Estudiosos gregos como Platão, Aristóteles, Prisciano e Dionísio aparecem em vários momentos da GLPFO sobre o sistema sonoro da língua portuguesa arcaica. Em relação às referências latinas, Quintiliano é, segundo Leite (2007, p. 125), o principal autor que Fernão de Oliveira se utilizou para fundamentar suas abordagens, seguido por Varrão, do qual se utilizou para fundamentar as abordagens sobre lexicologia. Fernão de Oliveira se propõe a descrever o valor fonológico das letras e também a aplicação de termos como “pronúncia”, “força”, “virtude” para fazer referência à exposição gráfica das unidades fônicas, que chama de *figura e sinal*.

Destacamos um trecho da GLPFO em que Fernão de Oliveira traz reconhecimento aos estudos feitos com base nas pesquisas e constatações de Marco Fábio Quintiliano: “Quintiliano, no oitavo livro onde também disse que falar é pronunciar o que entendemos, este só é hum meio que Deos quis dar às almas racionais para se poderem comunicar entre si e com o qual, sendo espirituais, são sentidas dos corpos” (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 4).¹⁶

Nesse sentido, a referência teórica de Quintiliano fez com que o desenvolvimento dos estudos sobre o sistema sonoro tivesse um direcionamento para que pudesse ser concluído de forma clara e explicativa, já que a proposta de Fernão de Oliveira em sua GLPFO era formular não só um manual de língua portuguesa para se ter conhecimento do dialeto, mas conhecer também as partes do discurso que formam a língua.

Fernão de Oliveira ainda apoiado no pensamento de Quintiliano justifica a importância do conhecimento sistemático, pois, com o processo de formação de palavras, seus falantes poderem aceitá-lo e poderem considerar o dialeto como uma língua histórica, e, com isso, poderem disseminar a língua a outros grupos de falantes para seu conhecimento. Ainda nesse ponto, a caracterização sociolinguística é vista na GLPFO de forma superficial, pois por meio de seus estudos, as comprovações de processos de variação linguística, segundo o entendimento de Leite (2007, p. 126), são vistas como um fator instável, pois causavam problemas de interação entre os falantes, conforme observação exposta na GLPFO retirada pela autora:

¹⁶ Quintiliano no oitavo livro disse que falar é pronunciar o que entendemos, este só é um meio que Deus quis dar às almas racionais para poderem se comunicar entre si e com o qual, sendo espirituais, são sentidas pelos corpos (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p.4).

O próprio de cada letra entendemos a particular pronúncia de cada uma parece a outra. E isto nos manda Quintiliano bem ver, porque nisto consiste o saber ler e mais que saber ler. E é verdade que, se não tivéssemos certa lei no pronunciar das letras, não pode haver certeza de preceitos nem na arte da língua. [...] não menos das figuras das letras nos manda Quintiliano ter muito carrego, porque elas são como instrumento, o qual, se for duvidoso, porá também em dúvida o efeito [...] (LEITE, 2007, p. 126)

Outro ponto que Fernão de Oliveira explora se refere às descrições de natureza fonológica de forma superficial. Nessa abordagem, o gramático cita Quintiliano e compara a língua portuguesa à língua latina para poder explicar sobre os pontos de articulação da língua, como a possível presença dos traços distintivos, por exemplo.

Fernão de Oliveira também trata sobre lexicologia. Tal estudo parte do pensamento de Quintiliano, porém sua maior fonte teórica foi Marco Terêncio Varrão, que, segundo Leite (2007, p. 130), consolida o arcabouço teórico sobre os estrangeirismos, contatos linguísticos e empréstimos de outros dialetos, em relação ao latim.

A competência de origem traçada por Fernão de Oliveira possui a seguinte divisão:

- I. Etimologia (própria origem portuguesa; alheias – estrangeirismos; comuns - empréstimos, cuja a origem é perdida da memória discursiva dos falantes);
- II. Composição (apartadas – simples; juntas – compostas);
- III. Diacronia (velhas – arcaísmo; novas – neologismo; usadas – uso contemporâneo);
- IV. Significado (própria – sentido denotativo; mudada – sentido conotativo);
- V. Derivação (primeiras – primitivas; tiradas – derivadas).

Não obstante, Marco Terêncio Varrão foi o principal parâmetro Fernão de Oliveira, sobretudo na questão etimológica da GLPFO. Varrão, em sua obra *A Língua latina*, dedicada a Cícero, reserva os livros V, VI e VII para tratar do estudo etimológico, seguindo os seguintes tópicos:

- I. Argumentação contra a Etimologia;
- II. Argumentação a favor da Etimologia;
- III. Estudo da noção de Etimologia.

Essa divisão feita pelo gramático latino fez com que Fernão de Oliveira estruturasse suas pesquisas sobre etimologia e, a partir disso, reserva um capítulo em sua gramática sobre os estudos etimológicos (LEITE, 2007, p. 132).

Ora pois, se como adivinhando dixéremos que homem se chama porque é o meio de todas as cousas ou porque está no meio do mal e do bem; e se dixéremos que mulher se

chama porque é mole e velho porque viu muito. (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 40)¹⁷

Fernão de Oliveira explica a ideia de Varrão sobre os estudos etimológicos, cuja citação reflete no seu entendimento sobre o assunto:

Já confessamos ser verdade o que diz Marco Varrão nos livros da Etimologia, que se mudam as vozes e com elas é também necessário que se mudem as letras (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 11)¹⁸

[...] Mas não é muito de maravilhar, diz Marco Varrão, que as vozes envelheçam e as velhas alguma hora pareçam mal, porque também envelhecem os homens cujas vozes elas são (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 59)¹⁹

Além do estudo do léxico, o gramático quinhentista tratou de “analogia” inspirado nos livros VIII a X de Varrão. Sobre isso, Fernão de Oliveira também trata sobre “uso”, distingue analogia de uso, em dois processos, à maneira de Varrão:

- I. A analogia voltada para a flexão nominal e verbal, visando a vogal temática;
- II. O uso voltado para as construções que não seguem paradigmas aos quais são pertencentes, porém tem sua utilização no processo de formação de palavras.

Com essa visão, enumeramos três tipos de analogia, conforme ilustra Leite (2007, p. 134).

- I. Analogia sancionada por uso antigo: formas consideradas em relação a certa fase da língua antiga e, portanto, não mais aceitas;
- II. Analogia sancionada pelo uso moderno: uso corrente em certa fase da língua;
- III. Analogia não sancionada pelo uso: nem antigo nem moderno, apenas para uso dos poetas.

Leite (2007) diz que Varrão estabelece um paralelo entre *analogia* e *uso* para aproximar de regra e uso, ou ainda, em linguagem moderna, “sistema” e “norma”, para explicar o funcionamento da língua. Fernão de Oliveira diz que a analogia e uso andam juntos, pois, mesmo nos casos de anomalia em que uma forma que se realiza em desacordo com seu paradigma, fazem com que determinadas regras cheguem a ser seguidas.

¹⁷ Ora pois, se como adivinhando, dissermos que homem se chama assim porque é o meio de todas as coisas ou porque está no meio do mal e do bem; e se disséssemos que mulher se chama assim porque é mole e velho porque se viu muito. (Versão nossa)

¹⁸ Já confessamos ser verdade o que diz Marco Varrão nos livros da Etimologia, que se mudam as vozes e com elas é também necessário que se mudem as letras. (Texto original)

¹⁹ Mas não é muito de maravilhar, diz Marco Varrão, que as vozes envelheçam e as velhas alguma hora pareçam mal, porque também envelhecem os homens cujas vozes elas são. (Texto original)

Além dos casos de analogia e anomalia que, incluem-se os estudos acerca das declinações – naturais e voluntárias -, cuja definição se apresenta de forma extensa, pois aborda os casos de flexão existentes – verbal e nominal – e a derivação na língua portuguesa.

De acordo com Vieira (2018, p. 111), a GLP de Fernão de Oliveira pode ser resumida nos seguintes tópicos:

- I. Esboça uma história da língua portuguesa;
- II. Faz uma descrição articulatória de seu sistema consonantal, vocálico e silábico (Origem do sistema sonoro da língua portuguesa);
- III. Fixa-lhe um alfabeto;
- IV. Tenta realizar estudos de lexicologia;
- V. Apresenta uma classificação e uma teoria de composição de palavras na língua.

As contribuições de Fernão de Oliveira para a fundamentação da língua portuguesa são consideradas importantes para a estruturação normativa, servindo de base para publicações posteriores, como a gramática de João de Barros, em 1540, e para dos demais gramáticos ao longo do tempo.

2.2 João de Barros

João de Barros nasceu em Viseu, em Portugal, no ano de 1496, e morreu em Pombal, em 1570. Diferente de Fernão de Oliveira, João de Barros teve uma educação privilegiada, por conta de seu pai, Lobo de Barros, ter desempenhado atividades para a corte do rei D. Manuel, pai de D. João III. Por conta da importância de seu pai na corte real, João de Barros exerceu o cargo de “moço da guarda-roupa”²⁰ e, por conta desse cargo, estudou juntamente com os filhos de fidalgos e pessoas mais próximas do rei.

Após a ascensão de D. João III à coroa, João de Barros foi nomeado para exercer cargos públicos na corte real, onde ficou até o final de sua vida. Durante a execução de seu trabalho, escreveu obras de temáticas variadas: história, geografia, religião, moral e línguas. O gramático também era um homem religioso que chegou a apoiar ideais diferentes dos da realeza e também presenciou os primeiros massacres contra os adeptos

²⁰ Nomenclatura da época para se referir a função de camareiro.

ao judaísmo, mas nunca abandonou os princípios do Cristianismo que eram fortemente presentes em suas obras.

João de Barros foi mais um historiador do que propriamente um gramático, pois segundo Leite (2007), ele escreveu sobre a língua sob embasamento de gramáticas castelhanas, como a de Élio António de Nebrija.

A gramática de João de Barros é considerada a segunda publicação voltada para a língua portuguesa e também a segunda parte da obra denominada *Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja*, que é classificada como obra heterogênea, por ser composta não só de assuntos relacionados à língua portuguesa, mas também de assuntos religiosos para catequização.

A coletânea de João de Barros foi dedicada a D. Felipe, príncipe de Portugal, filho de D. João III. A homenagem para D. Felipe na GLPJB foi feita com o intuito de destacar que a gramática seria importante para a educação do povo de forma geral e para que eles tenham um conhecimento da língua (LEITE, 2007, p. 102).

João de Barros mostrava, em sua GLP, além do ensinamento das partes do discurso para os que tinham “posição social” elevada devido à desigualdade social da época, os ensinamentos da doutrina católica que predominava na corte portuguesa. Por ser dividida de acordo com as partes do discurso conforme conhecemos nos dias atuais, a GLPJB traz em sua estrutura definições claras sobre as partes do discurso, juntamente com exemplos de sua aplicação, que facilitavam a compreensão.

2.2.1 A Gramática da Linguagem Portuguesa de João de Barros

A *Gramática da Linguagem Portuguesa*, escrita por João de Barros é o segundo manual do português arcaico. Coseriu (2000 *apud* LEITE, 2007, p. 93) de forma crítica, defende a ideia de que João de Barros haveria se apropriado da estrutura da gramática castelhana de António de Nebrija: “João de Barros [...] copia tão evidentemente e sem escrúpulos Nebrija, tomando deste ao pé da letra também numerosos exemplos e até exemplos de autores espanhóis, sem, contudo, mencioná-los nem uma única vez [...]”.

Buescu (1971 *apud* LEITE, 2007) diz que João de Barros buscou fundamentos teóricos nos estudos greco-latinos e em Élio António de Nebrija, gramático espanhol que desenvolveu em Salamanca no ano de 1492 um manual para a língua castelhana, dialeto falado na Espanha. A GLPJB frisava, nos estudos gramaticais, as partes do

discurso, abordando conceitos das classes gramaticais (substantivo, artigo, pronome, etc.) juntamente com exemplos, ao contrário da gramática de Fernão de Oliveira, que se atentou à uma forma mais descritiva.

A constatação de Buescu (1971 apud LEITE, 2007) se dá na observação dos parágrafos escritos por João de Barros, que apresentam grande semelhança com as palavras de Nebrija, caracterizando um parafraseamento de toda sua estrutura periódica, com raras referências ao espanhol e a qualquer outra fonte que tenha analisado para formular sua GLPJB.

A obra do gramático espanhol é dividida pelas partes do discurso, como destaca Leite (2007, p. 143):

- I. Ortografia;
- II. Prosódia;
- III. Etimologia;
- IV. Sintaxe.

Com base na divisão de classes da gramática de Nebrija, João de Barros passa então a enumerar as partes que compõem sua obra:

- I. Ortografia e Letra;
- II. Prosódia e Sílabas;
- III. Etimologia e Dição;
- IV. Sintaxe, ajuntamento e ordem das partes da oração.

Podemos destacar alguns pontos, segundo Buescu (1978, p. 63), presentes na GLPJB:

I. A existência do artigo: “artigo é uma das partes da oração, a qual não tem os latinos”²¹;

II. Desaparecimento da declinação: “Esta dificuldade é mais vista entre os latinos e gregos pela variação dos casos que acerca de nós, porque toda a nossa variação é de singular e plural”²²;

III. Formação perifrástica dos graus de comparação: “E entre nós e os latinos, há esta diferença: elas fazem comparativos de todos os seus adjetivos e nós não temos mais comparativos que estes: maior, menor, melhor, pior”²³;

²¹ artigo é ùa das partes da òraçám, a quá (...) nam tem os latinos

²² (...) Ésta dificuldade máis é entre os latinos e gregos pola variaçám dos cáos que àcerca de nós (...) porque toda a (...) nóssa variaçám é de singular a plurár.

²³ E antre nós e os latinos (h)á ésta diferença: eles fázem comparativos de todos os seus nomes ajetivos (...) e nós nam temos mais comparativos que estes: maior, menór (...), milhór (...), piór (...)

IV. Redução das conjugações: “Os latinos têm quatro conjugações, nós três”²⁴;

V. Diferenças entre a forma e o valor dos tempos verbais em relação ao latim: “alguns que os latinos têm de que nós não carecemos”²⁵;

VI. Formação perifrástica de alguns tempos verbais: “todas as outras partes que os latinos têm, suprimos ou pelo infinitivo, a imitação dos gregos, que podemos chamar de rodeio”²⁶.

VII. Formação perifrástica da voz passiva: “E porque não temos verbos da voz passiva, suprimos este defeito por rodeio”²⁷;

VIII. Desaparecimento da noção de quantidade: “os latinos e gregos sentem melhor o tempo das sílabas por causa do verso do que nós sentimos nas trovas, porque quase espera a escuta da quantidade de letras que tem”²⁸

2.2.2 As fontes de João de Barros

João de Barros, considerado como historiador por Coseriu (2000), possui uma particularidade que, segundo Vieira (2018, p. 114), seria a questão depositária da terminologia latina, diferentemente de Fernão de Oliveira, seu antecessor. Como foi explanado anteriormente, o gramático inspirou-se na estrutura gramatical de Élio António de Nebrija, autor da Gramática Castelhana. Desse modo, João de Barros ilustra bem o que Buescu (1984) traça como ponto de mudança latim – português, devido aos seus estudos terem embasamento nas teorias da língua latina passando para a língua portuguesa. A autora conclui dizendo que, para João de Barros, o binômio português-latim se põe, antes de mais nada, de forma esclarecida e consciente em relação a realidade românica que é definida durante seus estudos que resultam na elaboração da GLPJB, por meio de suas referências e de seu modo de abordá-las.

Os primeiros textos da GLPJB tinham finalidade didática, porém não para aplicação em sala de aula, conforme implica Vieira (2018, p. 115). Leite (2007, p. 146)

²⁴ Os latinos tem quátro conjugações; nós, três (...)

²⁵ (...) alguns que os latinos tem de que nós não carecemos.

²⁶ todas as outras más pártes que os latinos têm, suprimos ou pelo infinitivo, à imitaçám dos gregos, ou per çircunlóquio a que podemos chamar rodeo

²⁷ E, porque nam temos vérbos da vós passiva, suprimos este defeito per rodeo (como os latinos fázem nos tempos que lhe faléçe a vós passiva);

²⁸ «(...) os latinos e gregos sentem milhór o tempo das sílabas por cáusa do vérsó do que ô nós sentimos nas tróvas, porque cási espéra a nóssa orelha o consoante que a cantidade, dádo que â tem».

diz que o discurso de João de Barros apresenta um esquema de concordância quase absoluto com o “já dito” da descrição gramatical latina.

A partir dessas indicações, podemos observar a influência dita (in)direta vinda da gramática de Élio António de Nebrija, mostrada por Leite (2007) e constatada por Buescu (1978) após Buescu ter comparado as escritas dos dois gramáticos para a verificação de aparecimento das referências greco-latinas que João de Barros diz ter utilizado na fundamentação da GLPJB.

De modo geral, conforme é afirmado por Buescu (1978) e citado no tópico anterior, o peso da imensa semelhança da gramática de João de Barros com a de Élio António de Nebrija é explícita na GLPJB, como mostra o exemplo abaixo:

“Verbales se llaman aquellos nombres que manifesta mente vienen de algunos verbos e salen en diversas maneras”.(NEBRIJA,1492 livro III, p. 5)
“Chamamos nomes vèrbaes todolos que se derivam de algum vérbo, como: amár, amor;de sospirar, sospiro e de chórar, choro”.(BARROS, 1540, p. 306)

O que levou Buescu (1978) e Coseriu (2000) a constatarem a apropriação da estrutura da gramática de Nebrija por João de Barros foram as paráfrases das explicações da gramática castelhana presentes na gramática portuguesa, fazendo com que pudessem surgir suspeitas sobre a originalidade de sua GLPJB. A GLP de João de Barros, para alguns estudiosos da gramática, é considerada a primeira gramática da língua portuguesa, por ser sistemática e “seguir” o modelo latino de Nebrija, porém, segundo Vieira (2018, p. 116), não se pode tirar o reconhecimento de Fernão de Oliveira e sua GLP, já que foi publicada anos antes de João de Barros.

2.3 Os sistemas *vocálico e consonantal* das GLPs de Fernão de Oliveira e João de Barros

O aspecto sonoro de uma língua apresenta diversas características que podem ser percebidas quando falamos. Estudar o sistema sonoro nos dias atuais é poder conhecer a formação dos sons das letras que compõem um dialeto, sendo estudado com mais profundidade pela fonética e pela fonologia. Fernão de Oliveira e João de Barros se preocuparam em fazer uma apresentação teórica do que seria o nosso sistema sonoro a

partir dos estudos antigos, sobretudo com base nos estudos de Quintililano e demais estudiosos que carregam a herança greco-latina, como já vimos.

2.3.1 A GLP de Fernão de Oliveira

Para Fernão de Oliveira, nosso alfabeto é formado por “trinta e duas ou trinta e três letras” divididas entre vogais e consoantes. O gramático quinhentista inicia o capítulo VIII dividindo as vogais em “grandes” e “pequenas”, mas afirma que nem todas podem assim ser divididas. Vale ressaltar que, ao se tratar de vogais grandes, o autor está classificando o que atualmente conhecemos como “vogais abertas”; e ao tratar das vogais pequenas refere-se ao que se chamamos de “vogais fechadas”.

Aburre (2009) diz que a GLPFO possui um ar provocativo ao tratar do sistema sonoro, pois para estudiosos da fonologia moderna, o gramático tinha uma visão além de seu tempo. Fernão de Oliveira inicia seu raciocínio destacando a existência de oito vogais na língua portuguesa:

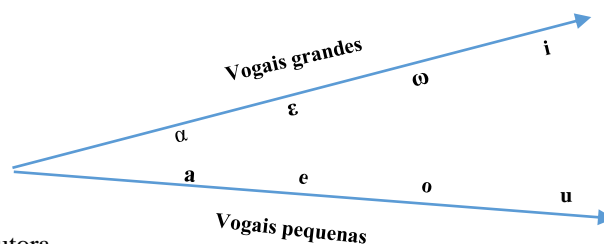
Sistema Vocálico – Fernão de Oliveira

| | |
|----------|----------|
| u | - |
| ω | o |
| i | - |
| ε | e |
| a | α |

Fonte: Leite (2007)

A partir dessa classificação, Cagliari (2009) transcreve a descrição do gramático acerca do material vocálico, que resultou na distinção entre vogais altas (é, ó, á) e vogais baixas (ê, ô, â).

Esquema Vocálico



Fonte: a autora

Além disso, o autor mostra que Fernão de Oliveira se preocupou em determinar símbolos para a distinção entre as vogais altas das baixas, como α para o “a” pequeno, ϵ para “e” grande e ω para “o” grande, conforme citação da própria GLPFO:

Na nossa língua podemos diuidir, âtes e neçessario \bar{o} diuidamos as letras vogaes \bar{e} grãdes e peõnas como os Gregos mas nã ja todas porõe a verdade \bar{o} temos a grande e α pequeno: e ϵ grande e e pequeno: e també ω grande e o pequeno. Mas nã temos assi diuersidade \bar{e} .i. nem .u. Temos a grãde como almada e α pequeno como alemãna: temos ϵ grande como festa e e pequeno como festo: temos o grande como fermõsos e o pequeno como fermoso. E conheçendo esta verdade auemos de cõfessar \bar{o} temos oyto vogaes na nossa língua mas nã temos mais de çinco figuras: porõ não queremos saber ays de nos \bar{o} quanto nos ensinã os latinos: aos quaes e pouco saber escoldrinhar as cousas alheas não nos entendendo e nos mesmo. (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p.18)²⁹

Desse modo, podemos exemplificar o sistema vocálico de Fernão de Oliveira, conforme tabela abaixo:

Tabela 2: Representação do Sistema Vocálico de Fernão de Oliveira

| Som | Letra/Sinal | Exemplo |
|----------------|-------------|---------|
| / a / | <a> | Amanda |
| / α / | | Amada |
| / e / | <e> | Cesto |
| / ϵ / | | Testa |
| / i / | <i> | Tia |
| / o / | <o> | Olho |
| / ω / | | ópera |
| / u / | <u> | Uva |

Fonte: Cagliari (2009)

No capítulo XII da GLPFO, Fernão de Oliveira explica a formação e estrutura das vogais:

Esta letra .a. peõno tẽ figura douo cõ hũ escudete diãte e põta do escudo em bayxo cãbada para çima: (a) a sua pronũciação he cõ a boca mais aberta \bar{q} das outras vogaes e toda a boca igual: a grãde tẽ figura de dous oouos ou duas figuras douo hũa pegada cõ a outra cõ hũ so escudo diãte.[...] Essa letra .e. pequeno tẽ figura darco de besta cõ a polgueira de çima de todo em si dobrada ainda \bar{q} naõ amassada; a sua voz não abre já tãto a boca e descobre mais os dẽtes. Desta letra .i. vogal sua figura he hũa aste peõna aleuãntada cõ hũ ponto peõno redõdo em çima: pronũciasse cõ os dentes quase fechados: e os beijos assi abertos como no .e e a língua apertada cõ as gẽgibas de bayxo: e o espirito lançado cõ mais ímpeto. A figura desta letrea .o. peõno he redonda toda por inteiro como hũ arco de pipa e a sua pronũciação faz isso mesmo a boca redonda dentro e os beijos encolhidos em redõdo. E a figura.oo. grãde parece duas faças

²⁹ Na nossa língua podemos dividir, antes é necessário que dividamos as letras vogais em grandes e pequenas, como os gregos mas não já todas, porque a verdade é que temos “a” grande e “ α ” pequeno; e “ ϵ ” grande e “e” pequeno; e “ ω ” grande e “o” pequeno. Não temos essa diversidade em “i” e “u”. Temos “a” grande em Almada e “ α ” pequeno em alemãna; temos ϵ grande como festa e e pequeno como festo: temos o grande como fermõsos e o pequeno como fermoso. E conhecendo esta verdade, temos de confessar que temos oito vogais na nossa língua mas não temos mais de cinco figuras: porque não queremos saber mais de nós que quanto nos ensinam os latinos: aos quais e pouco saber escoldrinhar as coisas alheias não nos entendendo. (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536. p. 18. versão nossa)

cõ hũ nariz pello meyo ou he dous oos juntos ambos e tem a mesma pronũciação comais força e espírito. [...] Esta letra .u. vogal aberta as queixadas e prega os beijos não deixando antreles mais q̃ so hũ canudo por õde sae o som escuro o qual he a sua voz. A sua figura he duas astes aleuantadas dereitas mas em baixo saõ atadas com hũa linha que sae d’hũa delas. (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536. p.22)³⁰

Barroso (2009, p. 247) tabula os sons vocálicos orais³¹ descritos por Fernão de Oliveira:

| | |
|---|--|
| [α]: som vocálico oral central semifechado. | [a] som vocálico oral central aberto. |
| [e]: som vocálico oral anterior semifechado | [ɛ]: som vocálico oral anterior semiaberto |
| [i], som vocálico oral anterior fechado | [o]: som vocálico oral posterior semifechado |
| [ω]: som vocálico oral posterior semiaberto | [u]: som vocálico oral posterior fechado |

Além da definição das oito vogais existentes na língua portuguesa, Fernão de Oliveira também diz que as vogais *a i, u* transitam entre altas e baixas, chamando-as de vogais dícrônicas. O gramático ainda fala sobre a nasalidade vocálica, que define como unidades simples que, com a inclusão do sinal (~), acrescenta o traço de nasalização. O gramático ainda acrescenta que (~) não é um segmento fonético, apenas um elemento nasalizador, podendo ser visualizado a partir de Barroso (2009):

| |
|---|
| [ã]: som vocálico nasal central semifechado |
| [ɛ̃]: som vocálico nasal anterior semifechado |
| [ĩ]: som vocálico nasal anterior fechado |
| [õ]: som vocálico nasal posterior semifechado |
| [ũ]: som vocálico nasal posterior fechado |

Descrição sonora das vogais nasais.

Fonte: Barroso (2009)

³⁰Esta letra <a> pequeno tem figura como se fosse um escudete com ponta de baixo para cima: (a) a sua pronunçiação é com a boca mais aberta que das outras vogais e toda a boca igual: <a> grande tem figura de dois escudetes em “o”, com o final com ponta de cima a baixo. [...]. Essa letra <e> pequeno tem figura de arco de besta com a polgueira de cima de todo em si dobrada ainda que não amassada; a sua voz não abre já tanto a boca e descobre mais os dentes. Desta letra <i>, sua figura é uma haste pequena alevantada com um ponto pequeno redondo em cima: pronunçiasse com os dentes quase fechados: e os beijos assim abertos como no <e> e a língua apertada com as gengivas de baixo: e o espírito (aspiração) lançado com mais ímpeto. A figura desta letra <o> pequeno é redonda toda por inteiro como arco de pipa e a sua pronunçiação faz isso mesmo a boca redonda dentro e os beijos encolhidos em redondo. E a figura <oo> grande parece duas faces com um nariz pelo meio ou é dois “os” juntos ambos e tem a mesma pronunçiação comais força e espírito. [...]. Esta letra <u> vogal aberta as queixadas e prega os beijos não deixando ente eles mais que só um canudo por onde sai o som escuro o qual é a sua voz. A sua figura é duas hastes alevantadas direitas, mas em baixo são atadas com uma linha que sai d’uma delas. (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536. p. 22. Versão nossa)

³¹ A representação dos sons abertos [α],[ɛ],[ω], seguem ilustração conforme sua descrição na GLPFO.

Cagliari (2009) destaca que Fernão de Oliveira tanto fala sobre a questão da formação dos ditongos, quanto os define como “um dobrado só”, ou seja, dois segmentos que apresentam apenas “um só espírito”, ocorrendo em apenas uma sílaba. Barroso (2009) cita Torres & Assunção (2000, p. 105-6), quando se diz que os ditongos se encontram em maior número em português do que em qualquer outra língua que ele, Fernão de Oliveira reconhece que esta é uma das particularidades da nossa própria harmonia, elencando-os (oral e nasal lado a lado) e informando-nos da sua estrutura, ou seja, da distribuição dos segmentos constituintes sublinhando, por fim, que a questão da nasalidade afeta ambas as vogais que formam os ditongos e não apenas a vogal-núcleo silábico.

| |
|---------------------------------------|
| manu /mẽũ/ > /mẽw̃/ - mão |
| canes /kẽês/ > /kẽjs/ - cães |
| /koratsõ/ > /koratsẽ w̃/ - coração |
| cão /kẽ / > /kẽ w̃/ - cão |
| amam /amẽ / > /amẽ w̃/ - amar (verbo) |

Um ponto a ter significativo destaque na GLPFO são os “traços distintivos” que, tanto Fernão de Oliveira quanto Quintiliano descrevem em seus estudos de forma simples. Fernão de Oliveira também reserva um capítulo para a formação das consoantes, amparado pelos estudos de Quintiliano e Dionísio, o Trácio:

Acostumam os gramáticos repartir as letras consoantes em mudas e semivogaes em qualquer língua, e é esta a principal causa de sua repartição: que as semivogaes podem estar em fim das vozes como as vogaes. E portanto se chamam semivogaes, que quer dizer quase vogaes. E as mudas, cujo nome é bem claro, não podem dar cabo às vozes. E deixadas outras razões desta divisão por esta que me a mi melhor parece, não há hi antre nós mais letras semivogaes que somente estas: l, r, s e z. Também escrevemos m em fim das nossas sílabas ou vozes, mas não muito acertando.” (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 19)³²

O capítulo XIII da GLPFO trata dessas questões particulares, onde também se diz que as consoantes têm a função de semivogais. Fernão de Oliveira reconhece que há várias razões para dividir as consoantes em mudas líquidas em qualquer língua. A explicação que ele escolhe é bem própria do português, língua que não admite

³²Acostumam os gramáticos repartir as letras consoantes em mudas e semivogais em qualquer língua, e é esta a principal causa de sua repartição: que as semivogais podem estar em fim das vozes como as vogais. E, portanto, se chamam semivogais, que quer dizer quase vogais. E as mudas, cujo nome é bem claro, não podem dar cabo às vozes. E deixadas outras razões desta divisão por esta que a mim melhor parece, não há <i> entre nós mas letras semivogais que somente estas: l, r, s e z. Também escrevemos m em fim das nossas sílabas ou vozes, mas não muito acertando. (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 19. versão nossa)

consoantes oclusivas, nem fricativas (exceto alofones de /s/ ou de /R/)³³ travando sílaba. Pela mesma razão, exclui as nasais das semivogais, porque em posição de omissão de som, apenas indicam a nasalização da vogal anterior. As líquidas são: **l, r, s e z**.³⁴ As surdas são: **b, c, d, f, g, m, n, p, q, t, x**.³⁵

Na tabela abaixo, podemos ver as características das consoantes, tendo a descrição feita por Barroso (2009) paralela às descrições de Fernão de Oliveira em sua GLP:

Tabela 3: Descrição das consoantes

| Barroso (2009) | Fernão de Oliveira (1536) |
|---|---|
| [b]: som consonântico oclusivo oral bilabial sonoro | Pronuncia-se a letra b antr'os beijos apertados, lançando para fora o bafo com impeto e quasi com baba. |
| [k]:som consonântico oclusivo oral velar surdo | c pronuncia-se dobrando a lingua sobre os dentes queixaes, fazendo hum certo lombo no meio della diante do papo, quasi chegando com esse lombo dalingua à ceo daboca e empedindo o espirito, o qual por força faça apartar a lingua e faces e quebre nos beijos com impeto. |
| [d]:som consonântico oclusivo oral alveodental sonoro | A pronunção da letra d deita a lingua dos dentes de cima com hum pouco de espirito. |
| [f]: som consonântico fricativo labiodental surdo | A pronunção do f fecha os dentes de cima sobre o beijo de baixo e não é tão inhumana antre nós como a Quintiliano pinta aos latinos; mas todavia assopra/ como elle diz. |
| [g]:som consonântico oclusivo oral velar sonoro | A pronunção do g é como a do c, com menos força do espirito. |
| [l]:som consonântico lateral alveolar | A pronunção do l lambe as gengibas de cima com as costas da lingua achegando as bordas della às dentes queixaes. |
| [m]: som consonântico oclusivo nasal bilabial | A pronunção do m muge antre os beijos apertados apanhando para dentro. |
| [n]:som consonântico oclusivo nasal alveodental | A pronunção do n tine, diz Quintiliano, tocando com a ponta da lingua as gengibas de cima. |
| [p]:som consonântico oclusivo oral bilabial surdo | A força ou virtude do p he a mesma que a do b, senão que traz mais espirito. |

³³ Em português, alofones de /S/ são [s, z, Σ, Z] e alofones fricativos de /R/ são [r, ʁ, R, x, h], conforme abordado em CAGLIARI(2008; 2002).

³⁴ A classificação de semivogais nas determinadas consoantes por parte de Fernão de Oliveira, hoje são classificadas como **Sonorantes** – Em fonética e fonologia, uma consoante soante, ou simplesmente soante, é um som produzido com um fluxo de ar contínuo e não-turbulento no trato bucal. As soantes são em sua maioria sonoras nas línguas do mundo. Todas as vogais são soantes, assim como algumas consoantes como /m/ em má e /l/ em lá. Na escala de sonoridade, todos os sons mais altos que as fricativas são soantes e portanto, podem formar o núcleo de uma sílaba em algumas línguas que distinguem níveis de sonoridade. (Dicionário de Fonética e Fonologia)

³⁵ A noção de consoantes surdas de Fernão de Oliveira, nos dias atuais, passa a ser diferente: /b/, /t/, /d/, /c/, /g/, /p/ são classificadas como **oclusivas surdas ou sonoras**, /f/, /x/, como **fricativa surda**, /m/, /n/ como **nasais sonoras**.

| | |
|---|--|
| [w]:som semivocálico labiovelar | Mas, como quer que seja, no-la haoemos mester na nossa lingua, assi para em alghũas dições que de necessidade têm u liquido, como quasi, quando,quanto, qual e outras semelhantes, [...] |
| [r]: som consonântico vibrante alveolar simples | Pronuncia-se o r singelo com a lingua pegada nos dentes queixaes de cima e sae o bafo tremendo na ponta da lingua. |
| [r]: som consonântico vibrante alveolar múltiplo | Do rr dobrado a pronunção é a mesma que a do r singelo, senão que este dobrado arranha mais as gengibas de cima e o singelo não treme tanto; |
| [t]: som consonântico oclusivo oral alveodental surdo | O t tem a mesma virtude do d com mais espirito; todavia tira o t para fora. |
| [ʃ]: som consonântico fricativo chiante surdo | Ao x nós lhe chamamos cis, mas eu lhe chamaria antes xi, porque assi o pronunciamos na escritura: pronuncia-se com as queixadas apertadas no meio da boca, os dentes juntos, a lingua ancha dentro na boca e o espirito ferve na humidade da lingua. |
| [z]:som consonântico fricativo sibilante sonoro | Apronunção do z zine antr'os dentes cerrados, cotn a lingua chegada a elles e os beiços apartados hum do outro; |
| [s]: som consonântico fricativo sibilante surdo | Esta letra [...] ç tem a mesma pronunção que z, senão que aperta mais a lingua nos dentes. |
| [ʒ]: som consonântico fricativo chiante sonoro | j consoante [...] A sua pronunção é semelhante à do xi, com menos força. |
| [v]: som consonântico fricativo labiodental sonoro | A força de o consoante é como a do f mas com menos espirito. |
| [j]: som semivocálico palatal | A qual letra a mi me parece ser y e não i vogal, porque ella não faz sillaba por si; nem tão-pouco j consoante na força que lhe nós demos, mas em outra quasi semelhante àquella muito enxuta sem nenhuma mestura de cospinho |

Fonte: Barroso (2009)

Fernão de Oliveira chama a atenção para três fatos importantes:

- a) É preciso saber reconhecer na escrita a pronúncia, porque a troca de letras pode afetar o significado;
- b) Existe um modo mais aceitável de ler, isto é, de pronunciar o que está escrito, que constitui a “arte” da língua, ou seja, o dialeto padrão;
- c) Entre o povo encontram-se pronúncias diferentes do padrão (“arte”) da gramática. O objetivo de escolha do padrão tem a ver com o objetivo de formar um sistema ortográfico melhor e mais fácil. Obviamente, o de que a ortografia menos gosta é da variação. (CAGLARI, 2008.p. 569)

Fernão de Oliveira também apresenta as peculiaridades das chamadas *consoantes aspiradas* – os dígrafos **ch**, **lh**, **nh**, tratados no capítulo XVI da GLPFO, também ilustradas por Barroso (2009):

[ʒ]: som consonântico africado chiante pré-palatal surdo

[ʎ]: som consonântico lateral palatal

[ɲ]: som consonântico oclusivo nasal palatal

Fonte: Barroso (2009)

Não fica claro, na GLPFO, se, naquela época havia tal pronúncia, porque o gramático atribui esse modo de falar aos espanhóis. A ortografia da GLPFO, neste caso, é confusa, porém Fernão de Oliveira descreve a pronúncia de < z > e de < ç > como sendo fricativas dentais. Ele diz que

A pronúncia do .z. zine antros dentes çerrados com lingua chegada a elles e os beyços apartados hũ do outro: e e nossa propria esta letra.” , e a respeito do Ç, diz: “[...] tẽ a mesma pronúncia q .z. se não que aperta mais a lingoa nos dentes.” (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p.18).³⁶

Ao comentar sobre o /j/, consoante palatal, Fernão de Oliveira observa que ela não é uma consoante “enxuta” como a semivogal /y/, mas aparece como uma “mistura de corpos”, revelando o grau de detalhamento de sua descrição. Por outro lado, as palatais são descritas como articulação secundária às quais foi acrescentado um “som aspirado”, razão pela qual se escrevem com os dígrafos **ch**, **lh**, **nh**. Essa aspiração do português é diferente da que ocorre em outras línguas, daí a dificuldade de a ortografia revelar como se pronunciam esses sons (CAGLIARI 2008, p. 570).

Fernão de Oliveira, aos olhos de Cagliari (2008) mostra, no comentário a seguir, que prestava muita atenção aos timbres vocálicos, fazendo uma observação segundo a qual a vogal **u**, em português, soa com um valor muito próximo da vogal (ABERCROMBIE, 1967), em sílaba tônica, distinguindo-se auditivamente da vogal que ocorre geralmente em contextos átonos e, principalmente, em ditongos. Como o gramático só tinha uma figura, mas conhecia a variação entre **u** e **o**, a opção de escrever **o** com a figura **u** era uma boa solução, sendo a vogal **u** a substituta do alongamento **oo**. Ao fenômeno de variação de timbre, como em outros casos, atribui ao elemento mais baixo o nome de líquida, seguindo, no caso das vogais, uma regra de abaixamento vocálico. Ele diz:

Algũas letras se fazem liquidas. Quer dizer liquido aqui brando/ou diminuido de sua força das vogaes nos fazemos .u. liquido alghũs vezes despoys de .g. e .q. como quando: e lingua mas se o meu sentir he açertado eu sinto nos taes lugares .o. pequeno e não já

³⁶ “A pronúncia do <z> vibra entre os dentes cerrados com a língua próxima a eles e com o afastamento dos lábios e esta letra é própria da língua”, e a respeito do <ç>, diz: “[...] tem a mesma característica de <z>, porém não se propaga a interação da língua com os dentes (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 18, versão nossa).

.u. e assi o escreueria se me atreuesse desta maneyra lingoa. goando. Porque assi me soa a mi nas minhas orelhas [...] (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p.26)³⁷

Na classificação das consoantes feita por Fernão de Oliveira, algumas são classificadas como sonorantes. O gramático, segundo Cagliari (2008, p. 570), observa que se houver duas consoantes contíguas a primeira precisa ser muda (obstruintes) e a segunda precisa ser líquida; e nunca ocorrem duas líquidas de mesmo timbre em sequência, sendo possível duas iguais: **ll** e **rr**.

2.3.2 A GLP de João de Barros

João de Barros apresenta o sistema sonoro do português ao descrever “letras e sons”, excluindo a questão da articulação e composição dos sons, afirmando que as letras possuem três pontos fundamentais: nome, figura e poder.

Letra (segundo os grammáticos) é a mais pequena parte de qualquer dição que se pode escrever: a que os latinos chamáram nota, e os gregos carater, per cuja ualia e poder formamos as paláuras. Ea esta formaçam chamã elles primeiros elementos da linguágem: ca bem como do aiuntamento dos quáto[+] elementos se compõem totalas coufas: affy do aiuntamento das leteras hūas com as outras per ordem natural, se entende cada hum em sua linguágem, pola ualia que pos no feu[+] A, b, c. Donde as leteras ueçram ter estas tres coufas, Nome, figura, poder”(JOÃO DE BARROS, 1540, p. 3)³⁸

Em “Da Orthographia”, João de Barros oscila ao afirmar que o alfabeto se apresenta em 26 letras, e, mais à frente, afirma que são 27 a 33 letras, dividindo-as em vogais e consoantes.

Como uimos no princípio, se ueffê a nófla linguágẽ destas leteras ã a sua orthografia, á a b c ç d e f g h i y l m n ó o p q R r f t V u x z— ch, lh, nh: que sam ã figura trinta e tres, e ã poder uinte e seis.[...] Estas uinte e seis leteras se partem em uogáes e cõfoantes: as uogáes sam á a e i ó o u[...] Toda las outras leteras que nam sam uogáes chamamos cõfoantes: b, c, d, f, g, p, q, t, l, m, n, r, s, x, z (JOÃO DE BARROS, 1540, pp. 40-41)³⁹

Sobre as vogais, João de Barros enumera em oito as representações gráficas:

³⁷ Algumas letras se fazem líquidas. Quer dizer líquido aqui brando ou diminuto de sua força. Das vogais, fazemos o <u> líquido algumas vezes depois de <g> e <q> como quando: e língua mas se o meu sentir é acertado eu sinto nos tais lugares /o/ pequeno e não /u/e assim o escreveria se me atrevesse dessa maneira, porque assim me soa à minhas orelhas (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 26)

³⁸ “Letra (segundo os gramáticos) é a mais pequena parte de qualquer dição que se pode escrever. Os latinos as chamam de nota e os gregos de caractere e podem formar palavras. A esta formação, eles chamam de primeiros elementos da linguagem por conta da junção de quatro elementos: letra, nome, figura e poder. [...] (JOÃO DE BARROS, 1540, p. 3)

³⁹ [...] serve-se a nossa linguagem dessas letras em sua ortografia: á a b c ç d é e f g h j i y l m n ó o p q R r s t v u x z— ch, lh, nh, que são em figura trinta e três, e em poder, vinte e seis letras. Essas vinte e seis letras se partem em vogais e consoantes. As vogais são á a é e i ó o u e as consoantes são b, c, d, f, g, p, q, t, L, m, n, r, s, x, z (JOÃO DE BARROS, 1540, pp. 40-41)

| | |
|---|---|
| á | a |
| ę | e |
| i | — |
| ó | o |
| u | - |

Fonte: João de Barros, 1540

O gramático conceitua as vogais como “letras que, por se juntar com outras, fazem perfeita voz” (JOÃO DE BARROS, 1540, p. 84). Seguindo nessa linha, João de Barros apresenta os ditongos formados como “duas dições gregas, que retém um som quase dobrado e fazem uma sílaba”, segundo suas anotações com base nas de António de Nebrija:

| |
|----|
| ay |
| au |
| ei |
| ou |
| oi |

Fonte: João de Barros, 1540

Quanto à distinção das semivogais **i** e **u** em relação ao **j** e **v**, o trabalho de João de Barros igualmente foi o de seguir a orientação. Mas deixou em aberto a questão do **y**, para a qual não apresentou uma proposta precisa. Diz João de Barros: “Ygrego tem dois ofícios: serve no meio das dições ás vezes como, máyor, ueyo. E serve no fim das dições sempre: como, páy, áy, tomáy” (JOÃO DE BARROS, 1540, p. 45).

Em relação às consoantes, João de Barros as define em: mudas: “porque tirando as tletras vogais com que as nomeamos, elas ficam sem voz”: **b, c, d, f, g, p, q, t**; meias vogais: “por terem antes e depois de si, vogais que as nomeiam”: **l, m, n, r, s, x, z** (onde **x** e **z** são consideradas meias vogais; **l, m, r**, são meias vogais líquidas; **m** pode ser substituída pelo sinal gráfico “ ~”). O gramático considera a existência de duplicação de letras, nas quais “letras dobradas ocasionam o aumento de letras no

alfabeto para vinte e sete”, incluindo assim os dígrafos (JOÃO DE BARROS, 1540, p. 85).

Em sua proposta alfabética, João de Barros preocupou-se em resolver pelo menos três problemas sérios que percebeu na representação dos fonemas portugueses, conforme dito por Monteiro (1997):

- I. A perda da noção de quantidade e necessidade de distinguir os graus de abertura das vogais;
- II. A tentativa de substituição do dígrafo **qu** pela letra **c**, utilizando o **ç** para o som sibilante (ça, çe, çí, ço e çu) que ainda era africado no século XVI;
- III. A distinção das semivogais **i** e **u** em relação ao **j** e **v**.

João de Barros, para distinguir o timbre das vogais portuguesas, propôs o uso de sinais diacríticos: o acento agudo sobre as letras **a** e **o** e uma espécie de vírgula sob a letra **e**. Para representar o fonema oclusivo velar surdo **k**, igualmente a Fernão de Oliveira, sugeriu a letra **c**, antes de qualquer vogal, o que possibilitaria a eliminação tanto do dígrafo **qu** como da letra **k**:

Este letera .Q. pelo nome que têm, e assy pela pouca neçesidade que á della [...] a nós conuinha mais que a outra naçám desterrála da nóssa orthografia, e em seu logár, empossár esta letera, c, [...] pois ésta .Q. têm tam peruérsa natureza alem do máo nome, que se nam aiunta ás leteras uogáes senam mediante esta, u (JOÃO DE BARROS, 1540, p.48).⁴⁰

Outro aspecto considerável diz respeito ao emprego dos acentos e do til (~). Diferente de Fernão de Oliveira, João de Barros considera o til como letra. O til é interpretado como uma letra supletiva, para substituir o /n/, o /m/ e o grupo que:

séruenos por estas tres leteras .m, ue, quando se põem sobre esta letera .q, ou sobre letera uogal[...] séruem em seu lugár [do m] til, a que podemos chamár soprime) to delle e do, n, como nestas dições, mandár, razám (JOÃO DE BARROS, 1540, p.47).⁴¹

Com esses apontamentos por parte de João de Barros, podemos notar que a abordagem ainda que breve sobre o sistema sonoro da língua portuguesa não foge do modo como era abordado por gramáticos que o antecederam, como o próprio gramático evidencia em sua obra, pois tal característica mostra que permanece o que seria um padrão de abordagem sobre o sistema sonoro das grandes línguas, como o latim e o grego, não sendo diferente com o português e proporcionando assim a base para futuros estudos a respeito do sistema sonoro do português.

⁴⁰ Esta letra <q> pelo nome que tem, e assim pela pouca necessidade que há dela, como vimos atrás na letra <c>, a nós conuinha mais que a outra nação a desterrar da nossa ortografia, e em seu lugar empossar esta letra <c>. [...] pois esta<q>, tem tão perversa natureza além do mau nome, que se não ajunta às letras vogais senão mediante esta <u>, que lhe é semelhável; (JOÃO DE BARROS, 1540, p. 48).

⁴¹ <m>, tem menos trabalho que as outras letras, porque toda as sílabas cuja letra ele é final, serve em seu lugar til, a que podemos chamar supremento dele e do <n>, como nestas dições: mandar, razam. (JOÃO DE BARROS, 1540, p. 47).

Capítulo 3 – Revisitando o passado: As características do sistema sonoro do português arcaico na gramática normativa contemporânea

Sabemos que nenhuma língua é unitária e homogênea, mas sim heterogênea. O conceito de norma surge da necessidade de captar a heterogeneidade constitutiva das línguas. Para que ela pudesse ser conhecida, gramáticas e outros manuais foram publicados para que fosse possível conhecer as partes do discurso dessa língua, desde as noções de letras e sons até as classificações de versificação. Sobre o português arcaico, as primeiras gramáticas do século XVI, escritas por Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), passaram a ter significado cultural, e essa ideia acabou sendo ponto de partida para publicação de manuais de línguas românicas que fossem surgindo (MATTOS E SILVA, 2015, p.48).

Fernão de Oliveira e João de Barros mostraram em suas GLPs uma base didática do português por meio de estudos anteriores, resgatando os moldes da Antiguidade clássica grega até chegar nos modelos latinos, trazendo consigo uma base gramatical sólida para que fossem feitas as primeiras gramáticas da língua portuguesa.

Do século XVI até os nossos dias, novos estudos sobre a língua portuguesa foram surgindo e também novas adequações, como as normas gramaticais e ortográficas, por exemplo. Trazendo a questão da norma linguística para o contexto gramatical, a existência de uma norma padrão para uma língua é vista como um meio de manter uma formalidade do dialeto, uma vez que, além dessa visão formal, existe uma diversidade de dialetos coloquiais que fazem com que a caracterização de heterogeneidade linguística seja perceptível.

É nesse aspecto de padronização das regras gramaticais que podemos ver o quanto as estruturas do passado podem ser presentes nas gramáticas contemporâneas, como nas gramáticas de Cunha e Cintra (2006), Bechara (2009), Napoleão de Almeida (2009) e Rocha Lima (2011), que serão contrastadas com as gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros quanto a abordagem sobre o sistema sonoro do português, a serem vistos no presente capítulo.

3.1 Norma linguística: Breve consideração

A noção de norma transparece os diferentes espaços sociais e as mais variadas áreas de conhecimento. É preciso recorrer a outros argumentos para entender o seu uso nas discussões sobre linguagem. Faraco diz que a norma é “o conjunto de fatos

linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade” (FARACO, 2008, p. 40). Portanto, podemos entender por norma linguística um conjunto de usos e atitudes comuns a determinados grupos sociais, que funciona como um elemento de identificação de cada grupo (COELHO et al., 2014, p.51).

Ainda segundo Faraco, uma língua é formada por várias normas: as normas de comunidades rurais, as de comunidades urbanas, as de grupos mais velhos, as que caracterizam a fala dos letrados, as dos analfabetos, aquelas que são usadas pelos jovens das periferias, as que são usadas pelos surfistas, pelos advogados etc., nos remetendo de que a norma é um elemento híbrido, isto é, que não podemos estabelecer uma separação precisa entre uma norma e outra (FARACO, 2008 apud COELHO et al., 2014, p. 51).

Faraco e Zilles (2017, p.78) caracterizam a norma linguística em dois sentidos: a “norma normal”, de natureza geral, que designa toda e qualquer variedade constitutiva da língua e a “norma normativa”, de natureza específica, que designa o conjunto de preceitos que definem o “bom uso”. Esses dois sentidos caracterizam a fala do indivíduo em um determinado grupo social, dando a ele a escolha mais adequada de expressão, seja na própria fala ou na escrita.

A norma normal é associada com a linguagem urbana, sendo definida como “a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas, tanto na fala quanto na escrita” (FARACO, 2008 apud SANTOS, 2013, p.18). É a variante mais empregada nas escolas e em documentos oficiais, além de ser considerada variante de prestígio com base na tradição gramatical. A norma padrão da língua portuguesa se consolidou a partir dos critérios linguísticos e políticos, tendo base nas noções culturais. Na Europa do século XV já se tinha a noção de padronização da língua, uma vez que a unificação e centralização política demandava u Essa norma-padrão é, conforme define Bagno (2007, apud Santos, 2013, p.18), “um construto sócio histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização”. Não pode ser caracterizada como uma variedade da língua. Está fundamentada na escolha de ocorrências extraídas do uso real da língua para servir de referência, sendo difundida pelas gramáticas normativas, um projeto de padronização por diversos setores sociais (SANTOS, 2013, p.19).

Nesse ponto de vista, o que conhecemos por norma padrão se encaixa na ideia de “norma normativa” que encontramos nas gramáticas escolares, cuja função é de trazer de maneira didática o conhecimento das partes do discurso e como cada uma funciona,

no nosso caso, como a língua portuguesa funciona, já que a própria norma normativa é um constructo padronizador que busca homogeneizar o discurso em determinados contextos (FARACO E ZILLES, 2017, p.18).

Com isso, a regularização da língua culta realizada pelos manuais gramaticais estipulando-a como a única correta, digna e pronunciada pela classe dominante, se analisada profundamente, nos depararemos com um dos maiores fortalecedores das diferenças sociais. Segundo Waal (2009, p. 986), a linguagem utilizada por cada pessoa passou a ser um espelho de sua condição social, se a língua utilizada for a culta o indivíduo conquista certo respeito diante da sociedade, já se a língua utilizada se diferenciar desta, este indivíduo na maioria das vezes passa a sofrer preconceitos, pois não se encaixa no padrão estipulado pela sociedade.

3.2 Características das GLPs de Fernão de Oliveira e João de Barros

As gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros, à primeira vista, trataram sobre o sistema sonoro do português de forma semelhante, pois a organização do conteúdo sobre as letras e suas particularidades têm grande similaridade.

O conteúdo tratado era dividido em conceitos sobre letra e som, o alfabeto, vogais e consoantes, assim como suas características, seguindo após isso, com as demais partes do discurso. Sobre os conceitos de letra e som, ambos definiram como representação gráfica e som das letras. Para cada característica do sistema sonoro, tanto Fernão de Oliveira quanto João de Barros se atentavam em explicar como tal o processo poderia ocorrer. Além disso, os gramáticos quinhentistas também descreveram como era composta a boca, para poderem explicar como era realizada o som de cada letra.

Sobre as vogais, Fernão de Oliveira e João de Barros trataram da descrição e como seria a representação do sistema vocálico do português arcaico, sendo 5 representações gráficas e 8 representações dos sons vocálicos, conforme representamos no esquema abaixo:

Representação do sistema vocálico do português arcaico – Século XVI

Representações gráficas

| | |
|----------|----------|
| i | u |
| e | o |
| a | |

Representações sonoras

| | |
|----------|----------|
| i | u |
| e | o |
| ɛ | ɔ |
| a | |

Fonte: Fernão de Oliveira, 1536; João de Barros, 1540

Os gramáticos classificam as vogais em grandes e pequenas que, na classificação atual, correspondem a altas, baixas e reduzidas.

| Classificação das Vogais (Século XVI) | | |
|---------------------------------------|---------------|-----------------|
| Vogais Grandes | Vogais médias | Vogais Pequenas |
| a, e, o | i, u | ɛ, ɔ |

Classificação das vogais segundo Fernão de Oliveira e João de Barros

Fonte: Fernão de Oliveira, 1536; João de Barros, 1540

Ainda sobre as vogais, Fernão de Oliveira e João de Barros apresentaram as descrições de como elas são em relação às suas vozes, sendo que as mesmas descrições que Fernão de Oliveira faz são vistas na gramática de João de Barros.

| Descrição das vogais (século XVI) |
|---|
| <a> pequeno tem figura como se fosse um escudete com ponta de baixo para cima: (a) a sua pronúncia é com a boca mais aberta que das outras vogais e toda a boca igual: |
| <a> grande tem figura de dois escudetes em “o”, com o final com ponta de cima a baixo. |
| <e> pequeno tem figura de arco de besta com a polgueira de cima de todo em si dobrada ainda que não amassada; a sua voz não abre já tanto a boca e descobre mais os dentes. |
| <i>, sua figura é uma haste pequena alevantada com um ponto pequeno redondo em cima: pronunciasse com os dentes quase fechados: e os beiços assim abertos como no <e> e a língua apertada com as gengivas de baixo: e o espirito (aspiração) lançado com mais ímpeto. |
| <o> pequeno é redonda toda por inteiro como arco de pipa e a sua pronúncia faz isso mesmo a boca redonda dentro e os beiços encolhidos em redondo. |
| <oo> grande parece duas faces com um nariz pelo meio ou é dois “os” juntos ambos e tem a mesma pronúncia com mais força e espirito. [...]. |
| <u> vogal apertada as queixadas e prega os beiços não deixando ente eles mais que só um canudo por onde sai o som escuro o qual é a sua voz. A sua figura é duas hastes alevantadas direitas, mas em baixo são atadas com uma linha que sai d’uma delas. |

Sobre os ditongos, Fernão de Oliveira se aprofunda mais sobre o conteúdo que João de Barros, dedicando um capítulo apenas para o conteúdo, em que é explicado a forma como o ditongo integra a dição (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536, p. 34), ao contrário de João de Barros, que dedica um parágrafo sintetizado e apenas os enumera.

| Ditongos (Século XVI) |
|-----------------------|
| ay |
| au |
| ei |
| ou |
| oi |

Representação dos ditongos por Fernão de Oliveira

Fonte: Fernão de Oliveira, 1536

Sobre as consoantes, Fernão de Oliveira as descreve quanto a sua articulação no aparelho fonador, assim como João de Barros. Nessas descrições, ambos se atentam nos detalhes da forma gráfica e de como o som se articula, o qual podemos equiparar com as descrições apresentadas em Barroso (2009):

| Descrição Consonantal: Século XXI- Século XVI | | |
|---|---|--|
| Barroso (2009) | Fernão de Oliveira (1536) | João de Barros (1540) |
| [b]: som consonântico oclusivo oral bilabial sonoro | Pronuncia-se a letra b antr'os beiços apertados, lançando para fora o bafo com impeto e quasi com baba. | Esta segunda letera, B, açerca de nós e dos latinos nam tem mais açidente que querer antes de sy, m, como nestas dições, ambos, embólas, embigo, tombo. |
| [k]:som consonântico oclusivo oral velar surdo | c pronuncia-se dobrando a lingua sobre os dentes queixaes, fazendo hum certo lombo no meio della diante do papo, quasi chegando com esse lombo dalingua à ceo daboca e empedindo o espirito, o qual por força faça apartar a lingua e faces e quebre nos beiços com impeto. | Tem duas figuras, a primeira C e esta seguinte, ç. Quintiliano por que os latinos nam tem este em figura tratou do primeiro dizendo que com ele podíamos soprir o officio de k, e q. |
| [d]:som consonântico oclusivo oral alveodental sonoro | A pronunção da letra d deita a lingua dos dentes de cima com hum pouco de espirito. | (não faz menção) |
| [f]: som consonântico fricativo labiodental surdo | A pronunção do f fecha os dentes de cima sobre o beiço de baixo e não é tão inhumana antre nós como a Quintiliano pinta aos latinos; mas todavia assopra/ como elle diz. | (não faz menção) |
| [g]:som consonântico oclusivo oral velar sonoro | A pronunção do g é como a do c, com menos força do espirito. | Tem diferenças em seu serviço quando se aiunta ás vogáes: por que nam pronüciamos ga, go, gu: como, ge, gi [...] |

| | | |
|---|--|---|
| [l]:som consonântico lateral alveolar | A pronunçiação do l lambe as gengibas de cima com as costas da lingua achegando as bordas della às dentes queixaes. | L tê hũa s´diferêça , que ás vezes se quer dobrado quãdo está posto antre adias vogâes: como nesta parte,ele, e outras dições q tomamos dos latinos. |
| [m]: som consonântico oclusivo nasal bilabial | A pronunçiação do m muge antre os beiços apertados apanhando para dentro. | M tem menos trabalho que as outras letras, por que todas as sylabas cuia letera elle e final, serve em seu lugar, til (~) [...] |
| [n]:som consonântico oclusivo nasal alveodental | A pronunçiação do n tine, diz Quintiliano, tocando com a ponta da lingua as gengibas de cima. | Esta letera N açerca de nós serve no principio e no fim da sylaba, e nunca em fim de diçã, por que nam temos parte que se acabe nelle[...] |
| [p]:som consonântico oclusivo oral bilabial surdo | A força ou virtude do p he a mesma que a do b, senão que traz mais espirito. | (não faz menção) |
| [w]:som semivocálico labiovelar | Mas, como quer que seja, no-la haoemos mester na nossa lingua, assi para em alghũas dições que de necessidade têm u liquido, como quasi, quando,quanto, qual e outras semelhantes, [...] | - |
| [r]: som consonântico vibrante alveolar simples | Pronuncia-se o r singelo com a lingua pegada nos dentes queixaes de cima e sae o bafo tremendo na ponta da lingua. | Segundo vimos na divisãm das letras, R, e hũa das que tem duas figuras na letera redonda “s”, hum singelo que tem a vóz leve e branda a que chamamos, erro, e outro dobrado que rompe a vóz com ímpeto erre |
| [r]: som consonântico vibrante alveolar múltiplo | Do rr dobrado a pronunçiação é a mesma que a do r singelo, senão que este dobrado arranha mais as gengibas de cima e o singelo não treme tanto; | - |
| [t]: som consonântico oclusivo oral alveodental surdo | O t tem a mesma virtude do d com mais espirito; todavia tira o t para fora. | (não faz menção) |
| [ʃ]: som consonântico fricativo chiante surdo | Ao x nós lhe chamamos cis, mas eu lhe chamaria antes xi, porque assi o pronunciamos na escritura: pronuncia-se com as queixadas apertadas no meio da boca, os dentes juntos, a lingua ancha dentro na boca e o espirito ferve na humidade da lingua. | - |
| [z]:som consonântico fricativo sibilante sonoro | Apronunçiação do z zine antr'os dentes cerrados, cotn a lingua chegada a elles e os beiços apartados hum do outro; | (não faz menção) |
| [s]: som consonântico fricativo sibilante surdo | Esta letra [...] ç tem a mesma pronunçiação que z, senão que aperta mais a lingua nos dentes. | S, tem duas figuras, essa “S”, que serve sempre no principio, e no meio muitas vezes: e estoutro, “s”, sempre no fim, e assy outros pequenos que nam tem haste comprida. |
| [ʒ]: som consonântico fricativo chiante sonoro | j consoante [...] A sua pronunçiação é semelhante à do xi, com menos força. | - |
| [v]: som consonântico fricativo labiodental sonoro | A força de o consoante é como a do f mas com menos espirito. | - |

| | | |
|-------------------------------|---|---|
| [j]: som semivocálico palatal | A qual letra a mi me parece ser y e não i vogal, porque ella não faz sillaba por si; nem tão-pouco j consoante na força que lhe nós demos, mas em outra quasi semelhante àquella muito enxuta sem nenhuma mestura de cospinho | - |
|-------------------------------|---|---|

Fonte: a autora.

Ainda sobre as consoantes, tanto Fernão de Oliveira quanto João de Barros as classificam quanto ao ponto de articulação das cordas vocais, ainda que baseadas nos estudos antigos. Além disso, os gramáticos quinhentistas também enumeraram alguns segmentos consonantais como “sinais de aspiração”, devido ao prolongamento do espírito sonoro nas letras dobradas:

Classificação das Consoantes – Século XVI

- Ponto de Articulação: **Mudas:** b, c, d, f, g, p, q, t **Meias vogais:** l, m, n, r, s, x, z (onde **x** e **z** sempre serão meias vogais; **Líquidas:** l, m, r, são meias vogais líquidas; **m** pode ser substituída pelo sinal gráfico “~”).
- Consoantes aspiradas: h, rr, ss, nh, lh, ch

3.3 A representação do sistema sonoro da língua portuguesa contemporânea

Características dos estudos a respeito da língua materna do passado ainda estão presentes nas abordagens metalinguísticas nos nossos dias. Em relação ao sistema sonoro da língua portuguesa, podemos ver, nas gramáticas contemporâneas, a mesma estrutura que alicerçou as propostas antigas, podendo ser verificadas, de forma comparativa, as primeiras abordagens feitas pelos primeiros gramáticos quinhentistas do século XVI.

Para mostrar essa representação do sistema sonoro na abordagem atual, foram selecionadas quatro gramáticas de cunho normativo, de autorias de Cunha e Cintra (2006), Evanildo Bechara (2009), Napoleão de Almeida (2009) e Rocha Lima (2011). Os quatro autores tratam do sistema sonoro da língua portuguesa comumente no início de suas obras, uns com apenas uma seção e outros com duas ou três seções reservadas para a abordagem total sobre o assunto.

Em visão geral, os quatro autores tratam do sistema sonoro de forma igualitária, destacando a composição do aparelho fonador, conceitos básicos de letra e som, os pontos de articulação e classificações das vogais e consoantes, apenas tendo a diferenciação estilística. À primeira vista, não parece ter ocorrido tanta mudança na

forma de abordagem sobre o sistema sonoro do português entre o século XVI e os dias atuais, pois o meio de se tratar do assunto são os mesmos, porém, em algumas caracterizações, tiveram mais aprofundamento.

3.3.1 Cunha e Cintra e a “Breve gramática do português contemporâneo” (2006)

Celso Ferreira da Cunha (1917 -1989) nasceu em Teófilo Otoni, Minas Gerais. Foi professor, gramático, filólogo, e ensaísta brasileiro. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira n. 35, em 1987, substituindo José Honório Rodrigues. Bacharelou-se em Direito (1938) e licenciou-se em Letras (1940) pela antiga Universidade do Distrito Federal. Em 1947, formou-se Doutor em Letras e Livre-docente em Literatura Portuguesa pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com a tese “O cancionero de Paay Gómez Charinho, trovador do século XIII”. Publicou obras importantes como: *Língua, nação e alienação* (1981); *Gramática da Língua Portuguesa* (1972); *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (em colaboração com Luís Filipe Lindley Cintra); *Língua portuguesa e realidade brasileira* (1968); *A questão da norma culta brasileira etc.*; *Língua e verso* (1963). Morreu no Rio de Janeiro, RJ, em 14 de abril de 1989.

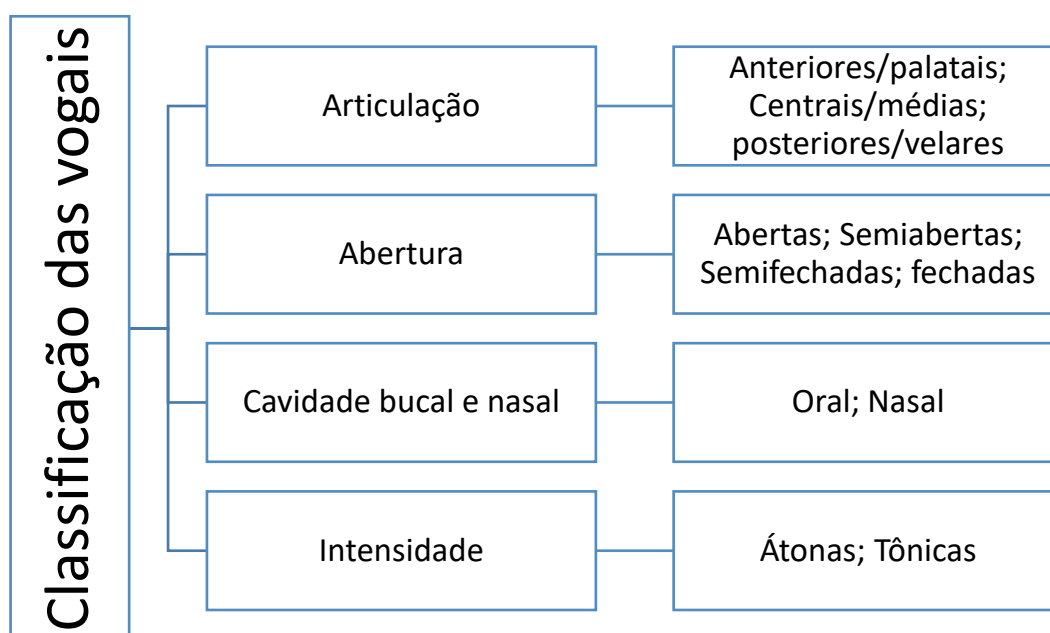
Luís Felipe Lindley Cintra (1925 -1991) foi um dos mais importantes filólogos e linguistas portugueses. Foi professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) desde 1951, onde se licenciou e doutorou em Filologia Românica. Foi o principal responsável pela criação do Departamento de Linguística Geral e Românica, assim como da reforma do Centro de Estudos Filológicos, a partir de 1975, rebatizado como Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Em 24 de setembro de 1983 foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem da Liberdade e em 28 de junho de 1988, com o grau de Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública. Publicou obras como: *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (1983); *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1984, com Celso Cunha); *Breve Gramática do Português Contemporâneo* (1985, com Celso Cunha), etc.

A “Breve gramática do português contemporâneo”, em sua 16ª edição, trata das partes do discurso da língua portuguesa em 22 capítulos, abarcando desde as noções básicas de estudos linguísticos até as estruturas de versificação. Na gramática de Cunha e Cintra (2006), podemos ver as abordagens sobre o sistema sonoro no capítulo 3,

denominado *Fonética e Fonologia*, o qual é tratado sobre a boca, vogais, consoantes e suas funções, assim como era visto na gramática de Fernão de Oliveira e de João de Barros no século XVI.

Semelhante aos gramáticos quinhentistas, Cunha e Cintra (2006, pp.18-19) iniciam o capítulo falando sobre conceitos básicos de fonética e fonologia, com uma didática parecida com a dos gramáticos, definindo cada uma, a partir de pontos fundamentais como a produção de som e base articulatória, além de falar dos conceitos e características da boca, enumerando em três condições para que ocorresse a articulação do ar para que o som fosse propagado: corrente de ar; obstáculo entre a corrente de ar e caixa de ressonância, além de também indicar em esquema, a composição do aparelho fonador (boca).

Cunha e Cintra (2006, pp. 25-32), assim como Fernão de Oliveira e João de Barros, apresentam o alfabeto e o separam entre vogais e consoantes. Sobre as vogais, Cunha e Cintra dizem que elas são 5 representações gráficas e 7 representações sonoras, sendo classificadas em altas, baixas e médias, além de serem orais e nasais. Com isso, os autores esquematizam as características das vogais segundo as imagens abaixo:



Classificação das vogais quanto a ocorrências no aparelho fonador
Fonte: Cunha e Cintra, 2006

| Vogais Orais | | | |
|---------------|------------------------|------------------|------------------------|
| | Anteriores ou palatais | Média ou central | Posteriores ou velares |
| Fechadas | i | | u |
| Semi-Fechadas | e | | o |
| Aberta | | a | |

Vogais Orais

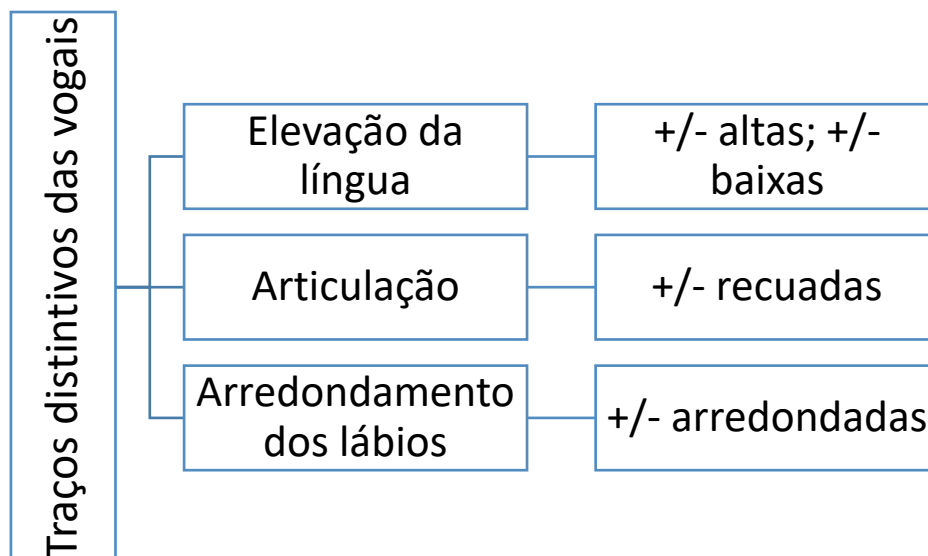
Fonte: Cunha e Cintra, 2006

| Vogais Nasais | | | |
|---------------|------------------------|------------------|------------------------|
| | Anteriores ou palatais | Media ou central | Posteriores ou velares |
| Fechadas | ĩ | | ũ |
| Semi-Fechadas | ẽ | ã | õ |

Vogais Nasais

Fonte: Cunha e Cintra, 2006

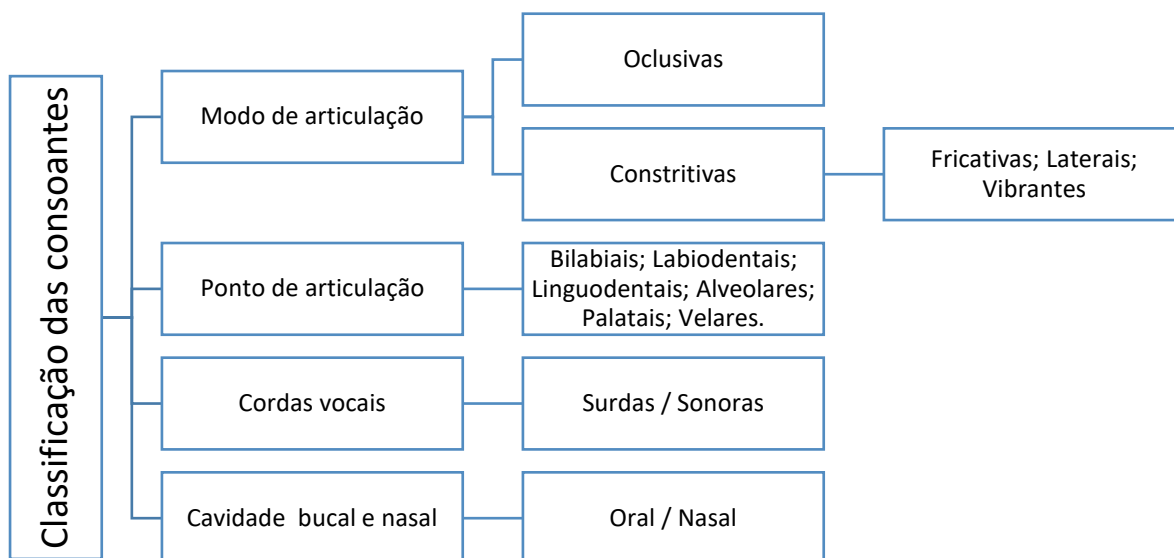
Além da classificação das vogais quanto a forma de articulação, Cunha e Cintra (2006, pp. 25-32) também mostram os traços característicos das vogais que marcam sua entonação, conforme esquema abaixo.



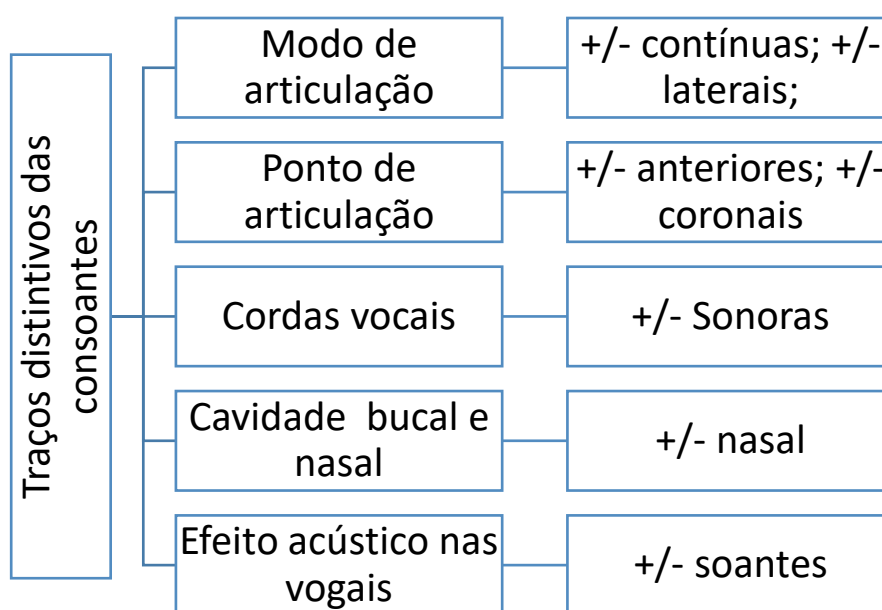
Traços distintivos das vogais

Fonte: Cunha e Cintra, 2006

Sobre as consoantes, os autores as enumeram em 19 representações gráficas. Seguindo a mesma didática de Fernão de Oliveira e João de Barros em suas GLPs. Cunha e Cintra (2006, pp. 32-37) classificam as consoantes conforme suas características, como também por conta dos traços sonoros, conforme esquema abaixo.



Classificação das consoantes
 Fonte: Cunha e Cintra, 2006



Traços distintivos das consoantes
 Fonte: Cunha e Cintra, 2006

É possível ver pontos semelhantes na gramática de Cunha e Cintra em relação às gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros, mas considerando a postura didática, os autores mantêm grande semelhança quanto a estética de apresentação do conteúdo, devido ao modo como tratam de cada ponto sobre o sistema sonoro do português, podendo se resgatar a imagem das gramáticas quinhentistas.

3.3.2 Evanildo Bechara e a “Moderna Gramática Portuguesa” (2009)

Evanildo Cavalcante Bechara é professor, gramático e filólogo brasileiro. Nasceu no Recife em 26 de fevereiro de 1928. Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô. Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos grandes estudiosos da língua português.

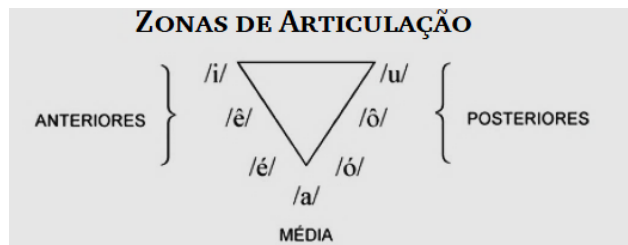
Aos dezessete, escreveu seu primeiro ensaio, intitulado *Fenômenos de Entonação*, publicado em 1948, com prefácio do filólogo mineiro Lindolfo Gomes. Em 1954, foi aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro *Primeiros Ensaaios de Língua Portuguesa* artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas.

É autor de várias das principais gramáticas da língua portuguesa destinadas tanto ao público leigo quanto a profissionais da área: *Moderna Gramática Portuguesa* (39.^a edição, 2019); *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* (1.^a edição, 2001); *Lições de Português pela Análise Sintática* (18.^a edição, 2004).

Em sua obra “*Moderna Gramática Portuguesa*” na 37.^a edição, Bechara aborda sobre o sistema sonoro na parte I, intitulada “*Fonética e Fonologia*” (2009, p. 42), semelhante a Cunha e Cintra. O autor segue a mesma estética de Cunha e Cintra, em relação a pontuar conceitos básicos de fonética e fonologia e sobre o aparelho fonador, em que se reserva de parágrafos simplificados para explanar sobre seu funcionamento.

Assim como Cunha e Cintra, Bechara (2009, p.43) também faz abordagem sobre a constituição da boca, suas partes compositórias e explica como o som é realizado para ser externado no ato de falar.

Sobre o alfabeto, Bechara divide entre vogais e consoantes, também as classificando como surdas ou sonoras, o que nos remete as primeiras formas de classificação das letras por Fernão de Oliveira em sua GLP. Quando trata das vogais, Bechara (2009, p.44) as classifica quanto a zona de articulação, prezando a intensidade, timbre e qual cavidade é expressa, seja oral ou nasal, resultando no esquema abaixo:



Esquema vocálico
 Fonte: Bechara, 2009

| | | | |
|--------|---|--|--|
| VOGAIS | { | 1) quanto à zona de articulação | anteriores: /é/, /ê/, /i/ médias: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/ |
| | | 2) quanto ao timbre | abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/ |
| | | 3) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal | orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/ |
| | | 4) quanto à intensidade | tônicas átonas |
| | | 5) quanto à elevação da língua | baixa: /a/ médias: /ê/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/ |

Classificação das vogais
 Fonte: Bechara, 2009

Como Fernão de Oliveira, Bechara (2009, p. 49) destaca as vogais em altas, baixas e médias, como também as classifica em orais e nasais.

Vogais Orais

| | | |
|-----|-----|---------------|
| /i/ | /u/ | Altas |
| /ê/ | /ô/ | Médias |
| /é/ | /ó/ | Médias |
| /a/ | | Baixa |

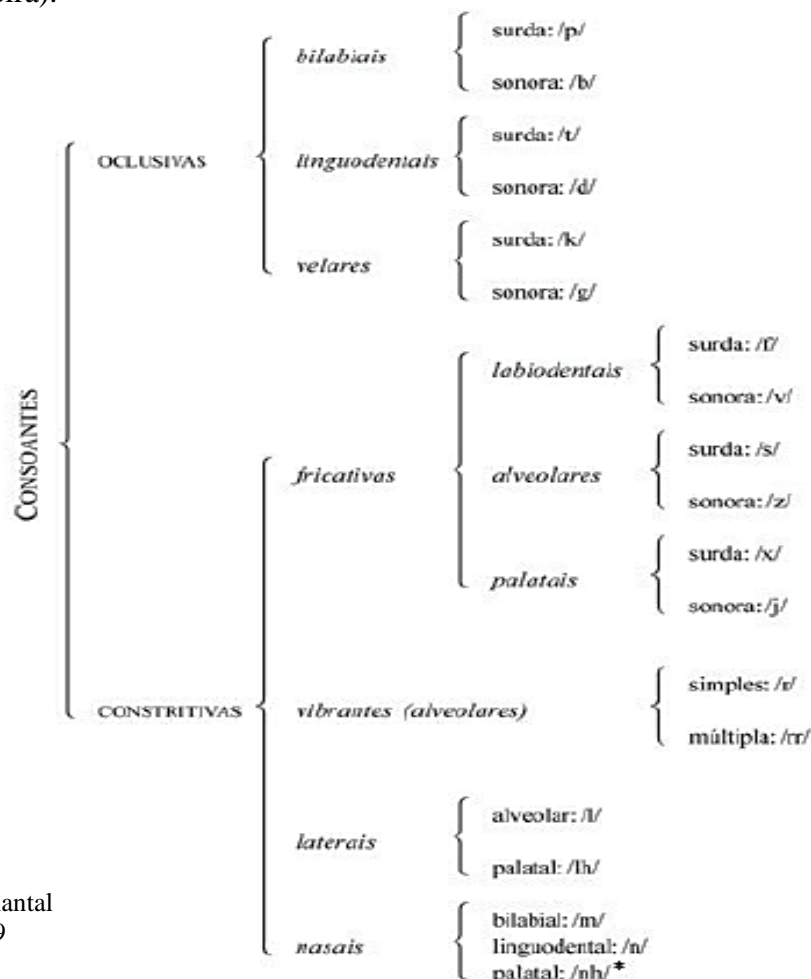
Vogais Nasais

| | | |
|-----|-----|---------------|
| /ĩ/ | /ũ/ | Altas |
| /ẽ/ | /õ/ | Médias |
| /ã/ | | Baixa |

Classificação das vogais – Orais e Nasais
 Fonte: Bechara, 2009

Assim como João de Barros, Bechara (2009 p. 50) destaca as semivogais, as definindo: “Chamam-se semivogais as vogais **i** e **u**, quando assilábicas, as que acompanham a vogal numa mesma sílaba, originando ditongo, hiato e tritongo.” Sobre os ditongos, Bechara diz que podem se classificar em: *Crescente* - ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: *água, cárie, mágoa*; *Decrescente* - ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: *pai, mãe, rei*. Sobre hiato, define como “encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: saída, caatinga, moinho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz. Por fim, sobre tritongo, Bechara define como “encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba”. (2009, p.52)

Sobre as consoantes, Bechara (2009, p.53) mostra suas características a partir das classificações quanto a: modo de articulação; zona de articulação; papel das cordas vocais; papel das cavidades bucal e nasal, seguindo a base da NGB (nomenclatura gramatical brasileira).



Classificação consonantal
Fonte: Bechara, 2009

Sobre a classificação das consoantes nasalizadas, Bechara (2009, p. 54) diz que para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferiu-se colocar as *nasais* entre as constrictivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis. Lembrando João de Barros, Bechara (2009, p.55) também fala sobre dígrafos, dizendo que “Dígrafo é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: passo (cf. paço), chá (cf. xá), manhã, palha, enviar, mandar.” Há dígrafos para representar consoantes e vogais e ainda destaca a divisão de representação para sons nasais e orais.

| Dígrafos consonantais | |
|------------------------------|----------------|
| ch | chá |
| lh | malha |
| nh | banha |
| sc | nascer |
| sç | nasça |
| xc | exceto |
| xs | exsudar |
| rr | carro |
| ss | passo |
| qu | quero |
| gu | guerra |

| Dígrafos vocálicos | |
|---------------------------|---------------------|
| am ou an | campo, canto |
| em ou em | tempo, vento |
| im ou in | limbo, lindo |
| om ou on | ombro, onda |
| um ou un | tumba, tunda |

Tabela de dígrafos

Fonte: Bechara, 2009

Evanildo Bechara, assim como Cunha e Cintra, mantém uma estética didática semelhante a de Fernão de Oliveira, pois a organização das seções segue ordem semelhante, desde a explicação sobre conceitos básicos até como cada segmento pode ser classificado. A semelhança vista com João de Barros se enquadra na forma como

Bechara mostra seus exemplos referentes ao conteúdo abordado, tendo postura objetiva, concluindo assim que ainda segue a mesma base vista nas GLPs quinhentistas.

3.3.3 Napoleão de Almeida e a “Gramática Metódica da Língua Portuguesa” (2009)

Napoleão Mendes de Almeida (1911 – 1998) foi um notável gramático e filólogo brasileiro. Autor de cursos de latim e português por correspondência, sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* chegou à 46ª edição em 2009, tendo vendido mais de meio milhão de exemplares. Também é de sua autoria uma das mais importantes gramáticas da língua latina em português, a Gramática Latina. Em 1938, Almeida fundou seus cursos de português e latim por correspondência. Publicou a coluna *Questões Vernáculas* em O Estado de S. Paulo de 1936 a 1944 e desde 1990. Napoleão é conhecido por suas posições conservadoras em relação à língua, da defesa da norma portuguesa baseada nos grandes escritores (para ele, a literatura brasileira morreu com Machado de Assis) e suas críticas ferrenhas e intransigentes aos linguistas.

A “Gramática Metódica da Língua Portuguesa”, de Napoleão de Almeida (2009) é composta por 65 capítulos e uma parte reservada contendo exercícios e testes para resolver. Na 46ª edição, ainda se continha as normas ortográficas de 1990, mesmo sendo uma edição revisada pela Editora Saraiva.

Napoleão de Almeida (2009), assim como Cunha e Cintra e Bechara, aborda em sua gramática o sistema sonoro dividido em três capítulos: Capítulo 2 – Fonética; Capítulo 3 – Vogais; Capítulo 4 – Consoantes. Podemos ver que a divisão em capítulos para falar sobre o sistema sonoro é semelhante a João de Barros, pois o gramático quinhentista inicia no capítulo *De Letera*, que faz pequenas caracterizações da diferença entre letra e som, e retorna com mais abordagens em *Da Orthographia*, destacando as características das vogais e consoantes.

No capítulo 2, “Fonética”, Napoleão de Almeida (2009, p. 21) mostra apenas sobre os conceitos básicos e divide em três categorias: fonética descritiva, fonética histórica e fonética sintática. A primeira diz respeito ao processo de formação do som em relação com a voz humana; a segunda, a respeito da mudança histórica do som propagado na voz humana ao longo do tempo e a terceira, a respeito dos fenômenos fonéticos operados nos encontros vocabulares.

Ainda no mesmo capítulo, Napoleão de Almeida define fonema como “sons elementares da voz humana” e classifica o alfabeto por forma: maiúsculas e minúsculas, além de também classificar pela natureza: vogais, semivogais e consoantes, resgatando a forma como João de Barroas classificava em sua GLP. Semelhante aos gramáticos quinhentistas, Napoleão de Almeida conta 26 letras que compõem o alfabeto português, sendo dividido em 5 vogais, 2 semivogais e 21 consoantes.

Sobre as vogais, no capítulo 3, o autor inicia as classificações quanto: a) articulação: anterior, médio, posterior; b) Timbre: aberto, fechado, reduzido; c) Papel da boca e nariz: oral, nasal; d) Intensidade: átono, tônico. Para cada vogal, Almeida (2009, p. 26) mostra sua classificação quanto a articulação, conforme tabela abaixo.

| Tabela de Classificação de Vogais | | | | |
|--|-------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------|------------------------------------|
| a | e | i | o | U |
| Aberto: já; claro | Aberto: pé; careca | Agudo: li; fio | Aberto: avó; agora | Agudo: angu; pulo |
| Fechado* | Fechado: lê; preto | Fechado* | Fechado: avô; bolsa | Fechado* |
| Reduzido: valeu; tola | Reduzido: saudades | Reduzido: pálido; pisada | Reduzido: preto; dado | Reduzido: fábula; puxar |
| Nasal: irmã; ando | Nasal: entre | Nasal: fim; tinta | Nasal: som; conta | Nasal: um; fundo |

* não existe no português-brasileiro

Napoleão de Almeida (2009, p. 22) diz em nota que as vogais **e** e **o**, quando isoladamente citadas, devem ser pronunciadas com som aberto. Sobre as semivogais, Almeida (2009, p. 23) diz que as vogais **i** e **u** são chamadas de semivogais por partilharem da mesma natureza: a de ficar entre vogais e consoantes, pois elas se conservavam imutáveis ou se transformavam, de acordo com seu uso. O autor também diz que, para o português de hoje, a semivogal é dita mais no sentido fonético-histórico, por conta da representação em **w** e **y**, fazendo a representação tanto de consoante quanto de vogal. Napoleão de Almeida, assim como os demais autores, classifica as vogais em: ditongo, tritongo e hiato, permitindo a construção de grupos vocálicos. Assim como Bechara (2009) e resgatando Fernão de Oliveira e João de Barros, divide os ditongos em crescentes, decrescentes, orais e nasais. Almeida define ditongo crescente como “quando a voz discrimina as duas vogais”, e, ditongo decrescente como “quando a voz apoia mais na primeira vogal, e pode ser oral ou nasal (2009, pp.27-28)”. Define

tritongo como “grupo constituído de uma vogal, acentuada, ladeada de outras duas” e Hiato como “afluência seguida de vozes igualmente acentuadas”. (2009, p.29)

| Ditongo Crescentes | |
|--------------------|--------|
| ea | Ígnea |
| eo | Áureo |
| ia | Gloria |
| ie | serie |
| io | Mário |
| oa | Pascoa |
| oe | Soe |
| ua | Agua |

| Ditongo Decrescente Oral | |
|--------------------------|----------|
| ai | Mais |
| au | Autor |
| éi | Quarteis |
| ei | Reis |
| éu | Céu |
| ei | Meu |
| iu | Viu |
| oi | Boi |
| ou | Vou |
| ui | Rui |

| Ditongo Decrescente Nasal | |
|---------------------------|-------|
| ãe | Cães |
| ão/am | Cão |
| em | Bem |
| õe | Põe |
| ui | Muito |

No capítulo 4, voltado para as consoantes, Almeida (2009, p. 32) define consoantes como “produto da interrupção da correnteza de ar expelida pelos pulmões”. Ele explica que as consoantes são produzidas ou apertadamente ou explosivamente, isto é, encontram sempre um obstáculo, maior ou menor, à passagem de ar expelido dos pulmões. Napoleão de Almeida conta 19 representações consonânticas, segundo a tabela abaixo:

| Consonâncias | Representação gráfica | Exemplos |
|-----------------|--|---|
| 1. BE | <i>b</i> | <i>bater, berro, bobo</i> |
| 2. CE | <i>c</i> (antes de <i>e, i</i>) <i>ç</i> (antes de <i>a, o, u</i>) <i>s</i> (inicial ou acompanhado de consoante) <i>x</i> (em casos especiais) | <i>cedo, parecido</i> <i>paço, cabeça, açúcar</i> <i>sapo, passo, falso</i> <i>aproximar</i> |
| 3. DE | <i>d</i> | <i>dado, adesão</i> |
| 4. FE | <i>f</i> | <i>foi, farmácia</i> |
| 5. JE | <i>j, g</i> (antes de <i>e, i</i>) | <i>já, gente</i> |
| 6. GUE | <i>g</i> (antes de <i>a, o, u</i>) <i>gu</i> (antes de <i>e, i</i>) | <i>gosto, gato</i> <i>guerra</i> |
| 7. QUE | <i>c</i> (antes de <i>a, o, u</i>) <i>c</i> (antes de consoante) <i>qu</i> (antes de <i>e, i</i>) | <i>cão</i> <i>cristão</i> <i>quero, orquestra</i> |
| 8. LE | <i>l</i> | <i>luz, latim</i> |
| 9. ME | <i>m</i> | <i>Maria</i> |
| 10. NE | <i>n</i> | <i>nosso, inumano</i> |
| 11. PE | <i>p</i> | <i>por, para</i> |
| 12. RRE (forte) | <i>r</i> (inicial ou acompanhado de consoante) | <i>rato, carne, carro, honra</i> |
| 13. RE (brando) | <i>r</i> (entre vogais) | <i>caro, morada</i> |
| 14. TE | <i>t</i> | <i>todo, teatro</i> |
| 15. VE | <i>v</i> | <i>voto, vista</i> |
| 16. XE | <i>x, ch</i> | <i>xarope, charque</i> |
| 17. ZE | <i>z</i> <i>s</i> (entre vogais) <i>x</i> (em casos especiais) | <i>zero</i> <i>rosa</i> <i>exemplo</i> |
| 18. LHE | <i>lh</i> | <i>molhado, olho</i> |
| 19. NHE | <i>nh</i> | <i>senhor, sonho</i> |

Tabela de consonância
Fonte: Almeida, 2009

Napoleão de Almeida (2009, p.34) classifica as consoantes:

- I. Modo de articulação: oclusiva, constrictiva, fricativa, vibrante, lateral;
- II. Zona de articulação: labial, labiodental, linguodental, alveolar, palatal, velar;

III. Papel das cordas vocais: surdo, sonoro;

IV. Papel da boca e nariz: oral, nasal.

| CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES PORTUGUESAS | | | | | | | | | | |
|--|---------------|-------------|----------|--------------|---------|--------------|---------|----------|--------------|------------|
| QUANTO AO MODO DE ARTICULAÇÃO | OCLUSIVAS | | | CONSTRITIVAS | | | | | | |
| | | | | FRICATIVA | | LATERAL | | VIBRANTE | | |
| PAPEL DAS CORDAS VOCAIS | SURDAS | SONORAS | | SURDAS | SONORAS | SURDAS | SONORAS | SURDAS | SONORAS | |
| PAPEL DAS CAVIDADES BUCAIS E NASAIS | ORAIS | ORAIS | NASAIS | ORAIS | ORAIS | ORAIS | ORAIS | ORAIS | ORAIS | |
| QUANTO À ZONA DE ARTICULAÇÃO | BILABIAIS | P | B | M | - | - | - | - | - | - |
| | LABIODENTAIS | - | - | - | F | V | - | - | - | - |
| | LINGUODENTAIS | T | D | - | - | - | - | - | - | - |
| | ALVEOLARES | - | - | N | S,C,Ç | Z,S (BRANDO) | - | L | R (FORTE),RR | R (BRANDO) |
| | PALATAIS | - | - | NH | X,CH | J,G (BRANDO) | - | LH | - | - |
| | VELARES | C (DURO), Q | G (DURO) | - | - | - | - | - | - | - |

Tabela de classificação das consoantes
 Fonte: Almeida, 2009

Napoleão de Almeida, assim como João de Barros em sua GLP, descreve as consoantes, dizendo suas características e funcionalidades, trazendo o resgate da forma como o gramático quinhentista se preocupou em mostrar como cada consoante era caracterizada quando falada, na seção “Origem e Pronúncia” (2009, pp. 35-44). Sobre os dígrafos, o autor diz que o processo pode ser definido como “a representação de um som por duas consoantes” (2009, pp.45-46). Além disso, Napoleão de Almeida ainda diz que os dígrafos correspondem a uma deficiência do alfabeto, ou seja, à inexistência de uma só letra para indicar som.

Como os demais gramáticos, Napoleão de Almeida também seguiu a mesma base estrutural que Fernão de Oliveira e João de Barros seguiram no século XVI, tanto pela forma de abordagem quanto de estética, podendo ser dito que o gramático tem os traços dos dois gramáticos quinhentistas presentes em sua gramática, sendo mais evidente os traços de João de Barros quanto à forma de explicar sobre as consoantes, de forma mais detalhada.

3.4 Rocha Lima e a “Gramática Normativa da Língua Portuguesa” (2011)

Carlos Henrique da Rocha Lima, conhecido como Professor Rocha Lima (1915-1991), foi um professor, gramático, filólogo, ensaísta e linguista brasileiro, autor de inúmeras obras, entre elas “Gramática Normativa da Língua Portuguesa”. Filho de Marcelino Pita da Rocha Lima e de Evangelina Ramos da Rocha Lima, fez os primeiros estudos no externato do colégio Sagrado Coração de Jesus, no bairro de São Cristóvão e o secundário no Colégio Pedro II. Em 1935 graduou-se bacharel em ciências e letras e mais tarde o doutorado em letras pela Universidade Federal Fluminense, onde tornou-se livre-docente em língua portuguesa, iniciando no ano seguinte a carreira no magistério ficando em segundo lugar em concurso público da então Prefeitura do Distrito Federal ao qual também concorrera Antônio Houaiss.

Casou-se com Maria de Lourdes da Rocha Lima, com que teve três filhas e de quem ficou viúvo. Lecionou em diversas escolas até que em 1947 ingressou por merecimento no Instituto de Educação onde colaborou para a formação de várias gerações de novos professores; também neste ano foi convidado por Guimarães Rosa para ocupar a cátedra de português do Instituto Rio Branco, formador de diplomatas do país. Graças a este trabalho por algumas vezes representou o Brasil em missões culturais, e foi diretor da "Casa do Brasil", no Reino Unido.

Também por concurso, passando em primeiro lugar, retornou ao Colégio Pedro II onde estudara, como professor do idioma pátrio e de literatura, e mais tarde foi por muito tempo o chefe de seu departamento de português e literatura e, finalmente, seu diretor e presidente da "Congregação de Catedráticos", ao lado de antigos mestres que lhe haviam lecionado. Ocupou o magistério em muitas outras instituições superiores, tais como no Instituto de Educação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro ou na Universidade Santa Úrsula.

A *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, em sua 49ª edição, contém 35 capítulos, separados em categorias: Fonética e Fonologia, do capítulo 1 ao capítulo 4; Morfologia, do capítulo 5 ao capítulo 16; Sintaxe, do capítulo 17 ao capítulo 30; Rudimentos de estilística e poética, do capítulo 31 ao capítulo 35. Rocha Lima (2011, p. 43) fala sobre o sistema sonoro no capítulo 1, intitulado “Som da fala e fonema”. O autor inicia falando sobre o que são os sons da fala, definindo como “resultado das modificações que a corrente de ar expirada sofre durante seu trajeto pelo aparelho fonador.” Assim como os outros autores já analisados, Rocha Lima também enumera

as partes que compõem a boca, além de falar de cada função. O autor segue definindo fonema como “sons diferenciadores no ato de fala” (2009, p.44). Ainda sobre os fonemas, Rocha Lima os classifica em: vogais, consoantes e semivogais.

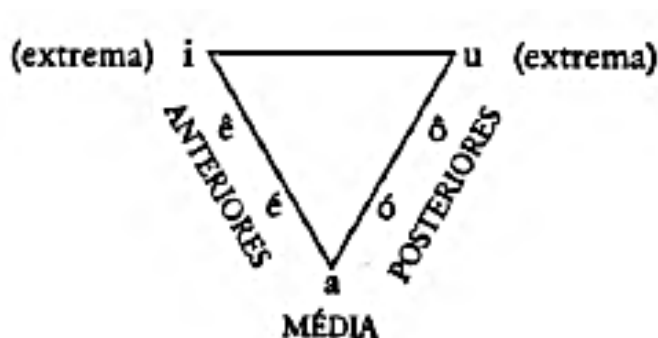
Sobre as vogais, Rocha Lima (2011, p. 45) as define como “fonemas sonoros que são produzidos pelo livre e distinguem entre si por seu timbre característico”. O autor também diz como é a ocorrência da execução da saída de som das vogais, que come da laringe até a boca. Rocha Lima classifica a vogais quanto:

- I. Ao ponto de articulação: anterior, posterior, médio;
- II. Ao timbre: aberto, fechado;
- III. À ressonância (cavidade bucal e nasal): oral, nasal;
- IV. À intensidade: átono, tônico.

Além da enumeração das ocorrências de articulação, Rocha Lima (2011) se atenta em dizer que as vogais possuem 5 representações gráficas e 7 representações sonoras, como podemos ver a seguir. O autor mostra a disposição das vogais quanto a nasalidade, oralidade e tonicidade.

| Classificação das Vogais |
|---|
| Nasais: / ã /, / ã /, / ã /, / õ /, / õ / |
| Orais: / a /, / é /, / ê /, / i /, / ó /, / ô /, / u / |
| Átonas: / a /, / ê /, / i /, / ô /, / u / |
| Tônicas: / a /, / é /, / ê /, / i /, / ó /, / ô /, / u / |
| Átonas finais: / a /, / i /, / u / |

Tabela das vogais
Fonte: Rocha Lima, 2011



Triângulo vocálico
Fonte: Rocha Lima, 2011

Assim como Fernão de Oliveira e João de Barros, Rocha Lima explica como cada som vocálico é realizado no aparelho fonador.

Quando pronunciamos a vogal /a/, a boca alcança a sua maior abertura; o véu do paladar se levanta, impedindo a passagem do ar pelas fossas nasais; e a língua se mantém em posição relativamente plana, muito próxima à posição em que fica quando respiramos com a boca aberta e sem falar. Se, partindo do /a/, pronunciarmos a série /é/, /ê/, /i/, observaremos que a parte anterior da língua se arqueia e avança gradativamente para a região pré-palatal, ao mesmo tempo que as comissuras labiais se contraem. Por isso, estas vogais se denominam anteriores ou palatais. Se, partindo do /a/, pronunciarmos a série /ó/, /ô/, /u/, observaremos que a parte posterior da língua vai recuando em busca do véu do paladar, ao mesmo tempo que os lábios se arredondam e projetam para diante. Estas vogais se chamam posteriores ou velares. O /a/, ponto de referência de ambas as séries, recebe o nome de vogal média ou central. (2011, p. 46)

Complementando sobre as vogais, o autor ainda diz que elas podem se apresentar como abertas ou fechadas.

Dentro de cada série, as vogais podem ser abertas, ou fechadas. O grau de abertura (que as distingue pelo timbre) depende da distância entre a língua e o céu da boca: esta distância é máxima para o /a/, a mais aberta das vogais; e mínima para o /i/ e o /u/, as mais fechadas. O /e/ e o /o/ são abertos quando se articulam mais perto do /a/, e se vão tornando fechados à medida que se aproximam das respectivas vogais extremas /i/ e /u/. (ROCHA LIMA, 2011, p.46)

Sobre as consoantes, Rocha Lima (2011, p. 48) as define como “fonemas resultantes de um fechamento momentâneo ou de um estreitamento do canal bucal, que, em qualquer de seus pontos, ofereça obstáculos à saída da corrente de ar, sendo sonorizada ou não pelas cordas vocais.” O autor classifica as consoantes da seguinte forma:

- I. Tipo de obstáculo oposto a corrente de ar: oclusiva, fricativa, lateral, vibrante;
- II. Zona de articulação: bilabial, labiodental, linguodental, alveolar, palatal, velar;
- III. Ação das cordas vocais: surdo, sonoro;
- IV. Ressonância nas cavidades bucal ou nasal: oral, nasal

| | |
|---|---|
| <p>1. OCLUSIVAS</p> <p><i>a) Bilabiais:</i> surda: /p/ sonora: /b/ nasal: /m/</p> <p><i>b) Linguodentais:</i> surda: /t/ sonora: /d/ nasal: /n/</p> <p><i>c) Palatal:</i> nasal: /nh/</p> <p><i>d) Velares:</i> surda: /k/ sonora: /g/</p> | <p>2. FRICATIVAS</p> <p><i>a) Labiodentais:</i> surda: /f/ sonora: /v/</p> <p><i>b) Alveolares:</i> surda: /s/ sonora: /z/</p> <p><i>c) Palatais:</i> surda: /x/ sonora: /j/</p> |
| <p>3. LATERAIS</p> <p><i>a) Alveolar: /l/</i> <i>b) Palatal: /lh/</i></p> | <p>4. VIBRANTES</p> <p><i>a) Alveolar (fraca): /r/</i> <i>b) Velar (forte): /rr/</i></p> |

Quadro geral da classificação das consoantes
Fonte: Rocha Lima, 2011

Diferentemente dos demais autores, Rocha Lima (2011, pp. 53-54) tabula as consoantes de acordo com os pontos de articulação, podendo fazer uma ponte com as explicações de Fernão de Oliveira em relação a sua explicação sobre as consoantes em sua GLP, como mostra a tabela abaixo:

| Fonemas | Letras |
|----------------------------------|--|
| Oclusiva velar surda /k/ | C (antes de a, o, u) K (em nomes próprios de pessoas ou de lugares, originários de língua estrangeira, assim como seus derivados) Qu (antes de e, i) Q (antes de u semivogal) |
| Oclusiva velar sonora /g/ | G (antes de a, o, u) Gu (antes de e, i) G (antes de u semivogal) |
| Fricativa labiodental sonora /v/ | V W (em nomes próprios de pessoas ou de lugares, originários de língua estrangeira, assim como seus derivados) |
| Fricativa alveolar surda /s/ | S SS (entre vogais) C (antes de e, i) Ç (antes de a, o, u) X |
| Fricativa alveolar sonora /z/ | Z S X |
| Fricativa palatal surda /x/ | X Ch |
| Fricativa palatal sonora /j/ | J G (antes de e, i) |
| Vibrante velar sonora (forte) | R RR (entre vogais) |

Tabela consonântica
Fonte: Rocha Lima, 2011

Sobre as semivogais, Rocha Lima (2011, p.54) diz que os fonemas **i** e **u**, quando, ao lado de uma vogal, formam sílaba com ela. Em razão de seu caráter híbrido, o **i** e o **u**, em casos assim, recebem a denominação de semivogais. Além disso, assim como os demais, também trata sobre ditongo, tritongo e hiato, em que define ditongo como “E a unidade fônica, formada de *vogal*, acompanhada de **i** ou **u** em função consonantal; tritongo como “unidade fônica formada de vogal ladeada de semivogais” e hiato como “encontro de vogal-base + vogal-base”.

3.4 Convergências e divergências gerais

As quatro gramáticas contemporâneas do português aqui analisadas têm como ponto em comum a forte influência das gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros, especialmente em relação à estrutura formal com que os compêndios são organizados. Rocha Lima e Bechara apresentam grande semelhança com a GLP de Fernão de Oliveira, e Cunha e Cintra e Napoleão de Almeida, com a GLP de João de Barros, já que a base das gramáticas do século XVI permanece nas gramáticas do português contemporâneo, mostrando que ela é uma constante desde muito tempo, já que a forma como cada tópico do sistema sonoro da LP é apresentado mantém-se até hoje.

Em “Grammatica da Lingoagem Portogueza”, Fernão de Oliveira trabalhava o conteúdo de forma descritiva, explicando como cada característica das letras e sons ocorria. Além de usar uma linguagem simples, o gramático também dialoga com o assunto, em alguns capítulos quando menciona suas referências. Com o foco no estudo das letras e sons, Fernão de Oliveira não chegou a se aprofundar nas demais partes do discurso, apenas apresentando de forma simples seus conceitos.

Já em “Gramatica da Linguagem Portuguesa”, João de Barros seguiu a mesma estética da gramática de Élio António de Nebrija, trazendo as partes do discurso abordadas em categorias. Diferente de Fernão de Oliveira, João de Barros complementou os estudos sobre letras e sons ao também tratar sobre os dígrafos e abordar suas características. Além disso, João de Barros também usava Fernão de Oliveira como uma de suas referências, principalmente quando tratava sobre o estudo das letras e sons em sua gramática. Ambos os gramáticos colaboraram bastante para que a língua portuguesa tivesse um manual não só com regras sobre as partes do discurso,

mas que a língua também tivesse sua representação por escrita para que pudesse ser estudada por todos que tivessem acesso às gramáticas.

A diferença principal entre as gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros é mais vista na estética da abordagem do conteúdo, já que a semelhança marcante é na forma como cada um expressa a ideia de sistema sonoro da LP, em que um serve de apoio referencial para o outro. Um ponto a ser considerado um diferencial entre os gramáticos quinhentistas é uma citação superficial de Fernão de Oliveira em sua GLP sobre a existência de traços característicos das letras e sons, que só são estudados mais profundamente nos dias atuais, podendo ser considerado um gramático à frente de seu tempo, como Coseriu (2000 apud LEITE, 2007) já havia dito.

Nas gramáticas contemporâneas, a presença da divisão das partes do discurso em categorias é mais evidente, nos remetendo à forma como as gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros eram. As gramáticas de Cunha e Cintra e Napoleão de Almeida, por exemplo, têm significativa semelhança com a gramática de João de Barros, considerando a forma que ambas apresentam sobre o sistema sonoro da LP dividida por categorias, da mesma forma que o gramático quinhentista. As gramáticas de Evanildo Bechara e Rocha Lima se assemelham com Fernão de Oliveira no aspecto descritivo do conteúdo, devido à forma como o sistema sonoro é descrito em suas gramáticas, mostrando boa parte do assunto em parágrafos explicativos, seguidos de alguns esquemas e exemplos.

Os autores das quatro gramáticas contemporâneas analisadas, assim como os gramáticos quinhentistas, também se preocuparam com a forma de abordagem sobre o sistema sonoro da LP, categorizando o conteúdo desde as primeiras noções conceituais de letras e sons até as caracterizações mais específicas das vogais e consoantes, como os traços distintivos e os pontos de articulação que cada som é ocorrido e como ele ocorre. A partir disso, temos toda uma visão estrutural de que o sistema sonoro da LP tem uma base sólida pra que seja abordada em gramáticas e que todo o conteúdo se já compreensivo para quem for fazer leituras para conhecer mais a fundo sobre as letras e os sons da língua.

A diferença entre as quatro gramáticas contemporânea é mais explícita quanto a estética de abordagem sobre o assunto, em que Napoleão de Almeida, por exemplo, divide todo o conteúdo sobre o sistema sonoro da LP em 3 capítulos, enquanto Bechara, por outro lado, aborda o conteúdo em um único capítulo. Já a semelhança principal é

que todos seguem uma sequência de exposição: falar de conceitos de letras e sons, aparelho fonador, alfabeto, divisão do alfabeto e suas particularidades.

Isso nos permite pensar que, desde a Antiguidade clássica grega até o século presente, foi constituída uma base para tratar sobre as partes do discurso nas gramáticas normativas, a fim de se estruturar um manual que abarcasse as regras e características de uma língua, no caso, a da língua portuguesa, para que fosse possível ter conhecimento das características formais da língua, dentro de do contexto normativo, já que a ideia de uso da língua de uma maneira mais formal também é aceita dentro da variedade linguística de um determinado grupo de falantes.

Resumidamente, o modo de abordagem dos gramáticos contemporâneos sobre o sistema sonoro do português segue conforme Fernão de Oliveira e João de Barros fizeram em suas GLPs no século XVI. Iniciam-se com conceitos básicos de letra e som, seguido pela exposição da funcionalidade do aparelho fonador (boca) e sua composição, partindo então para a distinção de fonema e som, seguido pela divisão do alfabeto em vogais e consoantes e finalizando com as características de cada um. Portanto, ver que uma base que estruturou as primeiras gramáticas do português ainda permanecer nos nossos dias é saber que sempre se teve um modelo a ser seguido por muitas outras publicações, deixando à vista que não se têm uma mudança com o passar dos anos e sim a permanência dos vestígios do passado no presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, acerca do estudo comparativo do sistema sonoro das primeiras gramáticas do século XVI, buscou investigar não só um comparativo das obras de Fernão de Oliveira e João de Barros, mas também mostrar um panorama histórico, desde as primeiras gramáticas da Antiguidade clássica grega até os nossos dias. Buscou-se também mostrar mais a fundo quem eram os gramáticos do século XVI, principalmente em relação à abordagem sobre o sistema sonoro do português, permitindo ser equiparado com gramáticas contemporâneas, nas quais pudemos mostrar que a forma como era descrito o sistema sonoro no período quinhentista também permaneceu nas abordagens atuais.

O papel da gramática não é só de abarcar regras da língua, sejam morfológicas, sintáticas ou fonológicas, mas também é de nos permitir compreender como cada uma é aplicada na prática, seja escrita ou oral. Fernão de Oliveira e João de Barros, assim como os gramáticos que os antecederam, se preocuparam em mostrar como a língua portuguesa era composta. Além da ideia de normatizar a língua portuguesa em um manual, aos gramáticos também foram importantes para referências posteriores, como nas gramáticas normativas contemporâneas.

No capítulo 1, vimos a ideia do que seria gramática, do processo de gramatização de uma língua e como era abordado sobre sistema sonoro de uma língua desde os primórdios dos estudos sobre letra e som: de Dionísio, o Trácio a autores contemporâneos como Evanildo Bechara, destacando cada parte da abordagem sobre letras e sons, divisão do alfabeto e suas classificações. Ao falarmos do processo de gramatização, pudemos ver como uma língua é estruturada, desde as categorias principais até suas ramificações, resultando na normatização da estrutura da língua. A ideia de traçar um panorama das primeiras abordagens sobre o sistema sonoro veio para que pudéssemos ter a noção de como que esse assunto era descrito desde o princípio das noções da língua como objeto normativo, como foi visto na *tékhne gramatiké* de Dionísio, seguido de Apolônio Díscolo e demais gramáticos importantes de cada período registrado.

No capítulo 2, falamos sobre Fernão de Oliveira e João de Barros, primeiros gramáticos da língua portuguesa, que, no século XVI, publicaram suas gramáticas, um em 1536 e o outro em 1540. Foi destacada um pouco de suas biografias, a visão geral de suas gramáticas e como cada um abordou sobre o sistema sonoro do português, seguindo a base antiga que os antecedia, sendo feita a primeira parte da análise

comparativa. Falar dos primeiros representantes da língua portuguesa nos permitiu conhecer como que ocorreu o processo de gramatização da língua portuguesa, os embasamentos que ambos usaram e claro, a formação das primeiras noções gramaticais do português arcaico, que, com o passar do tempo, se apresentaria mais aprofundado a partir de estudos complementares. Além disso, ambos os gramáticos também tinham forte ligação com a religiosidade, que, além de falar sobre a língua em suas GLPs, também traziam algumas cartilhas com ensinamentos religiosos.

A descrição peculiar que Fernão de Oliveira fez sobre o sistema sonoro do português arcaico nos permitiu ter conhecimento de como eram feitas as notações de como o som de cada letra era expressado naquela época. “Beijos comprimidos”, “língua antre os dentes” e demais termos eram a marca da descrição sonora do gramático quinhentista, sendo usado também por João de Barros.

No capítulo 3, falamos um pouco sobre norma linguística, além de mostrar de forma geral as características das gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros que são vistas nas gramáticas contemporâneas, de autoria de Evanildo Bechara, Napoleão de Almeida, Rocha Lima e Cunha e Cintra, tratando de cada autor e gramática de forma individual, destacando sobre a abordagem do sistema sonoro da língua portuguesa. Esse resgate da caracterização das GLPs de Fernão de Oliveira e João de Barros foram a base comparativa para que pudéssemos ver o quão é possível ver a presença das bases dos primeiros esboços sobre letras e sons e suas características. Nos dias atuais, as mesmas estruturas são vistas seguindo o mesmo modelo que foi usado nos primeiros compêndios no século XVI, com as fundamentações mais aprofundadas e com mais exemplos de aplicabilidade.

Em relação à análise, chegamos ao resultado de que as características das GPLs do século XVI são visíveis nas gramáticas contemporâneas, tendo a mesma base estrutural, resultando em poucas divergências quanto à abordagem sobre o sistema sonoro da LP, também podendo ser dito que os objetivos que levaram ao desenvolvimento desta pesquisa foram atingidos em sua totalidade, mostrando as comparações com as gramáticas do século XVI e do século XXI. Para isso, fizemos as anotações das principais características das gramáticas de Fernão de Oliveira, seguida das de João de Barros e encontramos os pontos de convergência, para que fossem comparados na segunda parte da análise, que foi a comparação com quatro gramáticas contemporâneas, resultando na permanência da base que foi usada nas gramáticas quinhentistas.

Portanto, manter presente uma base que vem desde a antiguidade grega até os nossos dias é saber que teremos um paralelo do presente com o passado, tendo grande suporte teórico para estudos comparativos como o que foi feito nesta dissertação, apresentando como era a estrutura antiga, dando margem para desenvolvimento de estudos mais profundos e esclarecimentos da permanência das estruturas antigas. Isso nos mostra que a grande maioria dos estudos comparativos, seja sobre características das letras e sons ou de qualquer outra vertente, terá um paralelo com as primeiras abordagens feitas nos períodos que nos antecederam, podendo mostrar com mais força que as ideias do passado se encontram no presente de forma paralela e, até mesmo, mais desenvolvidas.

Desse modo, concluímos que o modelo estrutural da língua portuguesa que vimos nas gramáticas contemporâneas de Cunha e Cintra, Evanildo Bechara, Napoleão de Almeida e Rocha Lima nos mostrou que a base vinda das gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros não sofre alteração, sendo assim uma constante para todo e qualquer manual normativo de uma língua. Com isso, a permanência de estruturas antigas nas gramáticas contemporâneas nos prova que os estudos antigos continuam caminhando em paralelo com a modernidade, sendo o principal suporte teórico para os embasamentos de grandes estudos, sejam relacionados à estrutura da língua portuguesa ou de qualquer outra língua, sendo de natureza etimológica ou descritiva.

REFERÊNCIAS

I. Fontes primárias

JOÃO DE BARROS. **Grammatica da lingua portuguesa.** - Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. Disponível em: < <http://purl.pt/12148>> Acesso em 26-11-2018.

FERNÃO DE OLIVEIRA, F. **Grammatica da lingoagem portoguesa.** Grammatica da lingoagem portuguesa Em Lixboa : e[m] casa d'Germão Galharde, 27 Ianeyro 1536. Disponível em: < <http://purl.pt/120>> 26-11-2018.

II. Fontes secundárias

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa.** São Paulo: Saraiva, 2009.

ARNAULD, A. & C. LANCELOT. **A gramática de Port-Royal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARNEY, S.; LEWIS, W; BEACH; BERGHOF, O. **The Etymologies of Isidore of Seville - with the collaboration of Muriel Hall.** Published in the United States of America by Cambridge University Press, New York, 2006.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, F.S. **Esboço de fonologia diacrônica.** Revista Alfa. Ed. 18-19; pp.245-274. UNESP, 1973.

CHAPANSKI, G. **Uma tradução da Tékhne Grammatike, de Dionísio Trácio, para o português.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. **Gramática do Português Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

DEZOTTI, L.C. **Arte Menor e Arte Maior de Donato: Tradução, anotações e estudos introdutórios.** Dissertação de Mestrado em Letras. São Paulo: USP/ Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas e Vernáculas, 2011.

HERTZII, M. **Institutione Gramaticale (Priscianii).** Reimpressão Vol. I – Livros I-XII. Lipsiae, 1840. Disponível em: <<https://archive.org/details/PriscianiInstitutionumGrammaticarumLibri>>. Acesso em: 01-07-2019.

MARTINHO, M. **Dionísio da trácia, Arte.** Letras clássicas, n. 11, p. 153-179, 2007.

NEBRIJA, E. A., **Gramática de la lengua castellana.** Barcelona: Red ediciones, 2019.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

III. Demais fontes

ABAURRE, M.B.M. **Fernão de Oliveira: As “reflexões fonológicas” de um autor do século XVI.** In:_____. Fernão de Oliveira: Um gramático na história. Campinas: Pontes, 2009.p.59-69

ABERCROMBIE, D. **Elements of general phonetics.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.

ARISTOTELES. **Organon.** Tradução, prefacio e notas de Fernanda Gomes. Guimarães Editores. Lisboa. 1985.

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad: Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- BARROSO, H. **Fonética e Fonologia (segmental e prosódica) em Fernão de Oliveira (1536)**. In: Fernando Oliveira: um Humanista Genial. V Centenário de seu nascimento. Universidade de Aveiro. 2009 p. 243-262.
- BISOL, L. **Fernão de Oliveira e a Sílabas**. In: ABAURRE, M.B.M. et al. (orgs.) **Fernão de Oliveira: Um gramático na história**. Campinas: Pontes, 2009. P. 87-97.
- BUESCU, M.L.C. **Gramáticos portugueses do século XVI**. Lisboa: Instituto de Língua e Cultura Portuguesa, 1978.
- _____. **Introdução e notas à Gramática da língua portuguesa**. Cartinha, Diálogo em louvor de nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha, de João de Barros. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
- CAGLIARI, L.C. **Fonética e fonologia na gramática de Fernão de Oliveira (1536)**. In: ABAURRE, M.B.M. et al. (orgs.) **Fernão de Oliveira: Um gramático na história**. Campinas: Pontes, 2009. P.71-85.
- _____. **A descrição fonética na grammatica da lingoagem portuguesa (1536) De Fernão de Oliveira**. Revista Alfa: São Paulo, 2008.
- CANÇADO, Marcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- COELHO, I. L. **Norma linguística do português no Brasil: 12º período**. – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2014
- COSERIU, E. **Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira**. In: Gramática da linguagem portuguesa. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 2000.
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. (Org.). **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo “gramática”?** [com] Esmeralda V. Negrão e Ana Lucia Muller. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GONÇALVES, C. A; BELCHOR, A.P. **Fonologia histórica do português**. Campinas: São Paulo. Pontes Editores, 2017.
- JUNQUEIRA, F.G.C. **Confronto de vozes discursivas no contexto escolar: percepções sobre o ensino de gramática da língua portuguesa / Fernanda Gomes Coelho Junqueira; orientadora: Lúcia Pacheco de Oliveira**. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 2003.
- LEITE, M. Q. **O Nascimento da gramática portuguesa: uso e norma**. São Paulo: Paulistana; Humanitas:2007.
- LINHARES, M. A; ALENCAR, C. N. **Repensando o conceito de diglossia à luz de Michel de Certeau**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 492-518, 2016.
- LOBATO, L. M. P. **Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- MATTOS E SILVA, R.V. **O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MONTEIRO, J.L. **As ideias gramaticais de João de Barros**. Rev. de Letras - v. 19 - no. 1/2 - jan/dez 1997.p.25-32.
- MOTA, N. A.; CERQUEIRA, I.B.; DE AZEVEDO, I. C. M. **Gramatização do português brasileiro nos séculos XIX e XX e início do século XXI**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 552-567, ago. /dez. 2017.
- NASCIMENTO, E. M. F. S. **Metalinguagem Natural e Teoria Da Linguagem**. Alfa, São Paulo, 34:115-120,1990.

- NEVES, M. H. M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002
- _____. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem[online]**. 2nd ed. rev. and updt. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- NUNES, J. H. **O discurso documental na história das ideias linguísticas e o caso dos dicionários**. Revista Alfa, São Paulo, 52 (1): 81-100, 2008
- OLIVEIRA, L. R. P. F. **Da techné grammatiké à gramática especulativa medieval: as relações lógicas e não lógicas do enunciado linguístico**. Anais do XV congresso nacional de linguística e filologia. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011
- PINTO, L. C. G. **Do que se confia às letras: a ciência gramatical nas etimologias de Isidoro de Sevilha**. Dissertação de mestrado em linguística. Campinas; IEL-UNICAMP, 2008.
- PROCÓPIO, E.; BRASIL SOARES, D. **De grammatica: história e tradição ocidental**. In: ARAÚJO; BIASI; DIEB. (Org.). Seminários linguísticos: discurso, análise, linguística, pesquisa e ensino. Natal: EUFRN, 2010, v. 1, p. 237-260.
- REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROBINS, R. H. **Ancient & Mediaeval Grammatical Theory in Europe**. London: G. Bell & Sons Ltd., 1951.
- SANTOS, R. M. **A normatização dos demonstrativos no processo tradutório**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade de Brasília, 2013.
- SILVA, S. R. **A precursora e a sucessora da Gramática de Port-Royal**. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/p00006.htm>>
- SOUZA, M. C. P. de. **Linguística Histórica**. In: PFEIFFER, C. C.; NUNES, J. H. (orgs.). Introdução às Ciências da Linguagem: Linguagem, História e Conhecimento. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- STUMPF, E. M. **A metalinguagem na aquisição da linguagem: uma abordagem enunciativa**. Anais do SITED - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso Porto Alegre, RS, setembro de 2010.
- SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática**. 4. ed. Campinas: Papirus Editora, 2002.
- VIEIRA, F.E. **A gramática tradicional: história crítica**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- TORRES, A.; ASSUNÇÃO, C. Introdução. In: _____. **Gramática da linguagem portuguesa. Edição crítica, semidiplomática e anastática**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 2000.
- WALDROP, M. **Complexity: the emerging science at the edge of order and chaos**. New York: Simon and Schuster, 1992.